

88136,379



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Dr. Antonio Gomes

Da Rocha Madahil







120 Continue Continues - Poemas Campetited e Novas - Poemas Competinis du blons To so were higher in wast Mondequeida prosona estram Lotter por Schown Neishan also Odas de Anasseontes Julio mas an ange - Carta de tolard to and as fogol ca sobre en a como in de It Agosticher de Mo used so in Laborator Literarias de D. Thomas Grierte





POEMAS

CAMPESTRES

DE HUM

TRANSTAGANO.



LISBOA:

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. LXXXIV.

FORMAS CAMPERTRES

TRANSPACENCE.



Attached and the second

中部令中部令中部教育中部命令部令

PARTIDA DE NERINA PARA A SUA CAZA DE CAMPO.

Vai fazer outros sitios venturozoa: Vai pizar a campina

Ornada de mil quadros deliciozos; E livre dos tumultos da Cidade, Vai respirar em paz, e liberdade.

A fresca Primavera

Adornada de mil vistozas stores

Ha muito que te espera:

Ella te servirá nas varias cores

Das suas producções; e as lindas avec

Te entoarão seus cantiços suaves.

As engraçadas rozas

Do matutino orvalho humedecidas

Te exhalarão vaidozas

Seus cheiros; e por tua mão colhidas,

Não fó encantarão teus olhos bellos,

Mas ornarão teu feio, e teus cabellos.

Lá gozarás contente

Das graças da manhãa rizonha, e pura:

Lá verás no Oriente

Raiar o louro Sol, e pela altura

Das faias, e outras arvores copadas

Hir-lhe dourando as folhas orvalhadas.

O zefyro ondeando
Por cima das fearas espigadas
Te virá refrescando
O inchado seio, e as faces inflammadas;
E sobre o teu cabello de ouro fino
Fará cahir o orvalho matutino.

Por onde tu passares
A terra brotará milhões de flores,
Que persumem os ares.
Lá ouvirás os cantos dos pastores,
Que cheios de prazer, respeito, e gosto
Celebrarão as graças de teu rosto.

Ah, e com que alegria
Verás correr as agoas do regato;
Por entre a relva fria:
Com que prazer verás o teu retrato
Na crystallina fonte, que murmura
Pelo valle coberto de verdura.

Aqui verás pastarem
As cabras, pelos troncos empinadas:
Alli verás saltarem
Por cima das hervinhas burrisadas,
Os cordeirinhos da fina láa vestidos,
Buscando as suas máis pelos balidos.

As arvores copadas

Te mostraráó mil tremulos brilhantes

Nas folhas orvalhadas:

E ás sombras de seus ramos ondeantes
Os fatigados membros reclinando
O intenso ardor da sesta hirás passando.

Pastoras, e pastores,
Pelo teu genio amavel attrahidos,
Trazendo-te mil flores
Em cestinhos de vime bem tecidos
Te virão entreter algúas vezes
Com seus devertimentos camponezes.

Ora com pé cadente

Ao fom de alguns campestres instrumentos
Pizaráo livremente
Do prado os apraziveis ornamentos:
Ora á fombra das arvores sentados
Entoaráo seus cantos alternados.

Lá ouvirás com gosto
O canto de hum pastor favorecido,
Que louva o lindo rosto
Da pastora siel, que o traz rendido:
O puro amor, e a sabia natureza
Lhe inspiráo a ternura, e a singeleza.

Seu verso sem cultura,
A's vezes he errado, e mal cadente,
Mas pinta com brandura
Os effeitos do amor, que nalma sente;
Que ás leis penosas da arte pouco attento
Falta a medida, e exprime o sentimento.

A pastora amorosa,

Que escuta o canto em seu louvor composto;

Alegre, e vergonhosa

Surri, e instamma a côr do lindo rosto:

E com hum ar de aprovação contente

Os olhos nelle poem furtivamente.

Alli dous contendores

Do mesmo objecto amantes, se disputáo
A honra de vencedores:

Já com os enlaçados braços lutáo,
Já correm á baliza dezejada,
E apenas deixão a erva destorada.

Já fobre os pés firmados
Balanceão a barra, que despedem
Por turnos alternados:
De hum olho prespicaz o campo medem,
E repetem os tiros voadores,
Ora vencidos, ora vencedores.

Mas quando o Sol dourado
Aplaca o feu calor, com que alegria
Hirás gozar do prado
O rizonho matiz fem femetria!
Com que fatisfação inexplicavel
Farás teu exercicio faudavel!

A estimavel saude
Fructo dos exercicios moderados;
E a rizonha virtude
Livre dos melancolicos cuidados
Te sarão nesses citios noite, e dia
Alegre, e inseparavel companhia.

Das flores (menos bellas

Que o teu furrizo encantador, e honesto)

Farás lindas capellas;

E passarás da fresca tarde o resto

Desfolhando os campestres malmequeres

Por veres se te quer, a quem tu queres.

Mas quando o pegureiro
Recolhe o gado ao teu cazal tornando
Verás, que o teu rafeiro
Ao teu encontro vem mil faltos dando;
E como quem mostrar-te amor dezeja
Com a volubil cauda te festeja.

Depois com que deleite
Verás mongir no aprisco o manço gado!
O quente, e branco leite
Esguichando com força no ferrado
Te mostrará mil bolhas transparentes,
De cores, e grandezas differentes.

Dentro do cinxo leve,

A natenta coalhada hirás deitando,

Mais branca do que a neve;

E brandamente nella carregando,

Formarás com mão pequena, e bella

O queijo fobre a ruftica francella.

Depois do queijo feito,

E de ter escorrido o louro almesse,

Com hum ar satisfeito

Veras como se aliza, e se endurece,

E no devido tempo fermentando

Apparece depois gostozo, e brando.

Affim entre alegtias
Com innocencia, e paz hirás passando
Teus venturosos dias;
E de noite virá o sono brando,
Receber em seus braços socegados
Teus membros brandamente fatigados.

Ditozo o que contente

Com feus bens passa a vida saborosa

Livre do mal dizente,

E longe da Cidade escandaloza,

Onde a soberba, a inveja, e outros vicios

Fazem mil horrorozos sacrificios.

Mas muito mais ditozo
Aquelle, que dos vicios feparado,
Com paffo virtuozo
Imita os teus exemplos, e ao teu lado
Aprendendo as lições da sáa prudencia,
Goza os doces prazeres da innocencia.

※ 非非非常非非非非非非非非非非非非非非非

POEMA PASTORIL

A PRIMAVERA.

Desta fonte o murmurio grato, e brando!
Como o zefyro amavel
Lhe vai as suas agoas enerespando!
E sacudindo as arvores copadas
Lhe faz variar as sombras marchetadas!

Como vai ferpejando
Por entre flores, e hervas o ribeiro!
Como vai animando
As faldas do empinado, e tofco oiteiro!
Como em feu fundo fazem os pexinhos
Tremer a leve fombra nos feixinhos.

Como as moitas floridas
Bordando as fuas agoas vagarofas
Se vem entretecidas
Co cheirofo alecrim; e as lindas rozas
Abrindo os feus botoes de vivas cores
Parecem fer Rainhas das mais flores!

Que poderoso encanto

Me faz daquelles tremulos raminhos,
O alegre, e doce canto

Dos vistozos, e inquietos pastarinhos!

Como surri o ameno, e verde prado
De mil cheirosas flores esmaltado!

A primavera amavel

Como vai feus thezouros espalhando
Pelo campo agradavel!

Que lustre, que alegria lhe vai dando!

Como em tudo por onde alegre passa

Faz brilhar o prazer, o amor, e a graça!

Que ternos fentimentos
Fazem nascer o amor, e a natureza!
Os corações izentos
A pouco e pouco perdem a dureza!
E os rebellados contra o cégo Archeiro
Tornão ao seu antigo cativeiro.

O calor temperado
Inda não sêcca os ramos ondeantes:
O novilho malhado
Inda não buíca as fombras inconstantes;
Mas, nos mugidos seus, bem claramento
Descobre o ardor, que pelas veias sente.

O gado se remossa

E brinca, pela relva humedecida.

A torrente se engrossa

Pela neve nos montes derretida;

E nos sombrios valles desagoando

Vai os vesinhos campos secundando.

A floresta engraçada
Se eleva como a linda, e tenra espoza,
Que de flores ornada,
E coberta de aromas vai gostoza
Realçando a natural graciozidade,
Co surrizo gentil da mocidade.

Oh Estação amavel,
Tu revestes a terra núa d'antes
De verdura agradavel:
Tu crias as tulipas, os turbantes,
E as slores, que no seio das donzellas
Nos parecem depois muito mais bellas.

Por ti de vivas cores
Se tinge da pastora o lindo rosto:
Nelle os ternos amores
Perigozas cilladas tem disposto,
Em que o pastor singelo, incautamente,
A liberdade vai perder contente.

A candida alegria
Os jogos, os prazeres, e a frefcura
Te feguem noite, e dia.
Comeigo amor, que vibra a fetta dura
As incansaveis azas sacodindo
Das proximas victorias vai surrindo.

Tu cobres a campina,

E as arvores de flores: os ribeiros,

E a fonte crystallina

De avenca: o valle, e os ingremes oiteiros

De verdura, e cascatas estrondosas,

E o bosque de mil folhas buliçosas.

As graças de mãos dadas
Comtigo vão os campos vizitando:
As arvores copadas
Por entre a flor, os frutos vão mostrando:
E com os seus aromas saudaveis
Embalçamão os ares agradaveis.

Mas eu aqui deitado
Debaixo destas arvores sombrias
Sobre a reiva do prado
Te virei contemplar todos os dias,
Em quanto do regato o som gostozo
Me não trouxer hum sono saborozo.

-11

Os fonhos voadores

Me mostrarão de Alcina o lindo rosto:

Seus olhos matadores

Me encherão de alegria, gloria, e gosto:

E eu louvarei o instante afortunado,

Que me fez alcançar o seu agrado.



各个自己的人员的人员的自己的自己的

ALMENO, E ALCINA

IDYLLIO.

Almeno.

Vem descançar à sombra lizongeira
Desta arvore copada,
Que vez à clara sonte sobranceira.

Este berço viçozo

De lindas madresilvas te convida,

Com seu cheiro graciozo,

A gozar da frescura apetecida.

O lago focegado,
Que formárão as agoas do ribeiro
Te mostra retratado
O arvoredo daquelle tosco oiteiro.

Os vizinhos pomares Carregados de frutas faborozas Embalfamão os ares Com as fuas fragancias preciozas, Ah vem: e aqui fentados,
Debaixo destes ramos cantaremos
Em versos alternados,
Do nosso amor os candidos extremos.

Teus cantos mais fuaves,
Que a fresca viração; e mais graciozos,
Que das pintadas aves
Os canticos alegres, e mimozos,

Farão, Alcina amavel,
Nascer dentro desta alma, que te adora,
Hum gosto inexplicavel,
E huma satisfação encantadora.

Alcina.

Que prazer, que alegria Cauzará na minha alma namorada A doce melodia, Que te foi, pelas graças infpirada.

Teu canto inimitavel
Mais doce, do que o mel, è mais graciozo,
Que o fufurro agradavel,
Que o vento faz no platano frondozo,

Será de graças tantas, Que no fim delle, Almeno transportada No estilo, com que cantas, Ficarei sem poder responder nada.

Almeno.

Florestas deliciozas,
Pacificos ribeiros, altos montes,
Campinas espaçozas,
Viçozos vales, erystallinas fontes,

Vós, que vistes de Alcina A insensibilidade, vede agora A graça peregrina, Com que premêa a sé de quem adora.

Alcina.

Sombrios arvoredos,
Espessos bosques, arvores frondozas,
Levantados rochedos,
Verdes prados, cascatas estrondozas,

Vós, que já de meu peito Vistes a condição endurecida. Vede agora, que effeito Faz amor na minha alma enternecida.

Almeno.

Não: mais afortunado
Do que cu, não ha pastor: da bella Alcina,
O terno, e doce agrado
Do seu amor a posse me destina.

Nas lindas faces della
Brilha da rosa a côr encantadora,
Mais gracioza, e mais bella,
Que o surrizo gentil da fresca aurora

Alcina.

Alcina afortunada,
Como he o teu destino, e amor gloriozo!
Pois te vez adorada
De hum pastor tão discreto, e virtuozo.

Seus dourados cabellos Sua boca, e feus olhos roubadores São para mim mais bellos, Que do Sol os primeiros refplandores.

Almeno.

Os jardins adornados
De flores, e verdura são graciozos;
Os ramos burrifados
Pelo tremulo orvalho são viftozos;

Mas os olhos de Alcina
Mais engraçados são, se alguma vez
A ternura os inclina
Aos meus, com huma certa languidez.

Alcina.

Quanto he suave, e grato
Ver como vai o zesyro encrespando
As agoas do regato,
Que vao por entre as slores murmurando!

Mas he incomparavel
O gosto, que a meu peito communica
O surrizo agradavel,
Com que Almeno o seu puro amor me explica.

Almeno.

Quando em teus olhos li Pela primeira vez, o teu agrado, No meu peito fenti Bater o coração mais apressado.

Lagrimas de alegria
As inflammadas faces me inundavão:
Eu suspirava, e via,
Que os teus olhos tambem me acompanhavão:

Ala

Alcina.

Quando o benigno amor Rendeu meu coração impedernido, Tremi; mudei de côr, E senti hum calor desconhecido.

De fusto, e de alegria
A hum tempo o coração se penetrava:
Eu suspirava, e ria,
Sem perceber se ria, ou suspirava.

Almeno.

Tremulo, e perturbado Caio a teus pés; e aos Ceos as graças rendo, Pelo benigno agrado, Que em teus fermosos olhos estou vendo.

Depois mais atrevido
Te bejo a mão, que fem vigor retiras:
Teu enfado fingido
Me rebate: eu definaio, e tu fuspiras.

Alcina.

O pejo me obrigava
A repremir a chamma, que fentia;
Mas quanto forcejava,
Tanto do meu esforço-amor se ria.

Em

Os meus suspiros, e ais enternecidos Mostrarão n'um instante De meu peito os affectos escondidos.

Almeno.

Instante afortunado Foi esse, em que eu te ouvi a vez primeira, Que do teu terno agrado Teu coração me dava a posse inteira.

Alcina.

Feliz foi esse instante;
Pois quando nelle a minha mão beijaste,
A meu amor constante
Com ternura huma eterna sé juraste.

Almeno.

Ah queira amor, pastora, Que para mim o teu affecto seja Sempre qual he agora; Que nada mais meu coração dezeja.

Alcina.

Meu cotação amante

Tambem do mundo nada mais dezeja,

Que o teu amor constante,

Já que o primeiro foi, o ultimo seja.

R ii

Em

Em quanto assim cantavão,
Ο Ceo, ο vento, as arvores, e as slores
Attentos escuravão
Da sua voz os sons encantadores.

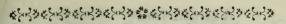
Mas Nize, que lhe ouvira Do seu amor as expreções sinceras; Nize, que inda não vira Bem perseitas quatorze Primaveras,

A elles chega; e tingiudo
De viva côr a face vergonhoza,
Assim lhe diz surrindo:
Quanto he a vossa sorte venturoza?

O vosso canto brando
Iguala o vosso amor.... aqui suspira:
E os olhos abaixando,
Entre os beiços a doce voz lhe expira.

Que suspirar he esse?
(Almeno lhe pergunta) que desgosto,
Ou paixão te imudece,
E te faz inflammar a côr do rosto.

Mas fuppondo a Pastora, Que elle percebe a cauza, que ella esconde, De novo as saces cora; Perturba-se, suspira, e não responde.



IDYLLIO. ALCIDO, E ALEXO.

Um dia, o moço Alcido Com o rustico Alexo passeava, Por hum vale slorido, Que hum ribeiro pacifico regava.

As agoas vagarozas,
Por entre as espadanas murmurando,
Milabolhas espumozas
Hiáo em torno dellas levantando.

A bella natureza,
Em mil, e mil objectos lhe mostrava
As graças, e a riqueza,
Com que por toda a parte se adornava.

A Aurora aparecia
De rozas, e jasmins a frente ornada,
E nas solhas tremia
O crystallino humor da madrugada.

A cámpina furria Adornada de flores, e verdura; E o zefyro trazia Em fuas brandas azas a frescura.

Mas elle, (que viera Convalescer de certa enfermidade, Que na patria tivera Por desordens da louca mocidade.)

A vida na Cidade entre recreios;
Onde só se occupára
Em danças, jogos, modas, e paceios.

Por mais, que alli brilhava
Da Primavera a natural belleza,
Com desplicencia olhava
Para as graças da simplez natureza.

Que triste he o destino (Dizia então) dos rusticos pastores Expostos de contino A ventos, chuvas, frios, e calores!

A mesma láa os cobre No inverno, e no verão: o mesmo trato Grosseiro, humilde, e pobre Tem na campina, monte, vale, e mato. O mantimento delles

He quazi fempre o mesmo: a terra dura,

E algumas toscas peles

Por cama tem, e o Ceo por cobertura.

Parece, que indignados
Os foberanos Deozes das maldades
Dos feus antepatfados
Quizerão desterrallos das Cidades.

E que, sem convivencia, Por sitios dezabridos, e penozos, Passafem na indigencia Seus tristes dias sempre trabalhozos.

Mas quanto he differente
Das Cidades, a condição luzida!
Lá infensivelmente
De prazer, em prazer se passa a vida.

Lá se vem magestozos Carrocins, e magnificos arreios De cavallos sogozos, Que mastigando vão luzentes freios.

Que pompa, que riqueza Alli fe vê brilhar! Por toda a parte Se mostra a natureza Vencida, pelo nobre essorço da arte.

So-

Soberbos edificios,
Altas muralhas, torres magestozas,
Porticos, frontespicios,
Ruas, e praças planas, e espaçozas.

Tudo, Alexo, respira
Magnificencia, pompa, e luzimento:
Tudo respeito inspira:
Tudo insunde geral contentamento.

Os prazeres variados:
Os diversos manjares saborozos:
E os vinhos delicados
Raras vezes nos são sas fastidiozos.

Alli fomos fervidos
Por mil, e mil criados diligentes;
Que trazemos vestidos
De librés; com divizas differentes.

Alli do quente Estio Nos defendem as cazas levantadas. Alli no Inverno frio Zombamos dos chuveiros, e geadas.

Em fim a fociedade, Inimiga da negra hypocondria No feio da amizade Nos enfina, e nos enche de alegria. Affim falava Alcido;
Mas o ruftico Alexo impaciente
Do que lhe tinha ouvido,
Que paffaffe adiante não confente;

E com razões modestas
Lhe diz assim: tu chamas desgraçadas
As pessoas honestas
Que vivem das Cidades apartadas,

Tu julgas venturozas
Sómente as que tiverão nascimento
Nas terras populozas
Entre a riqueza, pompa, e luzimento?

Tu supões, que as riquezas,
As torres, e os palacios magestozos
Que tanto Alcido prezas,
Possão fazer seus donos virtuozos?

Tu cres que a variedade
Dos mantimentos feja mais fadia
Do que a timplicidade
Daquelles, que entre nós a terra cria?

Ou julgas, que no meio
Das pompas, e espectaculos milhores
Sintão igual recreio
Os Cidadões, e os rusticos pastores?

Como são differentes

Dos teus, Alcido, os noslos fentimentos?

Nós vivemos contentes

Cos nossos pastoris devertimentos.

Nós vemos da Cidade A pompa, que descreves; e louvamos A paz, e liberdade, Com que nos patrios campos respiramos.

Parecem-nos inuteis
Quazi todas as coufas, que lá vemos;
E fe acazo são uteis
Nós precizão nenhuma dellas temos

A's vezes reparando
Nas precizões fuperfluas dos nobres,
Ficamos affentando
Que inda mais do que nós, são elles pobres.

As invernadas frias
Passamos na cabana alegremente;
E as arvores sombrias
Nos defendem do Sol no Estio ardente.

Aqui o manço gado
De láa nos veste: aqui nos dá a terra
O mantimento uzado,
Que a roedora fome nos desterra.

0 3

Aqui nem he fingida

A rizonha amizade, nem le altera;

E se he pouco pulida

A sociedade amavel, he sincera.

Alcido.

Mas essa sociedade Não será como a nossa fructuoza.

Alexo.

Que singularidade Tem a tua, que a faz mais proveitoza?

Alcido.

Alli sabemos tudo,
Quanto se passa dentro na Cidade.
Alli com pouco estudo
Fazemos sabia a nossa ociozidade.

Alli dos penteados Sabemos, pelas regras do bom gosto, Se são os levantados Os que tirão, ou dão a graça ao rosto.

Alli com agudeza,
A importante questão se trata, e explica
Da fivéla Malteza,
Se mais alta, ou mais baixa milhor fica.

Al-

Alli a faber vimos

A hiftoria universal da vida alhea;

E por aqui subimos

A' grande estimação de huma assemblea.

Alli das Damas bellas Ouvimos as intrigas mais galantes; E fabemos, por ellas, Se são, ou não fieis aos feus amantes.

Depois com que alègria, Vamos fazer daquellas novidades Goftoza anatomia A's pessoas das nossas amizades.

Assim nos divertimos; E não somos já mais tão bem acceitos, Que quando, descobrimos De humas Damas, ás outras os deseitos.

Alli nos dáo ouvidos; E em nós lhe misturando algum incenço Somos por ellas tidos Em conta de pessoas de bom senço.

Humas vezes o jogo (Ainda, que arruina) nos diverte; Outras no dezafogo Das muzicas, e danças se converte. Depois mil Damas bellas
Nos ouvem expreções de vehemencia,
Com que vencemos dellas
A debil, ou fingida rezistencia.

Assim nos conduzimos
No meio de huma convivencia amavel;
E deste modo unimos
Magistralmente ao util, o agradavel.

Alexo.

Admiro, e não invejo

Das tuas assembléas a excellencia;

Nem repartir dezejo

Os frutos de tão bella convivencia.

Nas nossas não tratamos Materias tão decentes, e importantes: Nós só nos occupamos Nas que reputas pouco interessantes.

Por exemplo, fe deve Ser feita a fementeira em tempo frio. Se he bom fazer alqueve Nas relvas, que ficárão de poizio.

Se he bom queimar o pasto Antes de semear o loiro trigo; Ou se de ser mais basto Lhe pode succeder algum perigo. Como deve ser feito
Hum enxerio n'uma arvore de fructo;
E se para este effeito
He precizo escolher o tempo enchuto.

Se he boa a Lua chêa
Para plantar: ou fe he de máo agoiro
Crestar nella a colmea
Que encerra o doce mel viscozo, e loiro.

Outras vezes falamos Nas molestias do gado; e attentamente As razões escutamos Do mais maduro, e mais experiente.

Assim nos instruimos

No que hé bom: e mão, e desta sorte

Mil vezes lhe acodimos,

E os livramos do mal, e certa morte.

Tambem o amor tem parte Nas nossas assembléas. As pastoras Sem os soccorros da arte Tem graças naturaes, e encantadoras.

Nos feus gentis femblantes Brilha o furrizo amavel da innocencia; Seus olhos penetrantes Nos fabem cativar fem violencia. Mas se nos namoramos,
Nossa correspondencia he verdadeira;
E huma he só, a quem damos
Do nosso coração a posse inteira.

Por mais as obrigarmos

Lhe trazemos do campo as lindas flores;

E em vez de as infamarmos

Com modeftia entoamos feus louvores.

Por este modo amavel
Pertendemos unir, sem indecencia,
Ao util, o agradavel,
E ao terno amor a candida innocencia.



(.) United the state of the state o The second of 3

NOVOS POEMAS

CAMPESTRES

DE HUM
TRANSTAGANO.



LISBOA

Na Offic. de Jozé da Silva Nazareth.

Anno M.dcc.lxxxv.

Com licença da Real Meza Cenforia.

NOVOSTOEMAS CAMPESTRES DE U. V.



VUISIT

N. Office Justine 11 Street

And Mary Mary States



O CIUME.

ALMENO, E ALCINAL

Carinhofa Alcina
mais alva que o jasmim, e inda mais bella
que a rosa matutina
pelo pastor Almeno se disvella;
e Almeno que de amor já sente a chaga
com outro igual amor, amor lhe paga.

Nos olhos roubadores
da paítora brilhavaó os agrados
as graças, e os amores,
e nos cabellos louros, e anelados
fubtilissimos laços se escondiaó,
em que mil almas ternas se escondiaó.

Ai

Sur-

Surriaó no feu rosto
o prazer, os encantos, a ternura,
a singeleza, e o gosto
e a boca além da celestial doçura
mais risonha, e mais linda parecia,
que a manhá ao raiar do claro dia.

No talhe magestoso

a Deosa Caçadora parecia,
que no lamio fragoso
as indomitas féras perseguia
o olhar modesto, o passo concertado;
mas tudo natural, nada affectado.

Na paz em que vivia
outro nenhum cuidado a desvellava
mais que o sogo em que ardia,
e o zello do rebanho, que pastava
pela campina, ou pelo prado ameno,
por onde o seu também trazia Almeno.

Neste humilde exercicio fem conhecer já mais da forte dura o mais pequeno indicio gozava a bella Alcina da ventura de amor constante, e ser correspondida, que he huma das maiores desta vida. Mas a cruel inveja,
que o focego de Alcina nao foffria,
quanto póde forceja
por lhe roubar a paz em que vivia;
convidando para isto o cruel nume,
a que os mortaes dao nome do Ciume

Voa esta divindade
filha do amor, e ao mesmo amor opposta,
da horrenda escuridade
do tartaro profundo; e vem disposta
a derramar no coração de Alcina
o veneno, que os gostos contamina.

Já nem dorme, nem come com a paz com que dantes o fazia:
já de Feliz o nome
a faz fobrefaltar: já defconfia da fé do feu paftor, e anda agitada como a corfa da fetta trafpassada.

Já do rifonho prado
lhe nao agrada a relva humida, e fria,
já nao cuida do gado;
antes huma fatal melancolia
com horriveis fantasmas a transporta,
e a trás triste, assurada, assurada, e absorta.

A fonte, em que algum dia costumava compor o seu cabello nao lhe dá alegria; nem se diverte já no prado bello em colher como dantes as boninas borrifadas de gotas crystallinas.

Nem o canto das aves, nem a frescura da manhá rosada, nem das slores suaves os aromas lhe agradaó; transportada nas traiçoens, que lhe singe a fantazia, em nada do que vê acha alegria.

O pastor innocente
nao fabe a que attribua estes transportes,
que vê constantemente
em Alcina; más julga cousas fortes
as que em tam pouco tempo tem trocado
em desabrido trato o seu agrado.

Mil vezes procurava
faber que caufa a trás taó defcontente.
Ora as máos lhe bejava:
ora de terno pranto huma corrente
pelas tremulas faces lhe defcia,
que bem a fua pena lhe exprimia.

Mas a zellosa Alcina,
que examinar pertende o que presume
occultar determina
a tyranna paixao do seu ciume;
e por mais que elle intenta confessalla,
os olhos poem no chao, suspira, e calla.

Elle desesperado
com taó fatal silencio naó atina
no expediente acertado,
que devêra tomar: Ora imagina,
que da sua pastora os dissabores
nascem de alguns incognitos amores.

Ora julga, e receia,
que algum peito invejoso, e acautelado
a sizania semeia
no coração de Alcina, e o seu agrado
the rouba: Ora que algum opposto nume
fazello disgraçado então presume.

Nesta preplexidade de oppostos pensamentos se suspende; e entre a diversidade dos esfeitos, que observa, e nao entende, parece como a não empavezada d'oppostos rijos ventos açoutada. Os gostos innocentes
que sempre o acompanhavaó, se trocaraó
em suspiros ardentes
o socego, e o prazer o abandonaraó;
e entregue a dura pena, que o devora,
naó parece o pastor, que dantes sora.

Alcina, que de vista
nao perde o seu pastor, attentamente
os seus passos resista:
c huma noite em que o sono nao consente
socego algum á dôr, que nalma tinha,
á cabana de Almeno se encaminha.

E quando já se achava perto della, os suspiros, e ais frequentes, que o triste pastor dava misturados com lagrimas ardentes os passos the suspendem; e ella ouvia as razoens que o pastor entao dizia.

Alcina, mais formosa,
que a serena manhá: mais engraçada,
que a assucena cheirosa
do matutino orvalho salpicada:
mas inda mais cruel, e desabrida,
que a vibora d'incauto pé serida.

Se dos teus defagrados
he causa outro pastor mais venturoso,
queiras os justos sados
que em paga do teu genio cavilloso
encontres hum pastor, que use contigo
a mesma sé, que usaste tu comigo

Mas ah, pastora amada, perdoa este transporte intempestivo, que a razaó perturbada com o excesso do meu tormento activo me faz articular: na dôr que exhala naó falla o coração, se a lingua falla.

Querer vingança! e he crivel,
que eu pudesse ábrigar no meu desejo
hum monstro tao horrivel!
Ah que de consusaó, horror, e pejo
me bate o coração mais apressado
só por tao vil paixão me ter lembrado.

Se fou humilde, e pobre,
e nao conheço os faustos, e as grandezas;
tenho coração nobre,
e huma alma inaccessivel ás villezas;
e de quem tu pastora nao ignoras
os costumes, que tem, pois nella moras.

Não he tao favoravel

a bella flor o orvalho abrilhantado;
nem he tao agradavel

a fombra ao caminhante fatigado,
como no trifte estado em que me vejo
hum teu agrado so a meu desejo.

Mas fe para alcançallo
me for preciso usar de acçao indigna,
ficarei sem lograllo;
que inda que o teu amor, e sé benigna
são das cousas que mais minha alma préza,
primeiro he dos costumes a inteireza.

O teu gentil semblante naó teve na minha alma sorça tanta, que me fizesse amante; a formosa virtude, que me encanta, e dos nossos costumes a igualdade, me fizeraó perder a liberdade.

Mas se algum nume opposto
te obriga a ser cruel com quem te adora;
com tanto, que em teu rosto
torne a brilhar a paz gentil pastora,
eu morrerei contente, e satisfeito;
por ver que morro assim a teu respeito.

Na paz da fepultura nos braços da inculpavel innocencia veraó minha fé pura; e entaó conheceraó pela experiencia, que a tua condição endurecida foi quem do peito me arrancou a vida.

Disse, e a pastora afflita supprimir os soluços naó podendo, corre, e se precepita nos braços do pastor, que a estava vendo, e naó podia crer huma ventura, que o tira da visinha sepultura.

As lagrimas de gosto succedem as da mágoa, e se misturao em hum, e em outro rosto, alli se abração ternos; e alli jurão nos braços da innocencia, e honestidade huma eterna, e inculpavel amizade.

IDILIO.

Almeno, e Alcina.

A' do Sol fe escondiao parte dos louros raios no Oceano, já os olhos podiao feus resplandores observar sem dano; e as sombras já cahiao despenhadas do cume das montanhas empinadas.

As nuvens luminosas visinhas do Occidente se tingiao de mil cores vistosas, e como sinos vellos se estendiao por sima do Orizonte, ora asroxando o restexo, ora as cores avivando.

Os rusticos pastores vinhao dos pastos recolhendo os gados, entoando os louvores das pastoras, que os trazem desvelados; e pondo fim ao canto os passarinhos, se recolhiao ja para os seus ninhos. Mas o pastor Almeno,
a quem a rica natureza dera
hum animo sereno,

além de outros mil does, que lhe fizera, fentado ao pé de huma arvore esperava a formosa pastora, que elle amava.

Com hum farpaó dourado
lhe tinha amor o coração ferido;
e o feu objecto amado
era a paftora Alcina, em quem unido
tinha a fecunda, e fabia natureza
a diferição, a graça, e a natureza.

O pastor que nao via
a quérida pastora, que esperava;
e que naquelle dia
muito mais que nos outros lhe tardava,
desta sorte entretinha a vehemencia
de sua consusaó, e impaciencia.

Oh quanto he agradavel ver as rifonhas graças do Sol posto?

O resplandor variavel
das instammadas nuvens me dá gosto:
mas quanto o meu prazer maior seria:
se a minha bella Alcina agora via?

Oh quanto he engraçada a meus olhos a luz ferena, e fria da Lua prateada por entre os ramos da arvore fombria? mas quanto, quanto mais me confolára, fe dos olhos de Alcina a luz gozára?

Das partes do Poente a grata viração vem refrescando a fatigada gente; mas para mim de Alcina o rosto brando mais doce, e mais suave me seria, que a fresca viração da noite fria.

Ah! vem, pastora amada, vem consolar huma alma, que te espera: a terra matizada c'o as lindas producçoens da Primavera, offerece a teus pés de neve pura, as campinas vestidas de verdura.

Cederao brandamente

à impressa de teus passos delicados

a relva renascente,
os jasmins, e os junquilhos engraçados;
e rastejando pelo prado ameno,
o trevo bejará teu pé pequeno.

As engraçadas flores
exhalaraó por onde tu paffares
feus aromas milhores;
e embalfamando os transparentes ares,
te faraó respirar por estes prados
os seus suaves cheiros misturados.

O Zefiro amoroso
inchando o teu vestido sluctuante,
com seu sopro gracioso
inundará teu seio, e teu semblante;
e pelos teus cabellos anelados,
repetirá mil voos temperados.

Assim como as mais aves saudao a manhá de cor de rosa com canticos suaves; assim os roxinoes com voz mimosa saudarao na noite socegada a tua vinda tanto desejada.

Para que nao sentisses
o incomodo menor nalgum espinho,
em que os teus pés ferisses,
nao sómente arranquei deste caminho
os abrolhos, o cardo, a silva, e as rosas,
mas ainda as coisas menos espinhosas.

E inda nao vens pastora!
que deidade inimiga do meu gosto
os passos te demora?
Ah! vem, Alcina, vem, que de teu rosto
a natural belleza mais me agrada,
que á mansa ovelha a relva borrisada.

Aqui verás a Lua
por entre o espesso bosque ir espathando
a claridade sua:
aqui verás o como vao saltando
na veia dos regatos bolicosos
da mesma Deosa os raios luminosos.

Na falda deste monte
podes ouvir o som stave, e brando
da crystallina fonte,
que vai por entre a avenca murmurando;
e sórma aquelle lago socegado
de lindas stores, e hervas adornado.

Zefiros lifonjeiros, que vindes da floresta, e da campina carregados de cheiros, á cabana voai da minha Alcina, e com as vossas azas carinhosas refrescai do seu rosto as lindas rosas. Cabana affortunada,
azillo da belleza, e da innocencia;
eu te vejo fechada
á minha roedora impaciencia;
mas ah que tu incerras hum thefoiro;
que inda tem mais valor que a prata, e o oiro.

Oh quanto, quanto dera
fe confeguira ver-te aberta agora,
e fe habitar pudéra
com a minha bellissima passora,
dentro no teu circuito humilde, e pobre,
debaxo desse colmo, que te cobre.

Amor, ouve os meus brados;
e leva nas azas da ventura
os meus ais inflammados;
que ella os respire, e nelles a ternura;
que por elles lhe lembre o assesso ardente
de quem por ella espera impaciente.

Apenas acabava
estas razoens Almeno, quando sente
que sobre elle espalhava
occulta mas mil stores: de repente
volta a cabeça, e ve o rosso lindo
da sua Alcina, que se estava rindo.

Almeno, lhe diz ella, quanto me agrada a tua impaciencia!
Oh como fe vê nella
do teu amor a candida innocencia:
as tuas expressons saó mais gostosas, que o savo das abelhas cuidadosas.

Mas inda que eu conheço que ellas são de hum constante amor nascidas; e que de hum alto preço são as tuas finezas repetidas, não, no meu coração, nenhuma entrára, se menos virtuoso te julgara.

Eu preferi ao ver-te
o gosto de acudir a humanidade;
mas naó quero dizer-te
o que fiz; que as acçoens de caridade
na boca do que as faz perdem a gloria,
e mostraó se disseraó por vangloria.

Tu mesmo me ensinaste
a amar-te assim naquella vez primeira,
que comigo fallaste;
pois vendo despenhar-se na ribeira
hum carneiro de Ansrizo, lhe acodiste,
e ao fallar-me, o livrallo preferiste.

Esta acção te fez digno da minha estimação, e terno agrado.

Hum coração benigno he para mim o dom mais estimado, que até agora fez a Divindade a fragil, e cançada humanidade.

Tu verás coroados
pelas máos da virtude, e da innocencia;
teus votos inflammados;
e eu louvarei a fabia Próvidencia,
por me ter destinado para esposo,
hum pastor taó benigno, e virtuoso.

A candida innocencia
nos deixará gozar, com alegria,
os dons da Providencia;
e Deos, que lá dos altos Ceos vigia
os coraçoens honestos dos humanos,
em nós porá seus olhos soberanos.

Os Celestes favores gyraraó, como o Zesiro agradavel por entre as lindas slores; e nos braços de hum sono deleitavel; nos viraó entreter os leves sonhos cada vez mais gostosos, e risonhos. Os dias passaremos
no seio de huma paz sempre constante;
e de amor cantaremos
a comoção suave, e penetrante,
por ser o donativo mais jucundo,
que a Providencia quiz deixar no mundo.

O INVERNO.

Ual o conquistador soberbo, e sorte, que por entre o suror do sero Marte, leva consigo a morte, o horror, e a consusa por toda a parte, talla os campos, e as arvores queimando, vai Cidades, e Reinos desolando.

Affim o frio Inverno acompanhado de nuvens, e chuveiros abundantes fobre hum carro nevado, que conduzem os ventos fibilantes, por toda a parte abate com fereza, as bellas producçõens da na ureza.

Os prados, e as florestas engraçadas da natural belleza se despojao.

Das arvores copadas os turbulentos Aquilcens arrojao as folhas, que já forao nos ardores do Lílio, abrigo aos gados, e aos pastores.

As

As carrancudas nuvens fuzilando fe desfazem em raios tortuolos.

Os torvoens retumbando pelas faldas dos montes cavernosos, em repetidos écos se confundem, e nos mortaes hum novo horror infundem.

O rio, que mostrava (ha pouco) o fundo, e fora do rebanho atropelado, já corre furibundo; e bramindo espumoso, e encapellado, fóra do seio natural se estende, e ao triste caminhante os passos prende.

Ja fenaó vê furrir a linda Aurora, por cima do Orizonte: nem das aves

a muzica fonora
lhe entoa já feus canticos fuaves,
emudecem as flautas dos paftores,
e fó fe efcutaó ventos zunidores.

O Sol, que com pomposa magestade nas manhans do Verao raiar se via, que debil claridade por entre as negras nuvens nos envias já parte do seu gyro tem corrido, sem que nelle nos informe que he nascido.

Que ligeiro caminha o brusco dia ; e o seu lugar à noite vai cedendo!

Esta Deosa sombria sobré o seu carro de evano descendo ; estende pela terra hum negro manto ; que infunde nos mortaes terror ; e espanto.

De balde a branca Lua rodeada de brilhantes estrellas nos envia sua luz prateada; que ou naó penetra o véo da noite fria;

que ou não penetra o veo da noite fria ; ou fe o penetra , a debil claridade faz mais medonha a mesma escuridade.

A terra já naó brota as flores bellas ; com que na Primavera se teciaó bellissimas capellas ; que de suaves cheiros o ar enchiaó ; e a languida , e abatida natureza naó mostra mais que objectos de tristeza.

Se nos ornatos feus de vivas cores brilhou já como a tenra, e linda Esposa adornada de slores; hoje apparece abjecta, e luctuosa como a recem-viuva inconsolavel pela perda do Esposo irreparavel. Mas com q estrondo as aguas espumosas se despenhao das serras impinadas; e bramindo suriosas levao comsigo as arvores copadas. os curraes, e rebanho espavorido, que estava as suas saldas acolhido.

Os regatos inchando o turvo feio, e os ribeiros as margens franqueando, vaó correndo fem freio pelos defertos campos; e alagando as bem principiadas fementeiras, fazem apodrecer o graó nas geiras.

As nuvens, que se eleva em vapores, e fingem as estrellas azuladas de differentes cores, rasga so suas entranhas carregadas: e desfeitas em rapidas correntes, aterras o pastor, o gado, e as gentes.

As féras fe retiraó temerofas á folidaó das grutas abrigadas; e as aves receofas, que prevem as penofas invernadas, já tem bufcado os troncos carcomidos, que as livraó dos chuveiros defabridos. Os ventos procelosos, e arrogantes por entre as altas serras vem bramindo; e aos tristes navegantes pelas cerulea on das investindo;

pelas cerulea on das investindo; ameação com furia desabrida a perda da fazenda, e o sim da vida.

As ondas fe amontoao, e na praia fe vao quebrar com horridos bramidos.

O freixo, o cedro, e a faia fe curvaó aos ataques repetidos; e improprios a foiler taó viva guerra folhas, e ramos largaó pela terra.

As mesmas nãos nos pórtos ancoradas não podem resistir á furia horrenda.

As amarras quebradas as deixaó; e as entregaó á contenda dos empolados mares, e dos ventos, que as levaó com oppostos movimentos.

lhes faz temer mais tempo a feia morte.

Cresce o vento; e na força da tormenta o inchado mar com boca pavorosa devorallas intenta; mas entreposta huma onda impetuosa os abysmos lhe secha, e desta sorte Mas, que novos objectos se offerecem a meus olhos? os montes levantados

mais brancos apparecem do que os lyrios dos vales abrigados; das partes Boreaes o frio vento traz configo este candido ornamento.

Onde esta os espessos arvoredos; que ao longe parecia o denegridos?

E os musgosos rochedos das espinhosas silvas guarnecidos? Tudo quanto se vê ao longe, e ao perto das roupas da innocencia está cuberto.

Emudecem as fontes com o frio; e com subtis cadeias fica prezo o caudaloso rio.

As arvores fe curvao com o pezo; e os ramos huns parecem emplumados; e os outros de fettoens de gelo ornados.

O ar nebuloso, e denso, que se inspira nos enche de oppressaó, e de humidade.

O bofe, não respira com a sua primeira liberdade. A cutis, e epidermes se humedecem, e os musculos, e nervos se enfraquecem. Algumas tenras arvores se escarchao
com invisiveis cunhas. Os carneiros
com grande custo marchao
pelas faldas dos ingremes oiteiros,
a buscar a pastagem costumada,
mas só encontrao neve aveludada.

Algumas vezes mostra a natureza aspecto mais risonho. Nasce o dia; e em toda a redondeza sem nuvens brilha o Sol. A noite fria nos mostra a Lua, e os Orbes azulados de brilhantes estrellas adornados.

Hum pequeno calor vai derretendo
a pouco, e pouco o gello amontoado
a herva que vem nascendo
faz verdejar o monte, o valle, e o prado.
Dezata-se da oppressão o germe impuro;
e respira-se hum ar mais brando, e puro.

Mas já o Sol parece vir surrindo, por ter domado o Inverno proceloso:
Seus raios reflectindo
das aguas, e do orvalho buliçoso, fazem mais claro, e mais risonho o dia, e enchem tudo de graça, e de alegria.

As aves já entoaó feus louvores ha ferena manhá á linda Aurora.

O campo de mil cores fe veste; e a Primavera encantadora de lindas slores, e hervas adornada vizita a natureza remoçada.

IDILIO.

Amintas.

A Mintas possuia
hum pequeno pomar, que tinha herdado;
no qual em paz vivia
sontente com o seu humilde estado.

Elle nao defejava, nem honras, nem riquezas: a innocencia era o bem a quem dava sobre todos os mais a preferencia.

Com rifonho femblante
a todos igualmente recebia,
e ao pobre mendicante
dava, com sá vontade, o que podia.

28 No vos Poemas Campestres

Aos Deofes que elle amaya fabia dar hum culto verdadeiro.

Dos homens fe mostrava pai, defensor, amigo, e conselheiro:

O Ceo lhe tinha dado hum filho, unico fruto da ternura, do conjugal estado modelo da virtude, e da candura.

Sempre que nelle via alguma acção louvavel transportado de amor, e de alegria dava as graças a quem lho tinha dado.

Vós, ó Deoses, quizestes fazer o meu estado venturoso; pois hum silho me destes, e mo destes humilde, e virtuoso.

Este penhor amado ferá quem na velhice decadente, a meu corpo curvado sirva de forte apoio, que o sustente.

Meus vacilantes passos ferao por elle fempre bem fustidos; e eu fem pena em seus braços exhalarei os ultimos gemidos.

Affins

Assim as graças dava aos Deoses, que o faziao venturoso; e nisto bem mostrava ser digno pai d'hum silho virtuoso.

Mas; que vans esperanças tem sobre a terra aos homens enganado; quando em sieis balanças o destino o contrario tem pezado?

Hum dia (ó trifte dia.)

em que elle n'hum enxerto fe occupava;

e ao Ceo agradecia

a ventura, que o mesino Ceo lhe dava.

A elle chega hum amigo, e lhe diz em foluços fuffocado, Amintas, vem comigo, vem foccorrer hum moço defgraçado.

Amintas deixa tudo,
e atrás do amigo corre; mas abforto,
immovel, trifte, e mudo
fica vendo o querido filho morto.

De huma larga ferida em borbulhoens o fangue lhe efcapava, e nelle involta a vida pelos ferenos ares fe exhalava,

Amin-

Amintas traspassado
da penetrante dôr, que n'alma sente a
fica naquelle estado
como se lhe tocasse o raio ardente.

Seus olhos fe escurecem;
feu rosto esfria, e fica macilento;
feus membros desfalecem,
e cahe ao pé do filho fem alento.

Depois em si tornando
o charo filho abraça, e attento observa;
se o coração pulsando
no roto peito, a vida lhe conserva.

Mas (vendo já fem vida, o macilento corpo) aos Ceos levanta a vista obscurecida, e a voz lhe fica preza na garganta.

A dôr naquelle estado lhe nega até as lagrimas piedosas; seu coração carregado não se dessaz em queixas lastimosas;

Até que em fim cedendo hum pouco mais da dôr o espasmo forte; que lhe estava prendendo as lagrimas, e a voz, diz desta sorte:

Quç

Que monstro encarnicado; que mao cruel, que barbara ousadia tem ó filho fechado teus olhos á ferena luz do dia?

A morte, a feia morte te arranca de meus braços... Ceos piedosos perdoai o transporte de hum pai afflicto em lances taó custosos.

Eu beijo refignado a mao, que me castiga. Humilde adoro o decreto sagrado, que me causa estas lagrimas, que choro.

Vós no meu coração ledes a minha dôr, e o meu respeito; mas a resignação em vão quer sufficar os ays no peito.

A Deos, ó filho amado, já nao verei teu rosto, em que algum dia tinhao os Ceos gravado a imagem da innocencia, e da alegria.

Que triftes, que fombrios me ferao eftes citios! que penofos os ardentes Eftios! que crueis os Invernos tenebrofos? Recebe, ó filho amado, as lagrimas, que fobre ti derrama hum pai desconsolado, que em vao por ti suspira, e em vao te chama;

Justos Ceos, confortai meu debil coração. O triste pranto, que de meus olhos cahe, he permittido a hum pai, que perde tanto;

Que eu humilde Iouvando o decreto fatal, que me consterna, a vida irei passando entre a resignação, e a dôr paterna,





MONDEGUEIDA POEMA STRAMBOTICO

Largie rangimi Lugius Logirosmerro

MONDEGUEIDA

POEMA STRAMBOTICO

AOSENHOR

ALEXANDRE BERNARDO
RODRIGUES PODA
Estrela fixa da Rua das Fangas
Offerece

ANTONIO CASTANHA NETO RUA

Feo Alcanust Gomes du Selvara No Al.



COIMBRA:

Na Real Officina da Universidade, Anno de M. DCCLXXXVIII.

Com Licença da Real Mesa da Comissão Geral Sobre o Exame, e Censura dos Livros. Aut prode Te volunt, aut delectare poete;
Horat. in Art.



DEDICATORIA

Senhor Alexandre Bernardo Rodrigues Póda.

A mais em meus dias fiz obra quer fosse em verso, quer fosse em profa, que me attrevesse a dala ao publico, sem que primeiro sizesse eleiçao de algum Mecenas digno della, como vm. terá visto. Nestes termos fazendo-me cocegas a tomar a penna

88

6

o acontecimento da chêa deste anno, a qual para o suturo terá por excellencia o nome de Grande, e sazendo sobre este asiumpto o Poema stranbotico, que appresento para gloria do Mondego, e divertimento dos ociozos, pois segundo o Mestre da Arte = Aut predesse volunt, aut delectare poeta = e em outra parte, omne tulit puncium, qui miscuit utile dulci; entrei a calcular o sugeito mais azado para impurrar-lhe o comprimento da Dedicatoria.

O genero da obra, o affecto que lhe tenho, os repetidos, e finceros cortejos que Vm. me faz, e fobre tudo fer este hum caso espantoso, succedido na sua mesma patria, e nas ter Vm. a fortuna de o ver, per estar para isto desgraçadamente impossibilitado, sizeras lembrar-me, que o affecto que eu lhe tenho, pedia lhe mostrasse a copia, visto nas ter gozado a vista do original.

Por tanto, á simplicidade dos seus conceitos, á grandeza dos seus punhos, e aos pés de Vm. no seu mesmo berço, vou appresentar este parto da minha musa.

Digne-se pois mostrar-lhe aquelle bom acolhimento, que tem pronto para todos, que de mais largo, ou de mais perto se lhe appresentas.

Sou de Vm:
Amantao affectuoso:

Antonio Castanha Neto Rua;

2 - 180 - 67 older to paint in the capit the destruction of the second



CANTO PRIMEIRO.

N EM sempre os heroes valentes A's offenças da castigos; Hum dia espera prudentes, Em que de seus inimigos Punem acçoens insolentes.

2.

Rafeiro, que ao dono fegue, Quando de caens de regalo Traveço bando o persegue, Que só com fim de aviza-lo Mostra o dente, sem que pegue;

3.

Mas que vendo-se enjoado De aturar a gritaria, Co' hum na bocca atravessado, Vê a chusma que o seguia Fugir co' o rabo enroscado.

Desta maneira o Mondego, De vinte annos pelo espaço, Vio com magoa, e com socego Acanhar-lhe o antigo passo Das riquesas o amor cego!

5.

Vio, que á força de estacadas, De muros, e marachoens Lhe punhao freio ás passadas; E chêo d' outras razoens, Quiz as injurias vingadas.

6.

Encostando-se ao Tridente, Sahio pela vasta furna; E anciado, e impaciente. Dice (erguendo-se na urna) Mais raivoso, que eloquente.

7.

"Ao Rey das agoas da Beira "Tanta injuria.... a mim, que posso "Dar ordens ao Alva, e Ceira, "E semear o destroço "A' minha sala primeira!

8

,A mim, que tenho por May ,A grande ferra da Estrela , ,Que nao precifa d'alguem ,Para ajudar-me, pois ella Basta co' as neves que tem! Q.

"Tanta injuria... aqui batendo Co pé no chao de raivolo, Se foi na cova metendo; E deste golpe horroroso A terra sicou tremendo.

10,

E buscando a May formosa, Que no cume da montanha, Sua frente graciosa Orna das neves, que apanha, E de que se veste airosa;

IT.

Foi acha-la conversando Com Vulcano, que irritado, Pelo delisto nefando De Venus, tinha jurado, Viver tambem tal quejando.

12'

E per nao ser suspension, De seu monte aqui vem ter, Per caminho tenebroso, Que aos Brontes mandou sazer, Em todo o modo engenheso.

13.

Nati fomente ali destina Os passos do Amor guiado, Mas cos a neve christalina Consola o corpo escaldado, Da abrasadora osfecias.

Tendo o rio por custume Ver disto nas margens suas, Sem se abrazar de ciume; Gonta a May as magoas cruas, Dos olhos deitando lume.

15.

A May lhe ordena que desça, E que disponha a vingança, Sem que mais socorros pessa: Ouvindo-a o silho descança, Eparte-se a toda a preça.

16.

Do coixo Deos fe despede Da vingança com dezejo; E a vasta distancia mede, Que vai á foz, onde ao Tejo O mar a corrente impede.

17.

Sobre huma rocha impinada, Que o mar irado carcome, A Lua teve morada; Deu-lhe isto de Scintia o nome; De donde Sintra he chamada.

18.

Ali rogou tempestades
A'quella, que o tempo altera,
E às maritimas Deidades;
E à Aquario a chuva mais fera,
Que tinhao visto as idades,

Ao alto de Montachique, Inclina as azas ligeiras; E por ver pronto o despique, Passando serras inteiras Se eleva da Estrela ao pique.

20.

Ou fosse a suplica sua; Ou acaso; a poucos passos Escondeo-se o Irmao da Lua; E vio-se nos ares baços Formar trovoada crua.

21,

Por entre o feio negrume, Que de longe aparecia, De huma montanha no cume; Amiudado se via Fuzilar subito lume.

22.

O trovao medonho, e rouco, Inda distante estalava, E chegando pouco a pouco, O terrivel som dobrava No vale concavo, e ouco.

23.

Grossas chuvas se lançaras
Pelos cabeços dos montes,
Donde aos campos caminharas;
E de roda os horizontes
Co'hum diluvio ameaçaras.

A ferra, que o Filho estima, E co' despique se mete, Quantas neves tem por cima, Em hum momento derrete, E á dura guerra as anima.

25.

Na frente deste esquadrao Sae o Mondego arrogante, Com seu Tridente na mao; Jurando, d'amais possante Muralha igualar ao chao.

26.

Começa rouco estanpido A fentir-se pelos vales; E das agoas o zonido Vem servindo de timbales A'quelle esquadrao luzido.

27.

O Alva que a May mandava A socorrer o Irmas, Já no caminho aguardava, Com mercê de Capitas, E a soldadesca ordenava,

28.

Na reta-guarda o feguias Os regatos, e os ribeiros, Que aproveitar-fe querias Nesta guerra aventureiros, E hum regimento fazias.

Como a guerra se sustenta De roubos, e crueldade; E quanto vê, quanto attenta, E briosa sheroicidade, Chama á suria sanguinenta.

30.

Os Rios postos em guerra, Nas suas forças seguros, Juntos co as agoas da serra, Lagares asenhas, muros, Tudo vao pondo por terra.

31.

Houve tal, que ao longe ouvio O rumor da tropa horrenda; Mas tab tarde lhe fugio, Que lezado na fazenda, Quali nadando sahio!

32.

Nao ha pipa, que nao fahía A' tona d'agoa boiando; Nao ha muro que nao cahía; E a amarra os bateis quebrando, Encalhao de praía em praía.

33.

O Lavrador, que da aldês Se retira acautelado, De difgosto co alma chêa, Chora a grade, e curvo arado, Que lhe vai levando a chês.

Chegando a hum vasto terreno, Fez alto o chese das agoas, E dice raivozo: ordeno, Que sem attender a magoas, Rompao tudo a hum meu acceno.

35.

Caminha a esquadra primeira, Que quanto encontra atropela E vai cortejar o Ceira, Que defronte da Portela Dezenrolava bandeira.

36.

Trazia grossos socorros, E estimava ocasias De ver seus direitos forros; Pela muita vexaças, De hum muro, e de certos;

37.

Como co' Mondego tinha Amizade muito estreita, E fervi-lo lhe convinha, Desfilou pela direita, Buscando a praia visinha.

38.

Hum dos morros, que arrogante Sofreo o primeiro embate, Cedendo á furia conflante, Em terra com figo bate, Com ruibombo mal foante.

Vendo o Deos Marte jocundo, Cobra brio a leve tropa: Com impeto furibundo Mete de espora, galopa E poem por terra o segundo.

40.

No calor desta peleja, E co' favor da victoria, Diz, que quanto erguido esteja Por sua completa gloria, Nunca mais em pé se veja.

41.

Mas o rancho aventureiro, Que ia mais a faquear, Do que a mostrar-se guerreiro, Correo, e foi rodear Hum visinho taverneiro.

42.

Defenfreados quizeras Provar do licor, que acharas; Aos toneis assalto deras, Mas foi mais o que entornaras, Do que o vinho que beberas.

43.

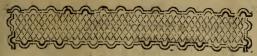
Ainda co' os beiços tintos; E cambaleando em terra, De mais estragos famintos, Tornarao de novo à guerra, Porque o vinho os fez destinctos;

E serrando hum esquadrad Ao lado do rio Ceira, Caminhárad d' empurrad, E na avançada terceira Rachárad o paredad.

.45

A raiva nao lhe fofreo Estar no campo hum só dia: Mas pos-se ali hum tropheo, E esta letra, que dizia Mondego, chegou, venceo.





CANTO SEGUNDO.

P ASSANDO o gosto a chacota Caminhao desenfreados Na projectada derrota, Destruindo encarnicados Por huma, e por outra mota.

2,6

A faia mais destemida, Que dos venços furiosos Nunca athe li foi vencida, Co os olhos nos ceos piedosos, Fiça na chêa estendida.

3.

As vinhas, que o cumo das, Que a zombar do frio enfina, Alastras se pelo chas; E sendo aos mais medicina, Das a si remedio vas.

Rifonho o Mondego corre; Mas como de tempo antigo Por huma das fontes morre; Que neste terreno amigo A' vista grata discorre;

5.

Que elle amante pertendeo! Na fua pequena idade, Mas que aos rogos nao cedeo; Quiz em pompa, e magestade Ir mostrar-lhe o que perdeo.

6.

Era a fonte dos Amores, Taó celebrada na historia, Por tres féros matadores De huma Ninfa, que memoria Terá sempre entre amadores.

7.

Ali chegou arrogante O feu despresado esposo: Ella que o vê delirante, Soberbo, e vanglorioso, Vailhe escondendo o semblante.

8.

E recuando a corrente No rochedo fe agasalha; E como o seu mal nao sente, Ouve estas queixas, que espalha O Mondego impaciente:

He crivel, gritava o Rio, Que tu louca desprezasses Meu amor e poderio! E que nunca te abrandasses Com me ver ao sol, e ao frio!

10.

Que meios na procurei Para te fer agradavel? E por que errado pensei, Que humilde te fora amavel, Quanto pude me humilhei!

II.

Vio-me mil vezes o Estio Andar por aqui de arrojo Tab falto d'agoas, e brio, E tab cuberto de nojo Que era regato, e sab rio }

12.

Esquecido de quem era; E com pejo de meus pays, Desisti, amavel fera; The dos poucos cabedaes, Que me daó na Primavera

13.

Nada disto te abrandou O coração de rochedo! Deixaste-me? vê quem sou, Sae fora, não tenhas medo, Vem ver a pompa emque vou.

Força na6 há, que embarasse O meu passo, assás seguro! E por onde quer, que passe, Lá para o tempo suturo O terror, e espanto nasce s

15.

Vem ver-me, nao tenhas peja, Em quanto aguardo, e detenha. Estas falanges, que rejo; E tais, que inveja nao tenho Ao poder do Doiro, e Tejo.

16.

Por hum pedago esperou, Pensando, que sahiria, Mas emsim desconsiou, E vendo, que presistia Em se esconder, abalou.

17.

Veio à ponte o Rio ouzado Co' as esquadras, que o seguiao, Tendo as dés da noite dado; Quando huns nas camas dormido, Outros nem tinhao ceado.

18

Passou a esquadra primeira, Que na frente comandava O temivel rio Ceira; E a Ponte, que isto observava, Mostrou-se hum tanto grosseira.

O Mondego, que o roáz Desprezo vinha mascando, O pé recuando atrás, Lhe dice as vozes alçando, Entre cousas de si más:

20.1

Ou Jove na6 tem na ma6
Raios, que forja Vulcano,
Ou no cafo as coufas 'stab,
Que athe pode do Oceano
Fazer escarneo hum anam.

21.

Que a mal creada na veja Quem passa... aqui de ensiado Entre as ondas gorgoleja? E tremendo de inraivado, Sopra, toce, ruge, e arqueja.

52.

E despois profegue: hè justo Aos Grandes guardar respeito, Quando nao, com tenue custo Recobrarei o direito Que me nega hum timbre injusto.

23.

Tu co' chapeo na cabeça Ao ver-me passar em guerra? Inda saltava mais essa! Nas temes te ponha em terra. Ao roco som d' huma peça?

A Ponte, que he grande em si, E tem rendas abastadas,
Segundo o que eu sempre ouvi,
Deolhe quatro gargalhadas,
E foi-lhe falando assi =

25.

O' la' como vem pomposo, Respeitavel, e arrogante! O quanto o Inverno chôvoso Lhe muda a cór do semblante, E o torna fero, e vaidoso!

26.

Nao há feis mezes inteiros; Que por aqui nos corria; Encostado aos arieiros E tao pobre, que pedia Agoa ás fontes, e aos ribeiros;

27.

Agora fofo, e chibante
Nem quem eu feja conhece,
Quam antiga, e quam, possante!
Em fim de tudo fe esquesse
Por que se vé abundante,

28.

Sempre amim me pareceo; Que havia seguir a estrada; Que a vileza descreveo; Que he nao se acordar de nada Com des reis d'agoa de seo!

Foi dos ratos, e toupeiras Has dous dias vadeado, E brinco das lavadeiras! Hoje quer ser cortejado, E puxa tropas guerreiras!

30.

Ora vá, que eu lhe prometto Dar-lhe a resposta em Agosto, Quando menos circunspeto O vir, procurando encosto, Mais magro, que hum escaleto

31.

Entao lhe tomarei contas Do que diz, por huma vez: E para vingar afrontas, Darlhe-hei a beijar os pés De meus dedos pelas pontas.

32.

Aqui rugio o Mondego, E com figo murmurou Tres vezes no fundo pego! Correo-fe, porem ficou, De furor, e raiva cego.

33.

Tres vezes quiz disfarçar A fua justa vingança; Mas bramindo mais que o mar, Tres vezes raivoso avança, Sem se poder explicar!

Bradando entaő: guerra, guerra, A' rija ponte arremette; E formando huma alta ferra, Lansa-lhe as maos ao topéte, E poem-lhe o riçado em terra!

35.

Vendo-se ella injuriada, (Sem que sosse a vez primeira) Quiz chamar agoniada Agua-Maias, e Cidreira, Porem sicou sosocada,

36.

O Mondego vantajozo
Desta victoria segunda,
Calcando-a ás plantas vaidoso,
De tanta alegria abunda,
Que athe canta, e salta airoso.

37.

Mas como fenab contenta, Dos estragos, que lhe fez, Chamando a tropa cruenta, Da parte, que desta vez Na Cidade hum saque intenta

38.

E mandando desfilar
Pelo feu direito lado,
Toda a gente quer notar;
Porque elle he rio versado.
Na sciencia militar.

Agora dize-me, é Musa As tropas quantas, e quaes Trazia a marcha consusa: Ao menos os Generaes, Que he cousa que nao se escusa.

40.

Ali militava o Alva, Mui possante, e circunspecto Cos a frente rugoza, e calva; A companhado de hum neto De cor rubicunda, e alva.

41.

A este deo a vanguarda Por capaz, e por irmao: Era verde a sua farda, Levava o Cova, o Lorvao E o Tobinho em sua guarda.

42.

Vinha o Ceira belicofo, Pela frente coroado De seu salgueiro frondoso; De hum sobrinho acompanhado Valente, mas urgulhoso.

43.

Destinou-lhe as duas álas, Pois ambos elles podiao Com coragem sustenta-las: Fardas vermelhas traziao, E lanças como a de Pallas.

Seguia-o certo ribeiro, Que tem o sen nascimento Ali n'um visinho Oiteiro: Trás comsigo hum regimento De fontes sim, mas guerreiro.

45.

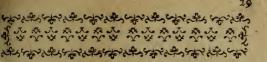
Nem eu me espanto que o seja, Por que a Amazona Camilla Aos heroes servio de inveja; E as semêas sas cass de sila Na fervença da peleja.

46.

O Mondego o General
Em chefe da expediçaő,
Ao Nilo em forças igual,
A' reta guarda na maő
Tem o Estendarte real.

47.

Ve-se nelle debuxada
De Arethusa a linda forma
A Alseo sugindo asustada;
E a sonte em que se transforma
E o Rio de que he buscada.



CANTO TERCEIRO.

Ifpostos os batalhoens, Manda tocar a investir; Huns medonhos borbotoens Das agoas, se entras a ouvir Por beccos, e boqueiroens.

2.

Lá no bairro das Amêas, A maior parte da gente, Huns estavas já sem meas, Outros lidando de dente, Outros metidos nas têas..

E toda a mais maganage, Folgos viz', que ali habitao, Aos vicios dando pastage, Huns ao som da banza gritao, E os outros tratao da gage.

Eisque dando de pancada Pelas ruas o Mondego, A' fuga toma a passada; E em fatal dezaçocego Deixa a gente mal fadada.

5

Que gritos nao dás aos ares O' moça roliça e guapa, Que entre fuftos, e pefares Embrulhando-te na capa Te queres deitar aos mares.

6.

Outra tal, que o thio velho Esperava ouvir dormindo, Lá no setido cortelho, E estava o rosto bornindo Ante o seu falaz espelho.

7

Deixa o coto da pomada; Larga as fitas do cabelo; Entorna a branca alvaiada; E ouve mais fria que gelo Bater-lhe a chêa na escada.

8.

Huma, que os grelos temprava. Para o manço companheiro, E que o azeite espreitava, Que o gelado Fevereiro Na a motolia embargava. 9,

Largando tudo no chao, Com dois filhos agarrada Trepa acima de hum caixao; Athe d'ali ser tirada Por mais piedosa mao

IG.

Huma na mao co a candea As alturas espreitava, A que hia chegando a chêa E nas caras, que traçava Era cem vezes mais sêa.

II.

No combate de Inglaterra A chegada do Magriço, Na gente que via a guerra Nao fez tanto roboliço, Como o Mondego na terra.

12.

Os ais que aos ares mandavao Albanas, Nizes, Tirceas, E os soluços, que espalhavao, O final dia ás amêas Ca de longe anunciavao.

13.

Hum sapateiro que o bucho De vinho tinha atacado, Correo a pegar no buxo Erguendo-se atrapalhado, Da porta ao terceiro pucho.

Mas vendo que pela greta Entrava o Rio ás golfadas, C^c os qapatos de chanqueta, Dice ao fom de gargalhadas: Agoa em minha cafa he peta.

15

Por Bacco que ha já trinta annos Que nem a gasto ao la var! Arrêa, fora maganos, E deixem-me hir enroupar Que me esfrias os tutanos.

16.

Para a cama se transporta Aquela alma socegada! E o Rio que nas lhe importa O Deos Baco, de pancada Lhe deo em terra cos a porta.

17.

Co'a alma entaő chêa de magoa E a pança de vinho chêa, Fugio entre frio, e fragua, Não fei se á furia da chêa, Ou somente á vista d'agoa.

18.

Para hum foto que trepou,
De donde rosnando alegre
Porque a tempo se escapou,
Buxo, formas, e bizegre
Boiando n'agoa avistou

Entaő com vós mui gosmenta Que dos beiços desprendeo Gritou: deixe a farramenta Isto dito adormeceo Co^c hum trovaő em cada venta

20.

Neste tempo o Rio Ceira Pelo Romal, e no cais Levantou tanto a vizeira Que fez por li as vestais Velar huma noite inteira.

21.

Mal diz huma nao ter hido Logo da noite ao começo Onde tinha prometido; Pois este dezastre aveço Nao teria padecido.

22.

Lembranças do que perdera E a vista do mal presente Lhe fazem peleja fera; Em quanto outra mais prudente As suas maguas tempera.

23.

Huma, que Venus por Baco Deixou contra seu dezejo, Sorvendo podre tabaco De seca borôa, e queijo Vai tasquinhando o seu naco.

24

Ha tal que altanando o peito, Pelos estragos que bela D' Amor nos choques tem seito 3 Quer às aguas da janela Infundir algum respeito!

25.

E porque ouvira dizer, Que a linda Venus fizera As ondas adormecer, Julgou tabbem que podera Tanto ao Ceira merecer.

26

Mas o Rio que a batalha Tomara a peito lial Tratou-a de pouça valha; E por desfeita o portal Lhe entulhou com cisco, e palha.

27.

Seguindo sua carnagem, Toda a casa neste dia Trata de livre estalagem, E á natural porcaria Dá nunca vista lavagem.

28.

Por bancas, e cantareiras.
Salta mais destro que hum gato;
Aqui rouba falgadeiras,
Alí faz em dois hum prato,
Alem quebra fregideiras.

Assim vai amontoando Estragos de rua em rua, Seus camaradas buscando, Que a mesma peleja crûa Raivozos vao semeando.

30.

Vinha o Alva de Samsam Na frente dos seus ribeiros, E topando-o de empurras Na rua dos Çapateiros Deu co' humas casas no chas.

31.

Quais as formigas sentindo Sua cova esbarrondar O tardo boi, que imprimindo O pé lha rompe, e salvar Buscas as vidas sugindo.

32.

Tais aquelles desgraçados; Que na morada se acharaó; De hum frio susto passados Fugindo, as vidas salvaraó Pelos visinhos telhados.

330

Certo velho que ja tiuha Bons noventa e fete feito, Vio anda-lo huma vifinha Ao cimo d'agua no leito Como n'uma bateirinha.

C 2

O Mondego que ilustrado Era de Marte, e Minerva Por astuto, e a cautelado Tinha hum corpo derezerva Posto do Cais apostado

35.

Por ver se de huma vez pago Mandou-lhe no mantimento Fazer hum tirano estrago Que deixe no esquecimento O de Troia, e de Cartago.

36.

A tropa dezenfreada,
Dominando na Cidade
Em fen poder confiada
Obra co^r a mesma vontade
Que lhe fora encomendada,

37.

Entrando por armazens E Celeiros de repente Embaria arrós, e paés Que aos damnos para o diante Prometiao mais vintens.

38.

Sai das vazilhas de páo De azeite corrente loura E dá pela barba-o váo As Sardinhas de falmoira E ao tisico baçalháo. Centimano polvo feco Em cambadas enfiado Prezunto de terras d'ecco D'agua barrenta arrojado Vai indo de beco em beco.

40.
Loira enroscada letria
O palido macarras
Com que en tenho simpatia
Esfarelando-se vas
Aos imporross d'agua fria.

Nem da funcita quadrilha De Soldados taó Ladroés Puderaó fugir á pilha Os providentes fogoens Grãos de bico fava, e ervilha.

Veem-se vir encontross dando Pelas esquinas as Pipas E aos saltos como arquejando Do vinho as ultimas tripas Vai pelas boucas langando

Ao taverneiro mesquinho
Corre o pranto athe aos pez
Mas quem tem do mundo o aninho
Mandou vencer desta vez
O Deos d'agua ao Deos do vinho.





CANTO QUARTO.

D ISPERTANDO no Oriente Neste tempo a luz Phebêa, Vai indo rapidamente A catastrophe da chêa A' noticia da mais gente.

2.

Hum fe levanta do leito, E da janella lamenta A despesa, que tem feito Numa estacada, que augmenta O seu patrimonio estreito.

3.

Outro vè de erguida ferra, (Sua ambiçao maldizendo) Altos valados por terra! Outro o muro, em que batendo Irado o Mondego berra!

De hum só teve a chêa ingrata?
Attençao aos cabedaes;
E na geral desbarata,
Com prejuizo dos mais
Ficoulhe a funçaó barata.

4.

Em alas pela Couraça A gente se amontuava; Huns a ponte, outros á praça Hum vao dezejo levava De ver a comum disgraça.

6.

Procurad fer testemunhas
Dos ditos dezesprados,
E escutar as caramunhas
Dos miseros alagados,
De fora lambendo as unhas!

7

Toda a gente alvoraçada Co' remedio nao atina: Alí corre de enxorrada A irmandade da batina, E assombra-se a caloirada!

8.

Dentre esta chusma houve tal; Que disse, que o nosso Gama Nas vio agua á quella igual: Outro erudito lhe chama; Hum diluvio parcial.

As velhas, que em dias seus Nao virao tanto, a gritar, Chamando a todos aréos, Nao seção de lhes prégar, Que são cassigos dos Ceos.

Eu vi de erguidos outeiros, Onde a vida puz segura, Boiar pipas, e madeiros, E bateis, que a má ventura Levou aos tristes barqueiros.

Vi que hum monte, e outro monte Servia ao Rio de mota; E o fitio, onde estava a Ponte, A' qual na cruel derrota, Nem se via o bró desronte!

12.

Com feu barrete encarnado Vi hum arraes, que escapara Nuns ramos escarranchado; E hum rapaz que amarrara Ao freixo, de aguas cercado!

13.

Mas já da terra a Nobrez Leves barcos preparava, Com comida a gente preza; E ao velos, cuidei que estava Na maritima Veneza.

Para haver de marifear O providente socorro, Huma começa a bradar: Acuda-me senas morro, Que já nas posso piar:

Iç.

Por trapeiras, e janelas Estas as mass estendendo Hipotethicas donzelas, Pranto amargo desprendendo Pelas faces amarelas.

16.

Os argonautas viloens, Comiffarios da comida, Excogitando razoens, Proveem a gente oprimida, Segundo as suas paixoens.

17.

Vai-se aos Lares hum por hum, Curando o cruel revez, De involuntario jejum; Da-se o pam; aos nossos tres, E a muita gente nenhum.

18.

A huma reçao, e mêa Se entrega, por ter com figo Sobrinha, a quem nao recêa Por entre as maos do inimigo, E apagar-lhes a candêa!

A outra dab-fe tres paês, Alem da reçab mandada, Por que terna aos dous vaivens Abre a porta mal trancada, Antes que ladrem os caens.

20.

Mas nem por isso esquecidos Sereis de meu verso rude, O' varoens compadecidos, Que, em serviço da virtude, Acudiz aos desvalidos.

21.

Por que a má repartiças Nas tira o merecimento, D' aquelle impulso Christas, Comque em lanse tas violento Lhe acudiz a vexaças.

22.

Nem no escuro Lethes várao Esses quatro aventureiros, Que as duas vidas salvárao D' aquelles pobres barqueiros, Nem as bolsas, que os cegárao.

23.

Mas como grande rumor Ia já pela Cidade, O Mondego, vencedor, Vaidozo da crueldade, Mandou tocar o tambor.

E quando o fol descasa Buscando Theris amada, Toda a tropa que o seguiz, Numa airosa retirada, Da terra se despedia.

25.

Principiarab de entab Afazer-se manifestos, Com magua do coraçab, Estes estragos funestos, Que presentes inda estab!

26.

As casas arruinadas, As ruas chêas de lodo, Revolvidas as calçadas, Sem comida o povo todo, Por estorvo das estradas!

27.

Aponte faz magua vella, Sem os antigos reparos, E the co' espinhaço á vella! Assa lhe sairas caros Huns ditos de bagatela!

28

Mas por que da grande chêz Forao causa as estacadas, O rio que se recrêz Na vingança, derrotadas As deixa, e sartas de arêa. Entao chegando à Quebrada Sobre a parede fe erguèo, E com voz dezentoada, A tras os olhos volvêo, E dice, co' a mao alçada

30.

Suspira povo attrevido,
Que pelo meu leito largo
Tens as terras estendido;
Eu acordei do letargo,
E o crime sica punido!

31.

Reforça, repara agora As ruinas, que eu te fiz; Estas paredes melhora; Vellas- has pela raiz Tirar em menos d' hum' hora!

32.

Mete athe ao centro escuro Elaçada estacaria; Abrangea de ferro duro, Será minha zombaria Lá para o tempo sucturo.

33.

E tu orgulhoza Ponte,
Agrade-me em pé veres
Inda o pay de Phaetonte!
E baste para temeres,
A assiças do dia de onte!

Dice: e movendo o Tridente Faz fignal; e via recta Marcha das agoas na frente, Ao fom de rouca trombeta, Que em todo o campo fe sente.

35.

Consumida a noite inteira, Fazendo-se pelo gado Derrota a mais carniceira, Ao romper do Sol doirado, Chegou vaidozo á Figueira.

FIM,





CARTA,

QUE ESCREVEO O DOUTOR

MANOEL MENDES FOGAÇA,

A HUM SEU AMIGO TRASMONTANO,

SOBRE HUMA COMEDIA, QUE VIRA REPRESENS

DADA A' LUZ

POR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDOS



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. ANNO 18112

Com licença.

ATAARI

to demonstrations.

AND THE ENGINEER OF MAN

on the state of the server

803 A 1010

on a set of the set of the



LISPOA:

En luration beats, was till

wind the said

Necpes, nec caput.

CARTA

DO

DOUTOR MANOEL MENDES FOGAÇA,

A HUM SEU AMIGO TRASMONTANO,

Depois da sua chegada á Capital, em que lhe dá conta de huma Comedia, que vira representar.

Na Eu amigo, estou em Lisboa, e em huma Estalagem cujo nome não foi para mim de boa estreia, porque se chama a Estalagem dos Cachimbos; e assim parece, porque me vão fumando os poucos tostões que trazia; e tem razão, porque aquelle licôr, de que tanto abundão as margens do nosso Douro, foi encontrado por mim (que lá o bebia de graça) a 800 réis a canada. Tudo são despezas nesta terra, e a maior parte em couzas que não são das simplesmente necessarias para a vida. Não dormi a primeira noite a pezar do cançaço da jornada; porque o colchão era hum verdadeiro costal de nozes, povoado de pequenos seces, suja dentada não está na razão in-

versa da massa do corpo. Amanheceo; e, ainda antes de almoço, apparece hum homem muito officioso com hum masso de papelinhos com letras encarnadas, pedindo lhe tomassem alguns, que era para fazer bem a huma pessoa, que mostraria huma eterna gratidão aos seus compatriotas. A palavra = beneficencia = sempre me desperta; cheguei ao homem, e lhe pedi hum daquelles bilhetes de fazer bem; com mil cortezias mo deo; e estendendo depois huma longuissima, e descarnada mão, me pedio, o menos, hum cruzado novo; hesitei, mas dei; elle, sem me olhar mais para a cara, se foi. Sentei-me, e li o papel, que dizia: "Em beneficio se hade representar a bem acceita, e nunca assás louvada Comedia famosa a Preta de talentos. Nesta peça estão pelo Author, que he hum genio, desempenhadas as mais escrupulosas regras Theatraes, conforme as regras de Quintiliano; (aqui me admirei, e continuei a lêr) e o seu Author, que he hum genio, não se poupou a tra-balho para a fazer digna de constituir o respeitavel público em hum estado de perseita suspensão dos sentidos, pelo bem manejado jogo das scenas. Aqui se vê a impulsão da Natureza para tudo o que he interesse, porque o Protagonista se decide por hum objecto de preço, como he huma Preta com dois Pretinhos, pertencendo todos tres ao mesmo dono; a pezar de o referido Protagonista ser hum Filosofo Misantropo, separado do mundo, que aborrece, porque militando foi praterido do posto de Alferes. Este he o espectaculo com que o Beneficiado intenta desempenhar os seus deveres da mais devida gratidão ao illuminismo dos seus Compatriotas, a quem protesta huma eterna gratidão, que principiará ás 7 horas. O Beneficiado protesta desenvolver todo o seu entrecho por miudo nas noticias volantes, e nos cartazes fixos. Torrinhas da 5. ordem 5\$600 rs.; Varandas o preço da casa.

Ora, meu bom amigo, ajuize Vossa Mercê do meu alvoroço para vêr o que nunca vi, nem me era possivel entender pelo contexto do papel, que se me deo pelos 480. Nunca sahi da nossa Aldêa, e as Comedias, que por lá andão representando os vagabundos, não podem equiparar-se com a magnificencia da Capital: só em minha mocidade me lembra ter visto Comedia em Trás-os-Montes, quando ahi appareceo a Companhia vinda de Salamanca, conduzida por hum Castelhano, chamado Martin de las Torres. Soube onde era o Theatro, e se o

papel dizia ás 7 horas, eu já lá estava antes das 6. Ah! meu amigo, que pas-mo! Entrei para huma casa, então escura, cheia de bancos, que pouco a pouco se entulhárão de maneira, que eu querendo sahir, porque me suffocava, já não podia: alli não havia filho por pai, todos em monte, de pé; e quasi ás 7 horas começão de fazer huma tai matinada com os páos, que me aturdião. Perguntei o que era; rio-se o meu vizinho, olhou-me para a cara, conheceome por Provinciano, e me disse com tom amargo: "faça o que eu faço, de-pois o saberá.,, Eu levava hum bordão digno de rivalizar com a clava Herculea, fiz os meus deveres, e mais do que devia, porque ao estrondo atruidor da mi-nha clava toda a assemblea se desembestou a rir. Começou de alumier-se a casa, e depois se encantárão os meus ouvidos com hum descante de rebecas, e trombetas, que me considerava transportado aos campos Elysios. Entretanto vi ir subindo, sem ninguem lhe pegar, hum candieiro de vidro; julguei me transportado ao Paiz das Fadas, ou que assistia aos divertimentos da Ilha encuberta. Ficou tudo em silencio, e logo se ouvio hum assobio.... Aqui abri eu hum palmo de boca, yendo leyantar hum panno sujo, e apparecerem jardins, fontes, carbanas, palacios, cabras a pastar, e muitos animaes lanigeros, e cornigeros. Vi no meio de huma praça dois homens vivos como nós, passeando callados. Aqui, meu bom amigo, disse eu com os meus boto-s, = bem empregado cruzado novo. = Os dois homens não dizião nada, e todo o Povo batia as palmas. "Valha-me Deos, dizia eu comigo, que será isto?, Eu estava suspen-so; eis que diz hum para o outro; "Rebollo, cuidaste no meu rouxinol?, Responde o Rebollo com muita graça: "Sim, Senhor, assoprei o comedoiro, alimpei o bebedoiro, raspei a taboi-nha...,, Aqui disse eu; ah! meu rico cruzado novo! Em fim começa o dono do rouxinol a gritar contra os homens, contra o mundo, contra todos, que erão huns velhacos, huns patifes, que assim o dizia o Doutor Pantufo. Disse mais, que se resólvêra a buscar aquelle ermo, onde não havia homens, que elle aborrecia, e abominava, fugindo da Socier dade, e do grande mundo. "Como póde isto ser! dizia eu comigo. Pois este homem buscou a solidão, e vive ao pé daquelle magnifico palacio? Pois alli não estação homens, e mulheres? Aquillo não hade estar aos ratos! " Quando eu

considerava a contradição que havia nos ditos, e factos deste homem, vejo vir correndo por hum combro abaixo, como huma corça, huma Preta já velha, e pequena; luziáo-lhe os olhos, alvejavão-The os dentes, e gritava como condemnada; diz-lhe agora o dono do rouxinol: (muita graça lhe achei!) "O' máizinha, que tem? vem fugindo da calhandriz, ou entornou-se-lhe a celha da fava rica?, Quando o homem disse isto, todo o Povo bateo as palmas em triunfo, a mim doiáo-me as máos, bati com o páo, e mo levárão a mal, dizendo, que assim mesmo a acarrapatada era actriz de merito, e que não era preta, mas tinta de preto; fiquei attonito! Disse ella ao homem: "Nenhuma dessas disgraças me aconteceo!,, - "Pois que, ,, Îhe diz o tal homem, "quebrou-se o bião da cal?,, - "Não, ,, diz ella, se eu fujo do meu Senhor Cosme, que me quer vender; porque, vendendo-me, separão-me de dois pretinhos, que são meus filhos. , Então disse eu para hum vizinho meu, que ja estava lagrimejando, e dizendo, que golpe de theatro! " A Preta he tolla; pois se ella vendida se separa dos negrinhos, fugindo sem trazer comsigo os negrinhos, não se se-para delles? Separa-se pelo mesmo mo-

tivo porque se não quer separar; 2 Preta he tolla, vendida teria lugar de os vêr, fugida não o poderá conseguir, porque não deve apparecer mais em casa do Senhor, que a pingará como preta fugida! E d'onde he esta Preta, que terra he esta onde está? Isto succedéria aqui em Lisboa?,, -- "Não se sabe, ,, diz o meu vizinho, "não consta onde se finja a scena, não se sabe o Paiz; mas logo verá o que vai succedendo., - " Então o que? Dizerem-lhe os rapazes: Senhor, não venda a preta, não venda a preta, que a preta he boa?..., Rio-se o meu vizinho, e continuou o dono do rouxinol: -- "Mulher incomparavel, eu sou sensivel, amo os meus similhantes, e quero valer-te, porque o Author do nosso ser he o mesmo, mas os pintores forão diversos., -- Então disse eu: "Se a Preta he tolla, o homem he asno. Pois tu ha pouco não dizias que aborrecias os homens, porque todos erão ve-Ihacos, e as mulheres, porque todas erão falsas? Já lá vai tudo isto, já amas, já defendes huma Preta fugida de casa de seu Senhor! Que contradicção he esta? que igualdade de caracter? , - " São golpes de theatro, "diz o meu vizinho, "Isto he obra de hum author Francez; mas tornada em Comedia ao nosso modo.,, - "Fóra, disse eu, com tanto golpe de theatro! Então atropelão-se a verosimilhança, e o bom sizo?,, Aqui chegava; diz então o homem sensivel, e insensivel: " Preta sublime, a tua alma não tem côr, mas tem heroismo; recolhe-te, esconde-te na minha cabana: en mando ao meu creado que não entenda comtigo, nem espirre sequer.,, -"Não, Senhor, (diz o creado) porque eu ando namorado da minha Saloia. (A Comedia tinha Graciosos.) Então a Preta se escondeo, e o moço ficou á porta com hum varapáo na mão. Palavras não erão ditas, apparece Cosme, que era o dono da preta; o diabo he negro, e sempre as arma, e diz o homem, cheio de razão até aos olhos: "Dê-me cá a minha Preta, que me fugio, e está alli mettida na sua cabana, e se ma não der por bem, vou queixarme á Justica. " A resposta do homem sensivel foi puxar da espada para matar o outro, e o moço da outra parte lhe disse estas palavras — "Ah Sor meu amo, se a folha faltar, aqui esta este tronco., O homem, que se vio entre cruz, e agoa benta, foi-se embora sem a Preta. Eu disse ao meu vizinho: "Isto he pouca vergonha, he hum crime civil, as Leis authorizão a escravatura; quem

compra huma Preta adquire o direito da propriedade, este homem sensivel, e insensivel commette hum delicto: se elle protegesse a virtude, e innocencia oppriinida, seria humanidade; mas isto he hum delicto, porque esconde huma Preta fugida, e por isso Preta criminosa. Se o Senhor teve direito para a comprar, como ella diz, também teve direito para a vender; aqui ha contradição, isto não he a natureza, o Author Francez errou. " -- " São golpes de theatro, " me dizia o meu golpeado vizinho: elle tem frequentado o theatro, e sabe os golpes de theatro, ainda que os descarregue na razão, e no gosto. Aqui tornei a dar por mal empregado o meu cruzado novo, e depois ainda o chorei mais á vista de estranhas monstruosidades.

Depois que se foi Cosme vai o criado a huma porta do tal campo do palacio, e vem dizer ao amo: "Senhor, ahi vem dois homens a cavallo.,, -"Pois deixa-os vir,,, lhe tornou elle, "porque eu aborreço os homens, porque são velhacos, e as mulheres, porque são falsas., Nisto entra hum velho de libré, e diz para os dois que não conhece: "Ahi vem meu amo, o Coronel Henrique, que vem casar hoje com minha ama a Senhora Cecilia neste pala-

* 6

cio que he seu. " O dono do rouxinol assim que ouve fallar no Coronel Henrique, assarapanta-se; titubêa, infia, e diz para o criado: " Ceos! he o Coronel Henrique? Por amor deste aborreço eu o mundo, os homens, e as mulheres, por amor delle busquei este deserto; fui o maior amigo que elle teve desde a sua mocidade, creamo-nos juntos, assentamos praça no mesmo Regimento; elle chegou a Coronel, e quando fez a promoção para Alferes preterio-me a mim, que me criei com elle em sua casa, com a sua familia; eu o matarei agora, porque me preterio.,, -- "Va-lha-me o Céo, disse eu, vizinho; pois o Alferes impromovido criou-se com este Henrique, foi o seu intimo amigo, e não sabia que tinha aqui este palacio, nem, ao menos quando aqui chegou, perguntou quem era o dono delle; e se o sabia, como he natural, vem viver junto a elle na cabana, sabendo que era a casa de campo mais frequentada por Henrique, e destinada para as suas nup-cias? Isto he huma incoherencia calva, e huma contradição manifesta, e argue pouco juizo no Author desta tramoia; em fim como o Author he Francez, os Francezes são inconsequentes, e tudo tem prevertido, por isso talvez apparecão no theatro similhantes monstros., - São golpes de theatro, ,, me disse o meu vizinho, a platea está neste gosto, he preciso fazer o gosto á platea, ainda que se quebrantem todas as regras da

Arte, e da Natureza. "

Neste comenos chega Henrique; olha para Carlos, que he o Alferes impromovido, não o conhece; olha mais, e diz ... " He Carlos , Carlos ,, --" Outra que tal, disse eu, pois criarãose ambos, e não se conhecem? e tendo ambos ainda pouco antes militado no mesmo Regimento? " - " São golpes de theatro, ,, me disse o meu vizinho. Foge Carlos, fica o moço, o Coronel dá-lhe huma bolça de dinheiro, dizendo-lhe que he inimigo, de seu amo : o moço atira com o dinheiro ao cháo, o Coronel vai-se embora, o moço fica em consultas se hade levantar a bolça; em fim dá-lhe hum pontapé depois de fazer algumas piegas boas para dia d'Entrudo. Vem Carlos, conta-lhe a couza, ri-ze, e protesta que hade matar Henrique. A Preta, que ouvio dizer na cabana a Cosme, que pois lha não deixão levar hia matar os dois filhos, sahe furiosa; vem então Henrique, fica a Preta calada; vem Carlos, chega a Henrique, dá-lhe hum abraço, e diz: "Este he a

saude da nossa antiga amizade, agora quero matar-te com esta espada, porque tu me preteriste. ,, - "Não fui eu, ,, diz Henrique, " foi o Barão de Urbino, que fez a intriga, e passou para o lugar que te pertencia. " -- " Então, " diz Carlos, " sejamos amigos. " Torna-lhe Henrique: "Que Preta he essa?,, Aqui começa a Preta a dizer, que he Preta escrava de Cosme, que a mandára ensinar a lêr, e isto com tantas discrições, elegancias, e subtilezas, que en cuidei que estava ouvindo Platão, Aristoteles, ou Plinio. Entáo disse eu: "He possivel que huma Preta, ainda que saiba soletrar, seja de huma methafysica tal; e tão alambicada, que faile, e discorra assim? Isto he incoherente, inverosimil, absurdo!,, -- "São golpes de theatro," disse o meu visinho.

"Bem sei que Preta he esta (continúa Henrique) he escrava do meu Rendeiro Cosme; pois eu vou dizer-lhe, que vá destratar a venda que tinha feito, e que deixe estar a Preta em casa., — "Outra que tal; (disse eu) pois Henrique conhece a Preta, e pergunta quem he a Preta? He escrava do seu Rendeiro, e pergunta quem he a Preta? E Carlos que vive na cabana ao pé do palacio não conhece Cosme, nem a Preta? São

incoherencias., -- "Golpes de theatro; (diz o meu vizinho) o author conhece a platéa, e tem entrado no caracter das actrizes, e actruzes, para distribuir as partes conforme os talentos de cada hum., -- "Conheça embora, mas esse conhecimento authoriza-o por ventura para infringir os mais obvios dictames do sizo commum? Esses chamados golpes de theatro são a capa de demencias, e de sandices? Huma asneira chapada he golpe de theatro?, -- "Pois agora (continuou o meu vizinho) vai Vossa mercê observar não só hum grande golpe de theatro, mas hum grande golpe de mão de mestre na presente scena.,

Com effeito eu vi ficar sós Carlos, e a Preta: vem a ser o abotrecedor d'homens, e mulheres, e a Preta fuzida, porque o Senhor a quer vender. Começou a Preta, (ah! meu amigo, julzueime transportado á minha primeira idade, aos aureos dias de Fr. Gaspar, em que nas grades das Freiras corrião rios de eloquencia, e de parvoice!) começou a Negra a discretear subtilissimamente; veio com a comparação de huma roseira, que ninguem faz caso das folhas, e todos gostão da rosa: Carlos da sua parte dizia, que era sensivel aos atractivos da Preta velha, mái de filhos, verdadeiro

retrato de huma fúria, em fim Preta ve-Iha; e esta, sem ceremonia nenhuma, diz a Carlos, que o ama muito, aperta-lhe as mãos, e Carlos tambem, depois de varios rodeios, diz que ama a mái Leonor, que assim se chamava a Preta dos tolentos (nome que bem lhe quadrava); para isso ha juras , pragas , exclamações, e momos infinitos. Aqui bradava o meu vizinho, o chefe d'obra dos golpes de theatro: -- brava, brava, brava! -palavras que eu não entendi, porque não são da muito nobre, e sempre leal linguagem Portugueza. "Senhor, (lhe disse eu) olhe que isto he o cheje d'obra da ignorancia, e da demencia. He por ventura da natureza similhante estravagancia? A proposição de amor feita por huma Preta velha, e admittida por hum rapaz gentil, bem educado? Póde huma Preta velha, ainda que saiba lêr, inspirar huma violenta palxão apenas he vista por hum mancebo branco? Isto excede o verosimil; mas isto he nada. Consideremos o estado da Preta, e o estado do Branco, e observemos se o estado de tumultuosas, e terriveis paixões em que ambos existem he hum estado capaz de constituir hum e outro no estado de amor alambicadissimo. A Preta está cheia de terror e medo violentissimo, não só

porque o Senhor lhe pode pingar e retalhar os coiros pelo crime da fuga, cou-za irremissivel em escravos daquelle lote; mas porque o mesmo Senhor lhe havia protestado, que se não tornasse com elle, hiria assassinar seus dois filhos; e tanto mais terrivel deve ser para à Preta esta ameaça, quanto maior, e mais claro he o conhecimento do caracter brutal, e sanguinario de Cosme, que ella tinha por sua mesma experiencia. Logo pelo remorso do crime da fuga que ella tinha commettido, pela terrivel idéa da violenta morte que o Senhor poderia dar aos filhos, deve a alma desta Preta existir em húma terrivel agitação, suas idéas devem succeder-se tumultuosamente; a paixão do medo he a que mais influe no coração humano, e a Preta deve temer ou o castigo que merece pela fuga, ou a morte dos dois Negrinhos, e este temor deve ser em proporção da sensi-bilidade, que ella tem assoalhado, e do amor materno que a obriga a não querer ser vendida para se não separar dos fi-lhos. Tudo isto esquece, a Preta mostra estar em seu descanço, e tão isenta de cuidados, tão folgazá, tão derretida, como se naquelle instante desembarcasse no Caes de Aldea Gallega, para ser Juiza na Atalaia. -- Contemplemos o

bravo militar Carlos. Neste homem não ha mais que a melancolia, a tristeza, e a misantropia a mais violenta; foi prete-rido, e esta injustiça, dando-lhe a conhe-cer os homens, o obriga a aborrecellos, vive em hum ermo, a sua sociedade he hum criado, e hum rouxinol: detesta, abomina o commercio humano; e além de aborrecer os homens, muito mais aborrece as mulheres; este aborrecimento he mais forte que o outro, o outro interessa o pondonor, este fere immediatamente o coração; amon e foi mal correspondido, e tem jurado guerra eterna ao bicho mulher, ou gado feminino. Ora hum homem nestas circumstancias póde repentinamente namorar-se de huma Preta velha, mái de filhos, escrava criminosa, e fugitiva? Eu creio que não poderia despertar em seu coração a chamma amorosa, nem a vista da Rainha Ginga, nem as mesmas solicitações de huma cunhada d'ElRei Christovão. Isto he hum impossivel na marcha ordinaria das affeições humanas, e de todas as incoherencias, e absurdos da Comedia he este o maior, porque foge, e passa fora dos limites da razão., A estas minhas reflexões ábrio o meu vizinho hum palmo de boca, e disse: "Pois se não he hum golpe de mão de mestre,

he hum golpe de theatro, e o author, que he hum genio que abrilhanta a scena, conhece perfeitamente a illuminada platéa. " -- " Conheça (lhe tornei eu) conheça elle embora a platéa, as frizas, as angras, e as torrinhas, por certo não conhece o coração humano, que he a unica escolla onde deve estudar a grande e difficil arte dramatica. Se me diz que a origem desta Comedia he Franceza, os Francezes, meu Senhor, degenerárão depois da Revolução, este drama he hum monstro, e iguaes devem de ser os do mesmo author, porque parece impossivel que só nesta (e vendo-a eu tão gabada) lhe faltasse o bom sizo, e o conhecimento das regras. São sentenças á toa, sem ordem, e sem ligação; e se a isto chama 'Vossa mercê golpes de theatro, são pancadas dadas na razão, no sizo commum, e no gosto apurado. E basta que se possão engrazar quatro sentenças corriqueiras, e que os Comicos, inchando as bochechas as entornem enfaticamente como huns Catóes, e sobre tudo que gritem como endemoninhados, para se ter dado com o verdadeiro gosto da platéa? Que desgraça, meu Senhor! Visto isso hum homem, que se resolver a escrever para o theatro, deve constituir os dictames da arte, e da natureza;

a observação dos bons modellos, em incoherencias, ou substituir a estes dictames os caprichos de hum vulgo ignorantissimo, e consultallo pela platéa, onde alguns homens illustrados desesperão á vista das contínuas monstruosidades, que

abrilhantão a scena?,

Aqui chegava, meu amigo, com as minhas reflexões; e já se hia concluindo o dialogo de Platão entre a Preta, e o misantropo Carlos: eis-senão quando vejo vir por aquella alamêda abaixo huma Rainha, no vestido, no gesto, e tão impertigada de pescoço, que me parecia Tomiris, ou Pentesiléa; e tão grande pessoa vinha só, (apenas lá apparecia do outro lado hum velho, chamado Subtil, entre as arvores. Chega onde ainda se namoravão a Preta, e o Alferes, olha para este, e, palavras não erão ditas, cahe a mulher em hum mortal desmaio. Ora, como eu não estou costumado a estes espectaculos, exclamei: "coitadinha! Seria hum ramo de estupor que lhe deo!,, Mas de toda a parte ouvia soar a palavra --- brava, brava, brava --- e pelo modo he o signal costumado de applausos quando apparecem estupores na scena. Esta mulher só, e tão apparatosamente vestida, vinha como de romaria casar com o Coronel Henrique;

nenhum sequito, nenhuma preparação, nenhum annuncio da sua vinda, e nenhum motivo de apparecer naquelle descampado da Cabana de Carlos; porque se devia deixar estar no seu palacio anse devia deixar estar no seu palacio antes do que andar corricando por aquelles alqueives. "Forte destempero! (disse eu ao meu vizinho) pois sendo esta a noiva de Henrique, que motivo ha para este passeio? E quem traz aqui esta mulher? Aqui está quebrado o encadeamento das couzas que devem produzir as scenas, sendo humas cauzas immediatas des outros." das outras, "-" São golpes de theatro, (me disse o meu vizinho dos golpes) e o author nem por isso deixa de ser hum genio abrilhantador da scena, elle conhece a platéa. "—" Conheça embora a platéa; (lhe disse eu) mas comhece muito maf a Natureza, e ignora os primeiros principios da sua arte, per lo que veio lo que vejo. ,,

Ora, meu amigo, quereis saber quem he esta mulher estuporada, immovel, e junto de sandice outra sandice? He a Senhora Cecilia, que vem casar com o Coronel Henrique, e esta mesma Cecilia foi antigamente amante de Carlos, cuja amizade acabou, porque se descubrirão aquellas falcatruas, que fizerão com que Carlos dissesse mal da car-

dada, e abominasse para sempre as mulheres (brancas, já se sabe; porque das pretas está elle namorado, sem se lembrar, que huma negra, que foge ao Senhor, tambem podia lograr hum amante.) Ora como Cecilia vio o antigo amante, a quem tinha sido falsa, desmaiou. Neste comenos desata Carlos huma tempestade de pragas contra a infeliz, chama-The os nomes mais injuriosos, descobrelhe as faltas, préga-lhe com todos os podres nas bochechas, em termos tão incivis, que eu fiquei attonito! Disse pois ao men vizinho golpeador: " Tambem isto, Senhor, será golpe de theatro? Que idéa, que conceito quer este homem que a Preta faça do seu animo, vendo a sem-ceremonia com que descompõe huma branca daquella abotoadura? ---Daqui a dois dias dirá de mim outro tanto, e peior, porque eu como preta lhe devo aborrecer mais depressa, e nenhuma razão ou causa moral ha em mim que fixe o amor deste homem, tão desconhecido para mim, que ainda lhe não sei o nome. A sensibilidade de Carlos se desvaneceo neste instante, e eis-aqui não sustentado o caracter, que he o maior defeito em hum author Dramatico. ,, --"São golpes de theatro, (me disse o homem) e a platéa gosta destas incohe-

rencias, e desigualdades. , Carlos, o bom, he de repente Carlos o diabo; além soccorre a Preta fugida, aqui fogelhe a humanidade para soccorrer humamulher desmaiada, cujas offensas devião esquecer, e dar lugar á piedade; pois nada disto houve: em lugar do soccorro, que a natureza pedia, ha as impreca-ções, e afrontas, que ás revendonas do me: cado esquecerião, neste instante, em que a humanidade gemia. Mas isto he pouco. Carlos não só mudou de caracter; mas começa a mostrar-se hum patife, e a commetter indignidades alheas do homem de bem. Chega o Coronel Henrique, vê a esposa naquelle estado; pedia a razão, que Carlos não desgostasse o amigo com quem se reconciliára, nem atalhasse a fortuna da pobre mulher, que vinha casar com elle. (Aqui vi eu atravessar a scena hum velho estuporado nos braços de outro, e nunca soube o fim, e o motivo deste golpe de theatro.) Carlos começa de gritar, e de publicar ao noivo os defeitos da noiva, declarando-lhe, que tivera amizade com ella, que lhe fôra falsa, tendo simultaneamente outras amizades, o que dá huma idéa abominavel da conducta da pobre mulher, cujos delictos o seu antigo amante tão barbaramente publicava.

Deixe-a, (dizia eu ao meu vizinho) mas enxovalha-la por este feitio, depois de ter sido seu amante, e elle hum homem táo sensivel, que apadrinha, e ama huma Preta viuva, fugida ao Senhor! Isto he incoherencia, e monstruosidade!,, -- "Senhor, (me disse o meu vizinho) Vossa mercè he lá de fóra, náo tem o tacto táo fino, que possa conhecer es golpes de theorem.

os golpes de theatro. "

Henrique sahe da scena, leva comsigo Carlos para o seu gabinete, onde hirá por certo descozer todo o fiado á triste mulher Cecilia. Ella fica em campo com a Preta, e começa de lhe perguntar se ama a Carlos, e isto com o tom do mais vivo, e pungente ciume. " Mulher do diabo (disse eu ao meu vizinho) se tu vens casar com Henrique vai-te embora para tua casa, deixa a negra, e não começes a amar de novo, e nas barbas do teu proximo esposo, hum monstro, que te descompoz, e que des-cubrio as tuas faltas a hum homem que vai ser teu marido. Isto he incoherencia. " - " He (diz o homem) o maior golpe de theatro que tem a peça. " A Preta apertada de perguntas, depois de profundas, e altissimas methafysicas, contessa que ama Carlos, e que he extremosamente amada de Carlos. Não ha

motivo nem para a inquirição de Ceci-lia, nem para a confissão da Preta. Depois de confessar a Ré, manda-a embora, vai-se a Preta, e nas ancas leva hum chuveiro de palmadas da platéa. Fica Cecilia, apparece-lhe alli hum homem, manda chamar Cosme, Senhor da Preta; vem Cosme, e depois de ajustes compra Cecilia a Preta, passa o signal, vai-se Cosme, vem a Preta, e declara-lhe Cecilia, que he sua escrava. (Logo direi a merce, que este he o maior destempero da peça.) Aqui já se não faz menção de filhos, nem de couza que os va-Îha. Sahem neste tempo Carlos, e Henrique do Gabinete, com ar risonho; Henrique olha meigo para Cecilia, a quem Carlos tinha descomposto na sua presença: diz-lhe agora Carlos, que deve ca-sar com ella, porque está arrependida, e que o seu arrependimento lava as suas antigas manchas. "Ora diga-me, Senhor, (disse eu para o dos golpes) em que lugar teve este Carlos conhecimento da emenda, e arrependimento de Cecilia? Que destempero he este?,, -"He golpe de theatro, ,, (me tornou elle.) Meu amigo, isto não tem appel-lação, nem aggravo, absurdos, monstruosidades, incoherencias, são golpes de theatro, que abrilhantão a scena.

Vai-se tudo, e fica Carlos, e a Preta, que cada vez lhe quer mais. Nisto chega o creado de Carlos, e diz-lhe: "Senhor, estamos roubados, não nos deixárão em casa nem hum fio; o que nos fica he o que temos em cima dos coiros., Carlos nem acode á casa, nem sente emoção alguma com o estado de pura pobreza, e indigencia a que se vê repentinamente reduzido; coisa por certo alhea da natureza, e contradictoria; impossivel he huma similhante Filoso-fia. "Que golpe de theatro! (diz o meu vizinho) o Genio que abrilhanta a scena he o mais feliz em lembranças: veja o Senhor Provinciano, que bellas maximas sobre a Agricultura derrama este homem!,, -- "Ha couza mais deslocada? (repliquei eu) fazer roubar este homem, para nos fazer conhecer o preço de huma Horta!,, Vem Henrique, vem Cecilia, e vem a Preta. Aqui estive eu para sahir tambem; mas como era a primeira vez que via Comedia na Côrte, quiz vêr os fios á têa. Começa Cecilia a prégar à Preta, que n. ame a Carlos. Ora, meu bom amigo, crêde que desesperei. Que lhe importa a Cecilia que Carlos tenha, ou não tenha a Preta, e que a Preta ame a Carlos? Não vem esta mulher casar? Para que se demorão estas nupcias? Que importancia he esta, que se dá a esta Preta, que todos se interessão, todos chorão, todos se esquecem do que lhes interessa por amor da Preta? Chora Carlos, chora Henrique, chora Cecilia, e todos pedem á Preta, que não ame Carlos? Não está a Preta na escravidão de Cecilia? Tem mais, que fazella recolher a casa, receber-se com Henrique, e deixar-se de Carlos ? A casa he de Henrique, Cecilia não está recebida, já governa na casa do mesmo Henrique, lá dispôe da compra da Preta; e finalmente para cumulo da extravagancia, ou da semsaboria, Cecilia offerece, e dá á Preta a carta de alforria, com a condição que não ame a Carlos; e isto he passado na presença de Henrique, proximo Esposo de Cecilia, que se dá a conhecer por amante de Carlos, e cheia de ciumes da Preta. Isto excede a paciencia humana! (disse eu) --- " Mas he golpe de theatro, ,, (disse o meu vizinho.) E que se segue? Quem tal esperaria! Quem imaginaria o desaforo, e atrevimento da Preta!... Pega na carta de alforria, e diz: " Se esta he a condição com que eu devo deixar de amar a Carlos ... Zaz, " e rasga em mil pedaços a carta de alforria, e atira com os pedaços ao meio do

cháo; isto nas barbas da Senhora que a comprára, de Henrique, que hade ser seu Senhor. A Senhora da Preta não lhe revira huma bofetada, nem o paciente Henrique a piza a pontapés á vista da baixeza, e descortezia da atrevidissima Negra. Todos ficão muito enxutos; e he este o golpe de theatro mais sublime que sahio dos miolos dos Euripedes modernos, abrilhantadores da scena. Rirãose da gracinha da cachorra, e clamão: Que Preta! Que talento! Se Cosme a não mandára ensinar a lêr, ella não teria este rasgo de heroismo! Aqui chegava esta scena de Pompeo, e Sertorio, (que tanto fez pasmar o Marechal de Turenna) quando apparece o criado de Carlos, e diz: " Alviçaras, Senhores, que deo hum estupor em Cosme, Senhor da Preta, e já morreo. Parabens á humanidade, que tem menos hum malvado!,, Não sei, meu amigo, que fizesse este Cosme para merecer este nome ! Senhor da Preta? Se a castigava, ella mostrou que merecia pingada, pela altivez com que nas barbas da Senhora rasgou a carta de alforria. E quem tal acabava de fazer á sua nova Senhora, bem dava a conhecer qual era o seu genio, e que alguma outra desfeita, ou perrice teria feito ao antigo Senhor, de

cujo castigo fugíra. Se este a buscava fugida, buscava o que era seu. N'huma palavra, não se descobre a razão do que se vê, tudo fica muito enxuto, e nós chegados á catastrofe da acção tão bem preparada: atéqui não apparece o nó, e por tanto quem o ha de desatar? Oh golpes de theatro, como sois inven-cioneiros, admiraveis, fecundos! A morte repentina de Cosme, pessoa já sem interesse, pois tinha passado por dinheiro o dominio da Preta a Cecilia; a morte deste homem, annunciada por hum criado, e que não influia nem vivo, nem morto, nas personagens existentes fórma a catastrofe, e a solução da Peça, em que se não descobre acção, nem Protagonista unico, nem obstaculos removidos; nem fim algum. Se o fim (suppondo a Carlos Protagonista) era livrar a negra da tyrannia, e captiveiro de Cosme, isto não o consegue elle, e já está feito desde o momento em que Cecilia a compra: já a Preta não tem que temer a Cosme, porque já não he seu Senhor. Se o fim da acção he o casamento de Cecilia, e Henrique, nem a Preta o prepara, nem o impede, porque já vinha ajustado, e hia celebrar-se no Palacio de Henrique, e he huma acção separada. Se he a reconciliação de Carlos com Henrique, nisso não influe a Negra; ella forma-se pela declaração, que Henrique faz a Carlos das tramas, e intrigas do Barão de Urbino. Aqui não ha acção nenhuma, tudo são incidentes deslocados, e desconnexos. Se he o casamento de Carlos com a Preta, nem Carlos o tem querido, nem o insinuou, e he por fim lembrança daquella mesma Cecilia, cajo empenho principal era remover a Preta dos amores de Carlos, e para este fim comprou à Preta por huma exorbitancia; e depois de se mostrar táo ciosa, que a todo o preço pretende mudar o coração da Preta, determina a mesmissima Cecilia, que ella case com Carlos, que fica muito contente, e diz a Henrique, que case com Cecilia. A Peça, men amigo, não tem principio, meio, e fim; e para me explicar em termos mais perceptiveis, e claros, não tem pés, nem cabeça. A arte está desprezada, a natureza esquecida, o bom gosto ultrajado, e eu fiquei aborrecidissimo dos destemperos theatraes. E crêde, que havia mais ordem, mais regular andamento, mais natureza no Polinardo na Suecia, na Confusão de hum retrato, em Artaxerxes, e nas mais que vivem acavallo em hum barbante no fim da Rua Acgusta. Os Francezes estão perdidos em materias de gosto (e em tudo o mais) e reduzir os seus monstros com os seus golpes de theatro á nossa scena Portugueza, ingerindo-lhe quatro sentenças chochas, he dar meia duzia de piparotes na razão humana. Nunca mais me levará o theatro outro cruzado novo. Na primeira cahe todo o homem, na segunda o pouco acautelado, na terceira o tollo. Deos vos livre, e vos guarde de golpes de theatro, que delles se livrara o vosso cordeal amigo.

Manoel Mendes Fogaça.

FIM

parameter of the parameter of the control of the co

A real Caled & trainly

FIM

FABULAS LITERARIAS.

FABULAS

FABULAS LITERARIAS

DE

D. THOMAS YRIARTE

Traduzidas do Castelhano POR

ROMAŎ FRANCISCO ANTONIO CREYO.

Offerecidas

A III.^{ma} EX.^{ma} S.^{ra} D. MARIA
IZABEL DE LENGRASTRE CEZAR E MENEZES.

Usus vetusto genere, sed rebus novis. Phaedr. Lib. V. Prolog.



PORTO:

Na Officina de Viuva Mallen, Filhos, e Companhia.

Impressores da Relação. Anno 1796. Com licença da Meza do Desembargo do Paço

PARULAS LITERARLAS

D'THOMAS YRIARTE

Transmiller to Captuling

MOSIAO PRANCINCO ANTONIO CHEVO.

A III . S. S. D. MARIA.

that with trace, led value mais. Plants Lib. V. Bolog.



DT BOS

Di Officina de Vert. Malen, Fillios, e

Ungerallere de Religió de la región.

INDEX

DAS FABULAS LITERARIAS, Que contém este volume.

FABULA I.

	Elefante, e outros an	imaes Pag. I
	FABULA	M.A MAT IS
0	Bicho da seda, e a Ara	nha 5
	FABULA	III. m march 0
0	Urso, o Macaco, e o Po	prco 6
	FABULA	IIII.
0	Sapo, e o Mocho	8
	FABULA	V. V.
\mathcal{A}	Formiga, e a Pulga.	10
4	FABULA	VI.
0	Burro flautista	I2
	FABULA	VII.
0.	s dous Pagagayos, e a	Arara 14
+	FABULA	VIII. SE LEWE O
Os	s Ovos	16
13	4/1	FA-

11	Index	
	FABULA IX.	
O Sino gra	ande, e a garrida.,	д-д-д- 19
62011	FABULA X.	diamer -
A Abelha	e o Cuco	21
	FABULA XI.	
O Gata	Lagarto, e o Grillo.	
O dato, o		
4 D =	FABULA XII.	
A Raa, e		25
9	FABULA XIII.	
O Macaco	vestida	26
8	FABULA XIV.	ML . WITE
O Rato, e	o Gato	30
8	FABULA XV.	
Os dous Co	elhos	
01 1	FABULA XVI.	7
A Cigarra	, e a Boi	
	FABNLA XVII.	
_	ns, e a Abelba.	-
-	FABULA XVIII.	
O Pato, e	a Serpente	• • • 37
. 2	1	
61.5		FA-

Index:	iii
FACULA XIX.	
O Macaco, e o Maramoteiro	30
FABULA XX.	
A Aguia, e o Leao	. 41
FABULA XXI.	
A Coruja	43
FABULA XXIII.	
A Espada, e o Espeto	45
FABULA XXIV.	
Os dons Gallos, e o Frango	47
FABULA XXV.	
O Pavaō, e o Corvo	49
FABULA XXVI.	
O Viajante, e a Mulla :	5I
FABULA XXVII.	
O Petimetre, e a Dama	. 53
FABULA XXVIII.	
O Avestrus, o Dromedario, a Rapo	sa, e
outros animaes	
FABULA XXIX.	marrie D
Leao, e outros animaes	56
	FA-

IV	Index	
	FABULA XXX-	
0	Chá, e a Salva.	60
	FABULA XXXI.	
A	Criada com a vassoura	62
	FABULA XXXII.	
0	Gallo, o Porco, e o Cordeiro	63
	FABULA XXXIII.	
A	Rendeira, e o Fabricante de Galoens.	65
	FABULA XXXIV.	
0	Macaco, e a Pega	66
	FABULA XXXV.	
0	Tordo, e a Pega	71
	FABULA XXXVI.	
A	A Cabra, e o Potro	. 72
	FABULA XXXVII.	
0	Tomilho, e a Parietaria	74
	FABULA XXXVIII.	
0	Guarda sol, os manguitos, e o leque.	75
-	FABULA XXXIX.	
0	Periquito	76
3	to a comment to the top in	3 6
,	F	'A-

Index	V
FABULA XL.	
O Rouxinol, e o Pardal	78
FABULA XLI.	
Os quatro tolhidos	79
FABULA XLII.	
Os dous Tordos	82
FABULA XLIII.	
O Jardineiro, e seu Amo	1 2 2 2 2 3
FABULA XLIV.	
O Fuzil, e a Pederneira	86
FABULA XLV.	
O Ladraő	87
FABULA XLVI.	
O Naturalista, e a Sardonica	89
FABULA XLVII.	
A discordia dos Relogios	
FABULA XLVIII.	
Certos animalejos	96
FABULA XLIX.	
A Raã, e a Gallinha.	98
-1/2	FA-

AT	inaex.	
	FABULA L.	
O Rico ,	e o seu amigo	. 99
	FABULA LI.	
A Vibora	, e a Sanguesuga.	. IQ2
	FABULA LII.	
Q Escarar	velho	. 103
	FABULA LIII.	
O Cisne,	e o Sirzino	. 105
	FABULA LIV.	
O Lobo,	e o Pastor	. 106
	FABULA LV.	
O Macho	da nora, e Cao	. 107
ь	FABULA LVI.	
O Jument	o, e seu dono	. 110
	FABULA LVII.	
A Lagart	a, e outros animaes.	. 112
	FABULA LVIII.	
A Doninh	a, e o Cavallo.	. 114
	FABULA LIX.	
O Caçador	e, e o Furao	. 117
		FA-

T

	vii
FABULA LX.	
O Jumento, do azeiteiro	120
FABULA LXI.	
Os Mosquitos	121
FABULA LXII.	
A Abetarda	126
FABULA LXIII.	
O Medico, o enfermo, e a enfermidade.	127
FABULA LXIV.	
A compra do Asno	131
FABULA LXV.	
O Erudito, e o Rato	134
FABULA LXVI.	
Os dous hospedes	136
FABULA LXVII.	
O Retrato de Golilha	139
FABULA LXVIII.	
O Rico metido a arquitecto	142

3-1-1

A ILL. ma EX. ma S. ra D. MARIA 1ZABEL DE LENGRASTRE CEZAR E MENEZES.

den Edger Hellinde officer, met reference delle electrica delle officer, met reference delle electrica delle electrica delle am a tracka meteralia delle electrica delle delle electrica meteralia delle electrica delle electrica dell'i LENCT : e a mise de la companyationa-

person for the second second MINERAL TO AND THE MAN OF THE PARTY OF THE P Ada devendo vacillar EX.ma SENHO-RA, na eleição de protector para amparo da presente traducção, que publico, assentei que só a V. EXCELLENCIA devia ser dedicada, para que debaixo dos seus auspicios se faça mais estimavel. Sendo constante, que ás virtudes dos gloriosos Avós, que tanto ennobrecêrao a patria com a espada, e penna, junta V. EXCELLENCIA bum amor por natureza excessivo, e applicado as Sciencias, que tanto conhece, e sabe aprecear, unindo-se a isto as indiziveis obrigaçoens, que por muitos titulos devo

devo á PESSOA de V. EXCELLENCIA, estas as duas grandes razoens, porque justamente offereço a V. EXCELLENCIA esta, bem sei que limitada offerta, mas tributo indi/pensavel da minha obrigação; proteja-a com o seu respeito, e ficará servindo esta accao de eterno monumento á generosidade de V. EX-CELLENCIA, e a mim de dar quotidianamente publicas mostras do meu reconhecimento. No NOME de V. EXCELLENCIA, terei bum escudo firme contra os golpes da mordacidade, quando nao bastem as muitas, e excellentes armas, que contra ella ministre a mesma obra.

Deos guarde a PESSOA de V. E.xa

Como muito deseja seu humilissimo criado Romao Francisco Antonio Creyo.

O F. D. A.

THE FULL OF THE

ADVERTENCIA

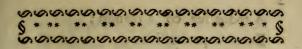
Posta pelo Editor Hespanhol no frontispicio da primeira impressas destas Fabulas.

ORQUE principiavao a correr na mao dos curiosos algumas copias viciadas destas Fabulas, me persuadi fazer algum serviço ao Publico Litterario em pedillas ao seu Auctor, e valído da amizade que lhe devo dá-las á luz com o seu consentimento. Nao quero preoccupar o juizo dos Leitores a respeito do seu merecimento; mas sómente advertir aos menos versados nesta erudição, que he esta a primeira Collecça6 de Fabulas inteiramente Originaes, que se tem feito em Castelhano: que logo que sahíras á luz foras traduzidas na

lin-

lingua Italiana: e assim como para a Hespanha tem estas particulares recommendaçõens, tem outra tambem para as Naçoens Estrangeiras, vem a ser, a novidade de que todos os seus a assumptos se referem á Litteratura. Os Inventores de Fabulas meramente moraes, com mais facilidade achárao nos Brutos propriedades para fazer commodas applicaçõens aos defeitos humanos pertencentes aos costumes; porque os Brutos tambem tem suas paixoens: porém como estes nao lêm, nem escrevem, he mais difficil descobrir nelles particularidades, que possas tero relação, tanto com os vicios Litterarios, como com os preceitos, que devem servir de norma aos Escritores. A doutrina que sobre hum se outro ponto contém estes Apologos; vai amenizada com a variedade da verlificação.

nos verbidos nella crudição, que he ella a primeira Collecto de Fabulto intelrarente Originase, que le tem feito em Callelhano: que logo que logo que fabrido à los lució maduellos na CORT.



PROLOGO.

FABULA I.

O ELEFANTE, E OUTROS ANIMAES.

Con applicate A

LA' nos tempos antigos,
E em terras mui remotas,
Quando os Brutos fallavao
Tal ou qual gerigonça,
Vend' o sabio Elefante,
Qu' entre elles era moda
Incorrer em abusos,
Que merecem reforma,
Affear-lhos pertende,
E p'ra isso os convoca:
Depois que a cortezia

A

2

A todos fez co a tromba; Entra a perfuadi-los Com huma arenga douta, Que para aquelle intento Estudou de memoria, Abominando esteve Por mais d'hum quarto d'hora Mil ridiculas faltas, Mil modas viciosas, A preguiça nociva, A presumpçao vaidosa, A arrogante ignorancia, A inveja venenosa.

Em extremo gostosos

Estavas, aberta a boca,

Ouvindo seus conselhos

Alguns delles em roda:

O Cordeiro innocente,

A Abelha artificiosa,

O leal Perdigueiro,

A sempre siel Pomba,

Light of the free trial

O destro Pintassigo, Ta alamania A simples Mariposa, O Cavallo obediente, A Formiga engenhosa. Mas daquelle auditorio, Offendida nao pode Soffrer tanta parola: Eis-que o Tigre, e o Lobo Contra o Censor s'enojas: ! Que de injurias vomita ... anos di A Serpe venenosa! Offendidos diziao, Mofando em vozes roucas, O Zangao, e a Vespa, O Bisouro, e a Mosca. Sahirao do concurso, interestado Sem ouvir suas glorias, A Toupeira, o Milhafre, d

Dif

Dissimula a Rapoza;

E o Macaco insolente

De todos elles zomba.

Estava o Elefante

Olhando com paxorra;

E o seu arrazoado

Concluio desta sórma:

A nenhum, mas a todos

Minha pratica toca:

Quem a sente se culpa,

E quem nao, que a ouça.

Quem lêr as minhas fabulas,
Saiba tambem que todas
Fallao com mil Naçoens,
Nao só com a Hespanhola:
Nem fallao destes tempos;
Porque deseitos notao.
Sempre os houve no mundo,
Como há tambem agora.
Como pois nao criticao
Destinadas pessoas,

4 4

Se alguem as applicar Para si guarde a gloria.

FABULA II.

O Bicho da seda, E Aranha.

Rabalhando hum bixinho o feu cafullo, Huma Aranha vaidosa que alli estava, Tecendo a sua têa, lhe fallava Com hum riso picante, e com orgulho: ¿ Que diz da minha têa senhor Bicho? A's dez a comecei, faço capricho, Que acabada me fique ao meio dia. Veja que fina vai, veja que bella ! E o Bixinho zombando respondia: Senhora tem razao : assim sahe ella. Temerarios seráo os meus juizos; Mas o melmo direi dos improvisos.

FABULA III

O Urso, o Macaco, E Porco.

Hum Urso com quem a vida
Ganhava hum Piamontez,
A muito mal aprendida
Dança, emsaiava em dous pés.

Todo tezo, e presumido

Disse ao Macaco: Que tal?

Era o Macaco instruido,

E respondeo: Muito mal.

Replica o Urso! Eu creio

Me fazes pouco favor,
¿ Que tem o meu ár de feio!
¿ Que! Nao danço com primor?

O Porco estava presente,
E disse: Bravo! bem feito!

- 9 - 1

Dançador mais excellente

Nunca o vi, nem mais perfeito.

Mas do louvor deste amigo.

Nao contente o Urso, em sim,

Fez as contas lá comsigo,

E acabou dizendo assim:

Quando o Macaco mofava

Eu cheguei a duvidar:

Porém se o Porco me gaba

Mui mal devo de dançar.

Este pias de bom pao

Na unha tome hum Author:
Se o Sabio critica, máo!
Se o nescio applande, peor!

New riche permise is sales semily

Elaliation de esso a les claraciones

Megvord gov de lie vem brillander,

Se be delo, ou he bom en.

Do down a Machin dilla:

Samuel Come a doculere;

Inchestory or unchanging,

FABULA IIII.

O SAPO, E O MOCHO.

E Scondido no tronco d'hum carvalho
O Mocho estava hum dia;
E hum Sapo, que passou por alli perto,
Meio corpo lhe via.

Ah fenhor solitario lá de cima!
(Disse o Sapo maldito)
A cabeça nos mostre, e entas veremos
Se he feio, ou he bonito.

Nao tenho presumpção de ser formoso,
De dentro o Mocho disse:
E inda assim de mostrar-me claramente
Sempre evito a doudice;

Mas você que de dia vem brilhando, Inchado, e presumido,

Nad

Nao lhe fòra melhor tambem estar i No buraco mettido?

¡ Quam poucos dos que somos Escritores Este Mocho attendemos! Sempre damos á luz preste ou nao preste, Tudo quanto escrevemos:

Quanto fôra melhor sepultar tudo;
Mas vaons, e presumidos,
Mais gostamos de ser publicos Sapos,
Que Mochos escondidos.

For your committee of the party of the party

All the second s

gifted our land and and media

- safetime and the self-sample A.

Contract of the organic of the contract of

grand the ombine at of

- 1 T

Not the thin action carried elec-

FABULA V.

A FORMIGA, E A PULGA.

वर्ष देशक व्यक्तिक विव V Ejo muitos que fazem tal estudo Em nos dar a entender que sabem tudo, Q' ouvindo qualquer cousa, em verso ou prosa, Por mais nova que seja, e primorosa, Mui facil a suppoem, e mui vulgar, E nada encontrao digno de louvar. Esta casta de gente Nao se m' ha de escapar sem a esporada, E n'huma breve fabula corrente, A c'rapuça lhe faço bem cortada; Huma vez succedeo, Leitor discreto, Qu' estando a pulga infame vil insecto Ouvindo da formiga que contava, O muito que o sustento lhe custava,

Como p'ra se abrigat minava o chao;

Que de tulha lhe serve, e habitaçao;

Como do campo os frutos conduzia,

E o trabalho entre as mais se repartia;

Outras mil cousas mais bem curiosas,

Que p'ra muitos seriao fabulosas,

Se diaria experiencia

As nao acreditasse de evidencia.

A todas as razoens

A pulga respondia, só dizendo

Nada mais que as seguintes expressoens:

Sim ... bem sei .. já se sabe .. bem entendo,

Assim dizia eu ... isso está claro;

¿ Que maravilha he, que tem de raro?

Nao soffrendo a Formiga tal sossee,
Do seu serio sahio, e á Pulga disse:
Pois minha rica amiga, eu lhe pesso,
Que á minha casa venha, que careço,
Que em trabalho me ajude de proveito,
E sendo, como diz habil, e destra,
Que tudo sacilita, e dá por seito

Venha-nos pois mostrar q he grande mestra.

A pulga, dando hum salto, faz-se á vella,

Dizendo sem rebuço, e sem vergonha:

Vejao que bagatella!

Tanto pensas tu que me custaria?

O ponto he que a faze-lo eu me ponha...

Mas tenho que fazer... té outro dia.

SON SON SON SON SON SON SON

FABULA VI.

O Burro FLAUTISTA.

S Aia bem ou mal,
Melmo de repente,
Lembrou-me esta fabula
Casualmente.

D' huns verdes Prados

Junto á corrente,

Passava hum Burro

Casualmente.

Alli hum Pastor,
Que estava ausente
Deixára a flauta
Casualmente.

Cheirou-a o Burro,
E de repente
Deu hum espirro
Casualmente.

Movido o vento
Como he patente;
Tocou a flauta
Casualmente.

Oh! Disse o Burro:
¡ Que bem sei tocar!
E a musica asnal
Nas se ha d'approvar?
Sem regras d'arte
Há muita gente
Que diz acertos
Casualmente.

& WARREN WARREN WARREN

FABULA VII.

Os PAPAGAYOS, E A ARARA.

D Ous Papagayos trouxera Huma curiosa Dama, D' Ilha Hespanholla, e Franc Que S. Domingos se chama. Cada huma destas aves Distinta lingua fallava, E quem de perto as ouvia Em Babilonia se achava. De Francez, e Castelhano Tal mistiforio faziao, Que por fim das duas linguas Nenhuma dellas fabiao. O Francez do Hespanhol Poucos termos lhe tomoi

Mas

Mas o Hespanhol do Francez

Quasi todos adoptou.

Separados os pozeraó; E o Francez reforma toda A palavra, que aprendera Da lingua, que nao he moda; Ao Hespanhol pelo contrario Agerigonça nao lhe esquece, Antes pensa que com ella A fua lingua enriquece. Pedio hum dia em Francez III . A Sopas, e arroz da panella, p como all E da janella defronte man mal Huma Arara bacharella, illa gonun sal) Em gargalhadas de rizo mar ano son Escarnio delle fazia, .. Respondeo-lhe: elle somente (Como quem faz zombaria) Nao és mais que huma Purista; (*)

^(*) Voz de que modernamente se valem os Correptores da nossa lingua para rediculisarem os que
a fallac com pureza.

16

Nisso me faz inuita honra.

Eis-aqui os Papagayos

O mesmo que as pessoas!

FABULA VIII.

Os Ovos.

D As Ilhas Filippinas mais além
Ha huma, que nao sei como se chama,
Nem me importa sabe-lo, onde há fama
Que nunca alli gallinhas vio alguem,
Até que hum Estrangeiro
Por acaso levou hum gallinheiro.
E a producção por sim soi tal, que o prato
Mais commum, e barato,
Já era d' Ovos frescos; porém todos
Em agoa os aquentavao; que o Viajante
Tambem os nao guizou por outros modos.

Logo daquella terra hum habitante
Por moda introduzio serem assados,
¡ Que elogios se ouvirao á porsia
Da sua rara, e secunda fantesia!
Outro inventou saze-los assogados...

¡ Pensamento feliz!... Outro coze-los,
¡ Agora sim que estas os ovos bellos!
Pouco tempo depois sahíras fritos;
¡ Que applausos lhe nas deras infinitos!

Nao bem se passa hum anno,
Quando outro sahe dizendo, sois orates,
Eu os farei de molho com tomates:
Mas a rara invençao deste magano,
Com que a gente da Ilha se alborota,
Por muito tempo em moda nao durou,
Que d'outro modo estranho os preparou
Hum samoso Estrangeiro, á Hugonota.

Isto fizeras varios cozinheiros:
Mas depois que pratinhos delicados
Nas fizeras tambem os confeiteiros!
Moles, reais, desfios, e queimados,

E

E até; ... Invençad rara!

De escaveche, e compota outro os prepara,
E por sim todos erad inventores.,
E os ultimos guizados os melhores:
Mas hum douto Anciad
Lhes disse hum dia: Presumiz em vad
Dessas composiçõens, artes mesquinhas!
; Graças arquem trouxe aqui Gallinhas!

Tantos Autores novos:
Ned the fora melhor his guizar ovos

Nao lhe fòra melhor hir guizar ovos Cem legoas mais além das Felipinas?

a content of add on - one a sop area

to talles so the conference of the sound of

a to consend at the

FABULA IX.

O SINO GRANDE, EA GARRIDA.

M certa Cathedral hum grande fino havia Que sómente tocava algum solemne dia Com pausado compasso, com som mui veheméte Sinco ou seis badeladas dava unicamente, E assim por ser tambem d'extraordinaria marca Celebrado foi sempre naquella Comarca, E daquella Cidade nao muito apartado Hum lugarejo havia pouco povoado, Cuja Parochial foi sempre huma Igregita, Que tinha hum campanario a modo de guarita, E huma velha fineta, que delle pendia Era a que o principal papel alli fazia H AMI.

E p'ra que esta sineta tenha semelhança Com a da Cathedral, dispoz avisinhança, Que pauzado, e mui pouco a sineta ditosa Se tocasse sómente em sunçad estrondosa: Na gente pôde tanto aquelle desatino, Que a sineta passou alli por grande sino, Nem he para admirar; visto que a gravidade Tambem em muitos passa por capacidade: Raras vezes se dignad despegar os labios Pensando que com isto passarado por sabios.

the state of the s

FABULA X.

A ABEILHA, E O CUCO.

D Isse ao Cuco a Abelha hum dia; Nao te posso ouvir cantar; Porque tua voz molesta Nao me deixa trabalhar.

Há aves fastidiosas;
Mas nenhuma como tu,
Dizes sempre a mesma cousa,
Cucú, cucú, e cucú.

¿ Criminas meu canto igual?
Pois comtigo agora eu ralho,
¿ Que mudança fazes tu
No teu continuo trabalho?

Estamos por certo iguaes, Eu, e tu por tudo, e em tudo, Tu nao inventas de novo. Eu do velho nada mudo.

A Abelha responde entad -Com soberba, e magestade: O meu trabalho he tad util

Mas em obras destinadas

Ao mero divertimento,

Se nao sôr varia a invençao

Causao aborrecimento.

Promise and the same

Margantisma cara IF C

This confer design to the conference of the conf

the second to be a second to

Filamos" por ceno ligicaes,

Chiu, dielis è esci.

FABULA XI.

O GATO, O LAGARTO, E O GRILLO.

Certo he que ha brutos mui scientificos

Em curar-se com varios especificos,

Em conservar a construcção organica,

Como destros que são em a botanica,

Pois conhecem as ervas diureticas,

Catarticas, narcoticas, e emeticas;

Febrifugas, estipticas, prolificas,

Cefalicas tambem, e sudorificas:

E nisto era mui pratico, e theorico

Hum Gato pedantissimo rhetorico,

Que em elevado estillo e enigmatico

Fallava qual chapado cathedratico.

Procurando este plantas falutiferas,

(Disse ao Lagarto) que ancias tao mortiferas,

Pra curar as turgencias semidropicas!

Quero chupar as folhas heleotropicas :

Attonito o Lagarto com o exotico
De todo este preambolo estronbotico,
Tanto entendeo a fraze macarronica
Como se fôra em lingua Babilonica,
Notou porém que o Charlatao ridiculo
De verde girasol enche o ventriculo,
E lhe diz, já por sim, senhor Hidropico
Tenho entendido o que he summo heleotropico;

¿ E he bem q hum Grillo ouvindo este dialogo Nao entendendo nada do catalogo De termos tao estranhos, e magnificos, Déste ao Gato elogios honorificos? Sim que alguns a inchação a tem por merito, E o estilo corrente por demerito;

Pois que os cegos amantes de hiperbolicas
Clausulas, metaforas diabolicas,
De retumbantes vozes o deposito
Gastao, inda que saia hum desproposito,
Caia sobre o seu stilo problematico
Este apologo exdruxolo, enigmatico.

FABULA XII.

A RAM, EA RAMZINHA.

Um rio que de Tejo o nome tinha Fallava com a Ram, huma Ramzinha, A folhagem louvando, e a espeçura D'hum gran canavial, e sua verdura; Mas logo que do vento O impeto violento Huma cana quebrando, ao chao a humilha, Por modo delição, lhe disse a Ram, Vem vê-la, minha filha, Por fóra toda liza, toda sã, Por dentro toda oca, e toda vá! Se esta Ram entendera de poesía Tambem de muitos versos o diria.

\$

FABULA XIII.

O MACACO VESTIDO.

A Unque se vista de seda La Mona, Mona se queda: O Rifat o diz affim, Eu tambem o digo a fim De dar aos homens liçad Em fabula, e em rifadi il mami O De mil differentes pedaços Quali costumad os Palhaços, Se veste hum dia hum Macaco, was V Eu supponho que ao velhaco Seu Senhor o vestiria; Porque difficil seria, Que o Macaco se asseasse; (O Rifao o diz, e passe)

Vendo-se pois tao chibant e,
Da janella n'um instante
Salta ao telhado visinho,
E dalli toma o caminho
P'ra voltar a Tetuao:
Isto nao diz o Risao,
Porém consta d'huma historia,
De que a penas há memoria;
Pois o Auctor he mui raro,
E p'ra pôr o facto em claro
Nao lhe custaria pouco.

Elle nao foube, e eu tao pouco Tenho podido achar, Se o Macaco foi por mar, Se o Macaco foi por

Vio-se o Senhor a final
Entre a geração Monal,
Que toda núa encontrou;

Cada qual logo faudou Tao distinta personagem, E admirados do traje, Suppozerao que seria De muita sabedoria, De engenho, e tino mental O petimetre animal. Consultad no mesme instante; E nemine discrepante Votad que ao tal capitad Se lhe entregue a direcçao D' huma grande correria, Com que buscar se devia Naquelle paiz tao vasto A provisao para o gasto Daquella tropa infinita; (; O que he ter roupa bonita!) Logo o director marchando C' os batalhoens de leu mando, Errou a estrada o mosino, E o que he mais, perde o tino,

E seus nescios companheiros Atraveçando atoleiros, Rios, serras escarpadas, Desertos, brenhas cerradas, Já por fim nenhum sabia Por onde voltar devia, Sendo que na sua vida, Já mais fizerao fahida, Em que fosse o Commandante Mais tezo, nem mais galante, E virao por experiencia, Que a roupa nunca deu sciencia: Mas sem hir a Tetuao, Tambem por cá se acharao, Macacos que se vestem de estudantes, E hao de ficar o mesmo que erao dantes.

-A.

FABULA XIV.

O RATO, E O GATO.

Teve Esopo lembranças mui famosas, Que invençoens naturaes! que proveitolas Sentenças nos deixou! se me lembrar Huma fabula sua vou contar Em claro Portuguez. Hum velho Rato, Comfigo assim dizia lá n'hum canto: Nao ha cousa mais bella, e estupenda Do que a fidelidade; eis porque tanto Amo o fiel Podengo. Mas hum gato, Que o seu discurso ouvio, diz : Essa prenda Eu a tenho tambem. O Rato presto De hum salto se esconde, E torcendo o focinho lhe responde, Como? Tu?... Tal virtude já detesto:

E fugindo, se foi cheio de susto.

A muitos, que o louvor julgavao justo,
Já injusto parece,

Se algum de seus contrarios o merece.

¿ Esta fabula que tal, senhor Leitor?

Póde ser que lhe agrade, que o instrua;

Acaso a vio melhor? —

Disse Esopo huma cousa como sua —

Pois Esopo a nao sez, senhor perito,

Sahio desta cabeça—; Pois he tua? —

Sim, senhor Erudito,

Pois que a sua invenção louvado tinha,

Agora ralhe della porque he minha.

AUTOTO SHIPE CONTINUES

COST OF THE PRINT THE

Day at the Ball

Series Company and

FABULA XV.

Os Dous Coelhos.

Por entre humas matas
Os galgos temendo,
Naó digo corria,
Voava hum Coelho.
Sahio-lhe ao encontro
Hum feu companheiro,
Amigo que he isto?
Começa dizendo.

Que ha de ser (responde)
Sem alento chego,
Dous galgos malvados
Traz mim vem correndo.
Sim (respond) o amigo)

Sim, (refpond' o amigo) Lá vem, eu os vejo;

Porém nao sab galgos: ¿ Pois que sao? - podengos, Podengos! Que dizes? Eu já sou mais velho, Sao malditos galgos, Que bem visto os tenho-Podengos te digo Eu bem o entendo-Sab galgos, aposto-Nao sao, sao podengos: Assim disputavao, Eis-que os galgos chegaó, Descuidados pihas Os meus dous Coelhos. Os que por questoens De pouco momento Deixad o que importa Tomem este exemplo.

FA-

FABULA XVI.

A CIGARRA, E O BOI.

Avrando andava o Boi, e perto desse A Cigarra cantando lhe dizia:
Ai! que rego tao torto alli fizeste;
E o pachorrento Boi lhe respondia:
Se aquelle que soi torto conheceste
He porque todo o mais hia direito;
Cala o bico palreira, e considera,
Que eu sirvo bem meu dono, e me tolera
Entre tantos acertos hum deseito.

¡Vejao quem fez, e a quem nota tao futil!
Huma Cigarra ao animal mais util:
Mas se me entenderia...
Quem a culpar se atreve
Em obras grandes hum deseito leve?

FA-

FABULA XVII.

Os ZANGOENS, E A ABELHA.

A Tractar d'hum gravissmo negocio, Juntárao-se os Zangoens hum certo día, Cada qual varios meios discorria Para dissimular o inutil ocio.

E a fim de se livrarem desta nota, Na presença dos outros animaes, Inda o mais preguiçoso, e mais idiota Fazer savos intenta, taes ou quaes.

Mas como o trabalhar lhes era duro, E o enxame inexperto Nao estava seguro De rematar a empreza com acerto, Intentárao sahir daquelle aperto Com buscar das colmeas a mais velha,

E

E tirar o cadaver d'huma Abelha, Mui habil no seu tempo laboriosa, E fazer-lhe c'o a pompa mais honrosa Humas grandes exequias funeraes, Susurrando elogios immortaes De quanto habil hera Em lavrar doce mel, e branca cera: Com isto se louvavad tad vaidosos, Que lhe disse huma Abelha por despique, ; Nada mais trabalhais? Pois preguiçosos Já mais igualará vosfo zunido A' huma gota de mel, que eu só fabrique. Quantos passar por sabios tem querido Só com citar os mortos que o tem sido, Oh! e que pomposamente os citaó; Mas pergunto eu agora; e os imitad?

DECEMBER 18 TO BE TO BE

MADE STREET, SET THE STREET

FABULA XVIII.

O PATO, E A SERPENTE.

Unto á margem de hum lago Dizendo estava hum Pato, A ninguem deo o Céo Os dons que amim ha dado; Sou d'agoa, terra, e ár, Quando de andar me canço Se me parece vô-o, E quando quero nado. Huma astuta Serpente Oue o estava escutando, Com hum silvo lhe disse : Nao, nao blazone tanto, Pois inda que bazofia, Nao anda como o Gamo,

Nem vôa qual Milhafre, Nem nada como o Barbo; Nao he faber de tudo O importante, e raro, Saber bem hum coufa Eis-aqui todo o cafo.

FABULA XIX.

O MACACO, E O MARAMOTEIRO.

distory is the

O Fidedigno Padre Valdecebro,
Que em discorrer historias d'animaes
Esquentava o cerebro,
Pintando os com seus pellos, e signaes;
Que em estilo elevado, e eloquente,
Do Unicornio prodigios conta muitos,
E também crê na Fenis a pés juntos;

Nad

Nao estou bem lembrado, Se he no oitavo livro, ou se no nono, Refere o caso d' hum samoso Mono.

Este pois que eminente Era em habilidades, e servia Hum gram Politiqueiro, quiz hum dia, Em quanto seu bom amo estava ausente, Convidar dos diversos animaes Seus amigos melhores, A que viessem ser expectadores Das suas macaquices principaes. Principia fazendo amortecina, Dançou depois na corda a volatina, Com o falto mortal, e la campana, Logo o despenhadeiro, A espatarrada, voltas de carneiro, E por fim o exercicio a Prussiana. Destas, e d'outras graças fez alarde, Mas o melhor faltava todavia; Pois, fazendo o que ao Mestre fazer via, Offerecer-lhes pensou, para que a tarde

Mais completa lhes fosse, e a função plena, Da magica a santerna huma scena; Logo que as attençõens do auditorio Com hum preparatorio Exordio confiliou, como he usado, Traz da maquina se poz muito entonado, E durante o manejoh De seus vidros pintados, Mui faceis de mover p'ra'mbos os lados, As diversas figuras Hia explicando com loquaz despejo, Estava o quarto as escuras, Qual se requer em casos similhantes, E bem que os circumstantes Observavao attentos, Divisar nat podiat os portentos, Oue com tanta parola, e grave tom, Annunciava o Mono charlataó: Todos se confundiao, suspeitando Que o Macaco lograva a toda a gente, Elle estava corrido, eis senao quando

Entrou o mestre Pedro de repente, E informado do caso, entre rizonho, E severo she diz: Bruto enfadonho, De que serve essa charla sempiterna Se apagada deixastes a lanterna?

Perdoai-me subtis, e altas Musas Que vaidade fazeis de ser confusas, Poderia eu dizer com mais destreza, Que tudo salta, se nao há clareza.

FABULA XX.

A AGUIA, EO LEAG.

A Aguia, e mais o Lead Gram conferencia tiverad, Para entre si regular Certos pontos de governo. Fez a Aguia muitas queixas Do vil Morcego, dizendo,, ¿ Até quando este maldito Inquietará o nosso Imperio?

Com minhas aves se mette,
Dizendo: Eu vos pertenço:
Para prova, alçando o vô-o,
Lhe diz: Tambem azas tenho.

Porém diz, se lhe parece:
Bico nao, focinho tenho,
¿ Como ave quereis tractarme?
Sou quadrupe, e tenho pello:

Com meus Vassallos murmura
Dos animaes do teu Reino,
E, quando vive com elles,
He contra os meus o primeiro,

Está bem, disse o Leao,
Eu juro que em meus Imperios
Nao entre mais: Pois nos meus
(Respondeo a Aguia) menos.
E desde entao solitario
Sómente de noite o vemos,

Pois volateis, e quadrupes
Naő querem tal companheiro.

Ah! Morcegos literatos,
¿ Que fazeis a pena, e pello?
Se quereis viver com todos,
Vinde ver-vos neste espelho.

FABULA XXI.

A CORUJA.

Obardes sao, sao traidores
Os que esperao com pachorra
Que o infeliz Auctor morra,
Para serem seus censores
Sem que algum risco lhes corra.
Hum breve caso a este intento

Hum breve caso a este intento Contava huma minha tia,

Que a noturna Curuja hum dia
Entrára em certo Convento:

(Minto, de noute feria.)

Foi de certo estando o Sol

Já muito longe do occaso,

E achou d'azeite razo

Hum candieiro, ou farol,

Que vale o mesmo p'ra o caso.

Mas ella que a luz temera,
Ca de longe a considera;
E exclama: com que deleite
Te chupara todo o azeite.
Se tua luz nao me offendera.

Tiras-me agora o vallor; Porque estás bem atiçada: Mas se te encontro apagada, Terei entas sem temor Huma exellente fartada.

FABULA XXII.

A ESPADA, E O ESPETO.

S Ervio em mil combates huma espada, Lisa, fina, cortante, bem temp'rada, A mais famola, que já mais foi vista Do mais infigne Toletano Artista. Por mao de muitos donos tinha andado, A quem nos lances sempre houvera honrado; Vendeu-se em trinta adelas differentes, Até que por estranhos accidentes, Já esquecido jazia o aço duro D'huma pobre Estalage ao canto escuro, E qual inutil traste desprezada, Ferrugenta se poz: Huma criada Por mandado do meu 'stalejadeiro, Que devia de ser hum malhadeiro,

Hu-

Huma noite a levou para a cozinha, E atravessando com ella huma gallinha, ¡Hei-la feita espeto a torto, e direito, A que espada já foi d'honra, e proveito! . Em quanto isto passava na pousada, Na Cidade comprar quiz huma espada Certo recem-chegado forasteiro, De boçal tranformado em Cavalheiro: E o espadeiro vendo, que ao presente Serve a espada d'adorno tao sómente, E que passa por boa qualquer folha, Sendo da moda o punho, que se escolha, Disse-lhe que tornasse ao outro dia, E hum velho espeto, que na casa havia N'um instante devasta, e asacala, E por espada de Thomás de Ayala A o pobre do boçal, que nao entende De compra similhante, encaxa, e vende, E tao velhaco foi o espadeiro, Como foi tolo o men'stalejadeiro: ¿ Mas de igual ignorancia, e picardia,

Nossa nação queixar-se não devia

Dos Traductores contra o fatal bando,

Que nos vão com seus escritos infestando?

Muitos traduzem obras celebradas,

E em espetos convertem as espadas,

Outros há que traduzem máos folhetos,

E vendem por espadas os espetos.

ONDONONONONONO

F A B U L A XXIII

Os dous Gallos, E o Franco.

H Um Gallo presumido

De lutador valente,

E hum frango já crescido,

Nao sei porque accidente

Entrárao ás razoens, e acaba o caso

A força d'unha, e bico tudo razo;

Teve o Frango tal manha, Que ao Gallo facudio mui lindamente, E por sua ficou tod' a campanha; O vencido Sultao sahe do conflicto, Dizendo, quando o Frango já nao via: Nao será com o tempo máo Gallito, Mas o triste he criança todavia: Com tal frango depois nao quiz mais nada; Mas outra vez nad sei porque embrulhada, Brigando com hum Gallo veterano, Guerreiro muito ufano, Nem pennas, nem a crista já trazia; E sahindo da festa inda dizia: Se nao fôra attender q he velho Gallo. Porém tontea já, devo deixa-lo. Quem se vir em contenda, Verbi gracia de assumpto literario,

Aos annos nao attenda, Mas ao talento só do seu contrario.

characida valudantola

FABULA XXIV.

O PAVAO, EO CORVO.

Pois como digo he o caso,
(Ora vá de conto)
Que a voar se desassa
O Pavao, e o Corvo;
A' baliza sinalada
Qual chegou mais prompto
Considere-o quem d'ambos
Tenha visto o vôo.

Espera disse o Pavaó De longe ao Corvo, Sabes tu que és muito negro, Feio, e hediondo.

Escuta, tambem reparo, Grita em tom mais rouco, Ky.

Que és hum negro passárao De mui máo agouro.

Vaite embora, tenho nojo De ti que és hum porco, Pois tens por muito regallo Comer corpos mortos.

Tudo isso nas vem ao caso, Lhe responde o Corvo: Que aqui sómente tractamos De vêr que tal vôo.

Quando nas obras d'hum sabio Nao acha defeitos Contra a propria pessoa Invectiva o nescio.

a - made a real 17

ANTE EL CONTRA APRIL

11.

(62) 50 02 NO 1 6 6 1 HI W.

CHANGE & COMMENT & SCORES

FABULA XXV.

O VIAJANTE, E A MULLA.

Parta de palha, e cevada Huma mulla de aluguer Sahia d'huma pousada,

E tanto entrou a correr, Que apenas o caminhante Tem forças para a deter.

Peníava que n'um instante
Meia jornada faria,
Porém logo mais adiante
A Mulla; Quem tal diria!
Retardando hia o passo,
¿ Se será velhacaria?
Arre... tu paras.., acaso
Mettendo-te a espora... nada...

Eu

Eu muito temo hum fracasso,
Esta vara que he delgada...
Menos... pois este aguilhas...
¿ Acaso estarás cançada?
Couces tira... que affliças!

Temo que em terra me deite...
Ao chao vou sem remissao:

Inda que as redeas lhe estreite, He peor... valhao-te cem... Barrabas que te sujeite...

Cahiste em terra... está bem, ¿ Eras tu a que corrias?

Má mormo te dê amen;

Nao me fiarei em meus dias De mula que entre fazendo Similhantes valentias.

Depois deste lance em vendo, Que hum Auctor tem começado Em alto estillo escrevendo,

Logo lhe digo: cuidado, Tem-te homem; que te has de vêr No miseravel estado Desta Mula de aluguer.

FABULA XXVI.

O PETIMETRE, E A DAMA.

Erto Galan a quem Pariz acclama,
Por Auctor comfummado em modas bellas,
Que sem se embaraçar com bagatellas,
O ouro, e prata sem temor derrama.
Quiz cellebrar os annos de huma Dama,
Estreando de estanho humas sivelas,
Para melhor provar c'o engano dellas,
Quanto seguro está da sua fama.
¡Bella prata, que lustre tas formoso!
Que viva (disse a Dama) o gosto, o nume
Do Petimetre em tudo primoroso.

E agora (digo eu) encha hum volume De disparates hum Auctor famoso, E se a gente o nao louvar eu como lume.

FABULA XXVII.

O Avestrus, o Dromedario, a Rapoza, B outros animaes.

P Ara passar o tempo se ajuntarao
Em assemblêa mil animaes varios,
(Que os brutos tambem fazem assemblêas); E que cousas aqui se nao tocarao!
Fallou-se alli das prendas disferentes,
De que cada animal era dotado.
Este a Formiga louva, o Cao aquelle,
Estououtro a Abelha, qual o Papagayo.
Nao (disse o Avestruz) no meu conceito

O mais bello animal he o Dromedario; E o Dromedario disse: Eu confesso Que só o Avestruz he que me agrada;

Ninguem adevinhou porque motivo Hum gosto tao estranho tinhao ambos, ¿ Será porque os dous sao muito grandes ? Ou por terem compridos os pescoços, Ou porque o Avestruz he hum pouco simples. E nao muito entendido o Dromedario? Ou he porque sao feios hum, e outro, Ou porque ambos tem no peito hum callo? Ou póde ser tambem ... nao he por isso. (Disse a Rapoza entad) já dei no caso, Patricios ambos sao, este he o motivo, Porque alternadamente se louvárao;

Barberiscos sao ambos com effeito, E nao forao nao tao insensatos Da Rapoza os juizos, que nao possa Outro tanto dizer dos literatos.

FABULA XXVIII.

O LEAT, E OUTROS ANIMAES.

A Tençao nobre auditorio,
Que o bandolim afinado
Já tenho, e hao de gostar
Da cantiga que lhes canto.

Em a Corte do Leao, No bom dia de seus annos, Entre huns poucos de animaes Hum serao soi concertado.

E para dar-lhe principio Com o devido apparato, Crerao que huma Academia De musica era do caso.

Como nisto de escolher Os papeis bem adequados, Nat fe tem todas as vezes O acerto necessario.

Esqueceu-lhe o Roxinol,
Do Melro, nao se lembrárao,
Nem se tractou de Calhandra
Pintassilgo, nem Canario.

Cantores de menos arte,

(Porém mais determinados)

Se offrecêraó a tomar

O passatempo a seu cargo.

Em quanto a hora naó chega
Do cantico preparado,
Cada musico dizia:
V'omeces veraó que guapo.

E em fim a capella junta, Apresentou-se no estrado, Composta destes seguintes Destrissimos operarios.

Os tiples erao dous grillos, Ra, e cigarra contraltos, Dous bizouros os tenores, O Porco, e o Burro, bassos.

¡ Com que agradavel cadencia, Com que assento delicado A musica soaria! Nao he mister pondera-lo.

Basta só dizer, que os mais
Os seus ouvidos tapando,
Em attençad ao Lead
A peta dissimulárad.

Mas a Ra bem conheceo Nos semblantes carregados, Que havia de ser mui poucas As palmadas, e os bravos.

Sahio-le do coro, e disse: Como desafina o asno!
(Mas este replica) os tiples
He que estas desafinados;

Quem deita tudo a perder (Acode hum Grillo xiando) He o Porco... devagar... (Lhe respondeo o sevado) Ninguem desafina mais
Do que a Cigarra contralto;
Tenha modo, e falle bem,
(Salta a Cigarra) isso he falso,

Esses Bizouros tenores
Sao os auctores do damno.
Corta o Leao a disputa
Dizendo: andai velhacos,

¿Antes de cantar a folfa Naő a estaveis celebrando ? Cada qual só para si Pertendia os applausos,

Julgando se deveria
Todo o acerto a seu canto;
Porém vendo que o concerto
He hum inferno abbreviado,

Já ninguem quer parte nelle, E aos companheiros faz cargos; Já mais na minha presença Apareçais; retirai-vos;

Que se outra vez cantar vindes,

Ju-

Juro que vos custe caro.

Ah! se permittira o Céo
Que succedera outro tanto,
Quando trabalhando juntos
Tres escriptores, ou quatro,

Cada qual pertende a gloria, Se he bom o livro, ou mediano; Porém se he máo, toda a culpa Imputa aos associados.

FABULA XXIX.

O Cha', E A SALVA.

H Um dia, que Dom Chá da India vinha, Co a Salva se encontrou, além da linha, Aonde vaz? (disse a Salva) Olá compadre... A Europa vou comadre, Onde sei que me compras por bom preço... E eu (respondeo a Salva) vou a China, Que ahi com summo apreço, Me recebem por gosto, e medicina: Lá na Europa me tractao de selvagem, E já mais pude fazer fortuna alguma-Ora pois vai com Deos-Tu na viagem Certo nao perderas; pois que nenhuma Nação deixa de ao genero estrangeiro Com gosto dar applausos, e dinheiro: Mas perdoe-me a Salva; o seu juizo Faz ao Commercio grande prejuizo; Se falla do Commercio literario Eu nao defenderei nunca o contrario; Pois nelle para muitos he hum vicio Aquillo, que em geral he beneficio:

Tal Portuguez de cór recitaria

De Boileau, e de Tasso a obra inteira,

E nao sabe em que lingua todavia

Compoz Camoens, Bernardes, e Ferreira.

BORONONONONONO

FABULA XXX.

A CRIADA COM A VASSOURA.

C'huma velha vassoura, entre mil queixas, Renego-te eu vassoura (lhe dizia) C'o a porquice, e pedaços que tu deixas Por onde vas, Em lugar de varrer mais sujarás;

Remendoens, que suppostos correctores, Pensando corrigir obras alheias, De mais erros as deixao talvez cheas: Porém má hora que eu a taes senhores Lhes diga nada, Que lho diga por mim a tal criada.

FABULA XXXI.

O GALLO, O PORCO, E O CORDEIRO.

Avia n'hum curral hum gallinheiro, E neste gallinheiro hum gallo havia, Por de traz do curral em hum xiqueiro Hum sevado gordissimo jazia. Item alli se criava hum Cordeiro, Todos elles em boa companhia, ¿E quem ignora que estes animaes Costumao viver juntos nos curraes?

(Com perdao de Vomeces) o tal cochino Disse hum dia ao Cordeiro; Que agradavel, Que feliz, que pacifico destino He podêr dormir bem; Que saudavel! Eu assento que o mais he desatino, Pois nao há nesta vida miseravel Gosto, como estender-se á mariolla. Roncar bem, e deixar correr a bola. O Gallo porém disse ao tal Cordeiro Em outra occasias: Olha innocente, Para lograr saude, e andar ligeiro, He preciso dormir mui parcamente; O levantar em Julho, e em Fevereiro, Com estrellas, he methodo prudente; Que o somno torna torpes os sentidos, Os corpos deixa frouxos, e abatidos. Confuso vacilando a baixa a orelha O simples Cordeirinho, e nao atina, Que qualquer dos amigos lhe aconfelha, Aquillo tao sómente a que se inclina. Pois cá entre os Auctores he mui velha A manha de propôr, como doutrina, E grande regra, a que nos sujeitamos, O que nas nossas obras practicamos.

FABULA XXXII.

A RENDEIRA, E O FABRICANTE DE GALOENS.

Uma rendeira vivia Perto d'hum fabricante de galoens, Visinha, quem diria! (Lhe disse) Que vallessem mais dobroens De renda quatro varas, Que dez do meu galaó; saó muito caras! De que á tua fazenda (Respondeo ella entad ao tal visinho) Exceda a minha renda, Tecendo tu em outo, e eu em linho, Nao deves espantar-te, Pois mais do que a materia valle a arte. Aquelle que do 'stillo se separa, E

E ao fentido das cousas só attende; Saiba, que se mais cara, Do que o nobre metal, linha se vende, Tambem tem a elegancia O valor principal sobre a substancia.

FABULA XXXIII.

O MACACO, E A PEGA.

Chuma Mona
Mui velhaca
Certa Pega:
Assim palrava:
Se em meu quarto
Tu entráras,
¡ Quantas cousas
Te mostrára!

Tu bem fabes Com que manha Roubo, e guardo Mil alfaias; minimum Se tu queres Ve-las, anda, cha conti Traz da caixa. Disse a Mona: Va de graça es sa sua V E ao quarto A *acompanhal: Dona Pega Eis-que a rasta Huma liga Encarnada, Hum alamar Alaman De cazaca, sample and Hum didal, Duas medalhas Jana A ponteira uvallo A

D' huma espada, Meio pente, E huma garla, A bainha De huma faca, Hum máo cabo De navalha, Tres cravelhas De Guitarra, E outras tantas Trapalhadas. Que tal! lhe diz: Diga mana? Nao me inveja? Nao fe pasma? Outra ave Desta casta in the military Em riqueza

Nao me iguala. Nossa Mona

A olhava

Com hum gesto De velhaca, E responde; Patarata! Tens juntado Lindas gallas. Aqui tens Quem te ganha, Porque he util O que guarda; Olha tu, Nas queixadas, Tenho buxos, Ou papadas, Que se encolhem, E se alargao; Como aquillo, Que me basta, E o sobejo Guardo em ambas, Para quando

Tenha falta.

Tu amontoas,
Mentecapta,
Coufas velhas
Trapalhadas.

Mas eu nozes,
E castanhas,
Doces, carne,
E outras tantas
Provisoens
Necessarias.

E esta Mona
Mui malvada,
Com a Pega
Assim fallava;
Mas parece
Que mais falla,
Com alguns,
Que fazem galla
De confusas
Miscelanias,

E ferragem Sem substancia.

NO NO NO NO NO NO NO NO NO NO

FABULA XXXIV.

O TORDO, E A PEGA.

VEndo o Tordo fallar hum Papagayo,
Quiz q este, e nao o homem o ensinasse;
E com hum só ensaio,
Como se destramente já fallasse,
Em varias occasioens
A huma visinha Pega deo liçoens;
E tao destra sahio a minha Pega,
Como quem a estudar o tempo emprega
Por copias, e mal feitas Traduçoens.

FABULA XXXV.

A CABRA, E O POTRO.

E Stando certa Cabra attentamente Largo tempo escutando Da sonora Rabeca o ecco brando, 'As pernas lhe dançavao de contente, È a hum Potro que tambem quasi suspenso Se esquecia do penso, Lhe disse em baixa voz estas palavras: ¿ Ouves daquellas cordas a harmonia? Pois sabe que sao tripas d'humas cabras, Com quem fiz n'outro tempo companhia, E espero da fortuna que algum dia, Nao menos doces trinos Tambem had de fazer meus intestinos. Voltou-se o bom Rocim, e replicou;

Essas cordas que dizes sas suaves,
Porque as sedas as ferem, como sabes,
Que o musico do rabo me arrancou,
Custou-me alguma dôr, e algum desgosto,
Mas por sim tenho o gosto,
Dever que o luzimento
A meu auxillio deve esse instrumento;
Este prazer que em vida me transporta,
¿ Quando o lograrás tu? Depois de morta.

Assim o máo Auctor, porque em vida
Sua obra nao vio inda applaudida,
A' idade posterior tem appellado,
E vive na esperança consolado.

FABULA XXXVI.

O Tomicho, E A Parietaria.

Euli, mas nao sei onde, q na lingua herbolaria Saudando ao Tomilho a herva Parietaria, Por escarneo lhe disse, com voz muito sentida, Deos te guarde, Tomilho, de vêr-te sou condoida, Que inda q mais fragante que todas estas plantas, Apenas meio palmo da terra te levantas:

Amiga, sou pequeno, porém bem vês que cresço Sem q alguem me soccorra; de ti me compadeço, Pois por mais q presumas, já mais podes medrar Sem que te vas primeiro á parede encostar.

E quando eu vejo alguns q d'outros escriptores A'sombra se recolhem, e pensao ser auctores, Fazendo quatro notas, hum prologo compondo, Co' a fraze do Tomilho a todos lhe respondo.

FA-

FABULA XXVII,

O GUARDA SOL, OS MANGUITOS, E O LEQUE.

SE querer saber de tudo He ridicula presumpças; Servir só para huma cousa He deseito nas menor.

Hum dia fobre huma mesa, Estava de conversação Com hum leque e huns manguitos O chapeo de chuva, ou sol.

E na lingua em que a panella Com a caldeira fallou,
Aos dous companheiros dísse:
¡ Que lindos trasses vós sois!

Manguitos servem de inverno, Sao inuteis no verao, Tu leque de nada ferves Logo que passa o calor.

De mim diversos officios Apprendei apezar vosso, De inverno sou guardachuva, E de verao guardasol.

FABULA XXXVIII.

O PERIQUITO.

H Um P'requito matizado Da janella vio hum dia A' hum villao esfarrapado, Que Saboiano feria,

A' quem dinheiro lhe dava
O estrangeiro magano
Por cousa rara mostrava
Hum Marmote Saboiano.

Sahio

Sahia de hum caixaozinho

Este ridiculo bicho,

E de cima o Passarinho

Exclamou (; raro capricho!

¡ Que sendo tu seio ahi
Dinheiro por ver-te dem,
Quando eu bonito aqui,
Todos de graça me yêm!

Pode ser nao obstante...

Sejas precioso animal

Mas nao: he prova bastante

O saber eu que és venal.

Ouvio isto hum máo Auctor, E sicou envergonhado; ¿ Porque?... Porque hum impressor O trazia a soldadado.

Apress differ to Konspied replice of the tenth of the constant of the constant

FABULA XXXIX.

Exclament (5 rate consisted

Dinneins you verste ment

O ROUXINOL, E'O PARDAL.

O Realejo o som seguindo hum dia Tomava o Rouxinol lição de canto, E á gaiola chegando-se entre tanto, O Pardal chilrador assim dizia:

Muito estranho visinho!

De ver que desse modo em novo estudo
Sendo su tao prendado,

D'hum discipulo teu és ensinado;

Pois quanto tocar sabe o Orgaozinho
Ati se deve tudo.

Apezar disso (o Rouxinol replica)
Se de mim aprendeo, eu delle aprendo,
A imitar meus caprichos se applica,
E assim eu os emendo

Neffe

Sujeitando-me á arte que elle enfina; E depressa verás quanto se adianta, Todo o Rouxinol que com arte canta.

De aprender se dedina and and of O Literato grave! To of the series sale.

FABULA XL.

Os QUATRO TOLHIDOS? SMILH

Companheiras dille e men

H Um mudo a nativitate,

Mais surdo que hum tapamento,

Veio tractar com hum cego

Cousas de pouco momento.

O cego por muitas fenhas, Com o mudo fe explicava, O mudo fez-lhe outras tantas, Mas o cego jejuava.

Neste aperto foi o mudo mil A Procurar a huma praça su a posa ! Hum seu grande camarada povorola ! Que era manco por desgraça. Este entad do mudo as senhas, Com palavras trasladava, sid cool E o cego por estermeio omos asM. Do negocio se inteirava pur sono! E refulta finalmenterel osa & Desta rara extravagancia, Q' era preciso escreversita ossonosa. Huma carta de importancia. Companheiros dise o manco, Eu fazer tanto nao posso, Mas escrevê-la virá med med O domine amigo nosso; Còmo ha de vir ; disse o cego; Se he coxo, e nao pode andar! Será preciso que o vamos

A fua cafa bufcar.

ucego jelyhya,

Assim fizerao, e em sim Cego, e manco ditao tudo, Escreveo a carta o coxo, E a levá-la parte o mudo.

Para este dito assumpto Dous sujeitos sobejavas, Mas como elles eras taes Todos quatro nas bastavas.

Bem podia suspeitar-se de Que com malicia o dissesse, and Para pintar bem ao vivo de la contece, and O que de facto acontece,

Quando se junta em conselho Muita gente literata, Trabalhao todos compondo Huma grande patarata.

FABULA XLI.

Os pous Torpos.

V Elho Tordo, certo dia,
Cheio d'annos, e prudencia
A feu neto perfuadia
Rapaz de pouca experiencia.
Anda rapaz, lhe dizia:
Anda vai com preferencia
A huma vinha de uvas bellas,
E o papinho enche dellas.

¿Essa vinha onde essá?

Lhe pergunta o rapazinho:

Qne fruta he a que dá?

Disse o velho: Coitadinho!

Tens hum banquete, vem cá,

E aprende a viver pobrinho,

Nao bem o dissera, quando As uvas lhe foi mostrando.

E ao ve-las disse o rapaz:
He esta a fruta gabada
Por hum Tordo taó sagaz?
¡Que pequena, e mal medrada!
Voltemos que he incapaz,
Naó presta, naó valle nada,
Eu tenho fruta maior
Em hum quintal, e melhor.

Vejamos, diz o anciao:
Inda que, mais valerá
Destas uvas hum só grao:
Eis-que ao quintal chegao já,
Disse o joven tolleirao:
Que bella fruta! hei-la cá,
Que grande, e de bella traça;
E que era? huma cabaça.

De que caha nao me assanho Neste engano o Tordo essulto; Porém acho mui estranho Que hum homem tido por culto Estime pelo tamanho;
Os livros, e pelo vulto:
Grande he, se he boa a obra,
Rorém se he má toda sobra.

Pallie prampic ubedes ...

FABULA XLII.

O JARDINEIRO, E SEU AMO.

E M hum Jardim de flores
Huma grande fonte havia,
Cujo tanque a mil peixes
De espaçoso viveiro lhe servia.

Unicamente a rega

Attende o Jardineiro,

De tal forte que as vezes

Sem agoa fica o peixe no viveiro.

Mio, seu amo, a desordem,
Logo o soi reprehender, o isque pois inda que quer slores, acorde
Regalar le com peixes tambem quer;

E o tude Jardineiro en si Porque prompto obedeça,
Das plantas já nao cuida,
Para que d'agoa o tanque nao careça.

Passados alguns dias
Volta o amo ao Jardim,
E achando as flores seccas,
Com rosto carregado diz assim:

Homem, nao regues tanto,

Que siquemos sem peixes,

Nem trates delles tanto,

Que sem slores também, bruto, me deixes.

Bem que he maxima velha
Repita-se a verdade:
Se queres acertar,
Une com o deleite a utilidade.

FABUL A XLII

O FUZIL, E A PEDERNEIL Ambor mureir term

Ontra o fuzil certo día Arma a pederneira querella; Pois para tirar fogo della Muito a miudo a feria: Entre a mutua gritaria Disse ao fuzil: pois em sim Vai-te com Deos: Hirei sim; Mas tu sem mim de que valles? Ora he melhor que te calles, E que valles tu sem mim.

red of your a page some for

Neste exemplo material Deve o Auctor considerar, Para o estudo ajuntar Ao talento natural.

Nao dá lume o pedernal
Se do fuzil falta a acçao;
Nem farás composiçao
Brilhante, faltando a arte,
Se obra cada qual á parte
Ambos inuteis serao.

SONOOOOOOOOOOOOO

FABULA XLIV.

O LADRAO.

PRenderao por fortuna a hum bandoleiro,
A tempo justamente,
Que da vida, e dinheiro
Estava despojando a hum innocente;
Fez-lhe cargo o Juiz do seu delicto,
E elle tornou: senhor des pequenito
Fui hum gato feliz em ratarias,
Capotes roubei logo, e mais sivelas,
Est-

Espadins, e mais outras bagatelas Porém sendo já mais entrado em dias, Mil casas escalei, dei mil facadas, E hoje sou salteador destas estradas, E assim V. Senhoria nao Te espante, Que agora roube, e mate a hum caminhante, Pois estes, e outros damnos Os estou eu fazendo ha quarent' annos; ; Ao Bandoleiro culpao! Pois por ventura dao melhor sahida Aquelles que desculpao, Nas letras o seu erro, o seu máo A practica allegando envelhecida Contra o dictame, que a razao tem posto.

Mentro per membro

Electe attracts

isl eador deltas eltradas O Sardonica.

Io n'uma horta de Duas fardonicas de Certo curiofo de Naturalista.

Pilhou-as ambas, E mai as pilha, Quer fazer nellas

Logo escolhendo A mais roliça, Membro, por membro Eis-que a trincha. O Microscopio
Logo lhe applica:
Pernas, e rabo,
Costellas, tripas,
Olhos, pescoço,
Cabeça, e barriga,
Tudo separa,
E o examina.

Tomando a penna
De novo mira,
Escreve hum pouco,
Se certifica.

Seus borradores
Depois regista:
Tornando a mesma
Carniceria,

Aos curiofos Da fua pandilha, Que entrárao a vêr Da-lhes noticia:

Do que observao. Huns se admirad, Outros perguntao. Outros duvidado ante astlello Finalizada A anatomia samed a spad Cansou-se o sabio De sardonicas; Soltando a outra Que estava viva; Esta voltou, A's luas frinchas. Onde fallando Com as vifinhas Todo o fuccesso a companyo Lhes participa. Nao duvideis langua en A Nao, lhe dizia, many sur av Eu mesma o vi deranne eut) ¡ Quem tal diria! The soul all

Esteve o fabio Todo hum dia, O corpo vendo Da nossa antiga. E há quem nos trate De sevandijas? Como soffremos Tal injustica! espinoural off Quando nos temos Cousas tab dignas De contemplar-se, E andar escriptas! Nada de humildes Nobre quadrilha, Valemos muito Por mais que digaő. ; E admiramos Porque se inchao

Certos Auctores D'obras indignas! Da-lhes muit honra
Quem os critica,
Antes deixa-los
Por vida minha,
Do que notar
Suas ninharias,
Pois fazer caso
De sardonicas
He dar motivo
A que repirao;
Valemos muito
Por mais que digao.

inumildes

i intos

1 pg/mile

a callet

ना ना ना विश्व विद्यार्थ.

on in the

For A oB UnLeb Aire XLVIPS of Enollid traine a orin omer of oringing

A DISCORDIA DOS RELOGIOS.

mera vertiade, entas notares, Ara hum banquete estavao convidados Differentes amigos, mas hum delles, Que ao tempo nao chegando assignalado, Chegou depois de todos, pertendia Desculpar a tardança: ; que desculpa Nos podes allegar? lhe replicárao: Seu relogio tirou mostrando-o disse: Nao vem V. M.ces que venho a tempo, Sao as duas em ponto: disparate, Responderad entad : o teu Relogio Atraza bons tres quartos; mas amigos! mo Exclamou o tardio convidado: Que mais posso fazer que dar o texto; O relogio aqui cstá, note o curioso;

Que era este cavalheiro como muitos, Que commettendo hum erro se desculpao, Co' aquella auctoridade que she occorre) Tornando como digo á minha historia; Todos os circumstantes começarao A A tirar os relogios, em abono Da sincera verdade, entas notaras, Que hum delles tinha hum quarto, aquelle meia, Outro as duas, e vinte seis minutos, Este quatorze mais, outro dez menos, Dous relogios conformes nao fe achárao; Mil duvidas houverao, questoens muitas; Porém d'astronomia cabalmente Era o dono da cafa apaixonado, E logo consultando o infallivel, Por huma meridiana regulado, As tres sómente achou, e dous minutos, Com o qual logo poz fim a contenda, E concluio dizendo: meus senhores, Se contra saa verdade valer pensao Citar opinioens, e auctoridades;

Para

Para tudo as há, mas por fortuna Estas pódem ser muitas, e ella he huma.

FABULA XLVII.

CERTOS ANIMALEJOS.

C Erros animalejos Todos de quatro pés Jogando a cabra cega Andavao huma vez, O Caosinho, a Rapoza, E o Rato, que sao tres, A Doninha, e a lebre, E o Macaco, sao seis. Este a todos vendava Os olhos, porque he O que melhor das maos Se sabia valler,

Ouve

Ouve a bulha a Toupeira, D'diste: pois bosé, a sanda a

Que vou lá, e no jogo Me hei de meter tambem.

Pede logo licença,
E o Macaco cortez

Lha outorga, porque della

Quer escarneo fazer.

A pobre a cada passo

Tropessava c'os pés,

Que os olhos tem cobertos

De todo com a pelle.

Logo á primeira voltá,

(Bem como era de crer,)

Facilissimamente

Pilhaő a sua mercê;

Fazer de cabra cega
Tocou-lhe a fua vez;
E quem melhor podia
Fazer este papel?

Ella dissimulando,
Para bem parecer,
Pergunta: que fazemos?
Nao me venda você?
¿ Se o que he cego e o sabe
Quer affectar que vê;
O que for idiota
Confessará que o he?

FABULA XLVIII.

A RAT, E A GALLINHA.

A' do seu charco a palradora Raá
Ouvio cacarejar huma gallinha,
Apage, diz-lhe: quem pensára irmaá,
Que fosses taó incommoda visinha!
¿ E com toda essa bulha que ha de novo?
Nada mais que dizer que ponho hum ovo;
Hu

¡ Hum ovo tao fomente! E alborotas tanto? Hum ovo tao fomente, sim senhora. ¿ Disso te espantas quando nao me espanto Ouvindo-te grasnar a toda a hora? Eu por ter algum prestimo o publico, Tu que de nada serves calla o bico.

FABULA XLIX.

O RICO, E O SEU AMIGO.

Ouve hum rico em Madrid, e dizem q era Mais nescio que rico;
Cuja casa magnifica adornavao
Moveis exquisitos:
He pena que em vivenda tao preciosa
(Lhe disse hum amigo)
Falte huma livraria, bello adorno,
Util, e preciso:

Di-

100

Dizes bem, torna o rico: ; que essa idea Nao me tinha occorrido!

Inda estamos em tempo, aquella salla

A este sim destino:

Que venha, o carpenteiro, e faça estantes Com soberbos frizos,

Com loberbos frizos,

A todo o custo, e logo tractaremos

De comprar livros;

Estantes já nós temos pois agora,

Disse o nescio rico:

¡ Cansar-me em procurar doze mil tomos Nao he máo exercicio!

He obra de cem annos! ... ferao caros!..

Perderei o juizo!

Mas nao fora melhor faze-los todos

De papelao fingidos?

Sim senhor: porque nao? para taes casos

Sei d'hum pintorzinho,

Que titulos escreve, e bem imita

Pasta, e pergaminho;

Pois maos á obra: livros curiofos,

Modernos, e antigos
Mandou pintar, e além dos estampados
Varios manuscriptos,
E o bemdito senhor repassou tanto
Seus tomos postiços,
Que decorando os titulos de varios
Julgou-se erudito.

¿ Que mais precisa pois quem só estuda
Titulos de livros,
Se lhes podem servir da mesma sorte
Sendo só singidos?

Also will administration of the auto Ala, and Alaso will be administration of the admini

The most visited wrogen votes in

BOO BOO BOO BOO BOO BOO BOO

FABULA L.

A VIBORA, E A SANGUESUGA.

A Sanguesuga disse á Vibora hum dia: Inda que ambas picamos, hei notado Que da tua boca o homem se consia, E da minha anda sempre acautelado,

E a chupona responde: sim querida; Mas nao picamos ambas de huma sorte, Eu picando os enfermos lhe dou vida, E tu picando os saos lhes das a morte.

Enxertemos agora huma fentença.
Todos censurao, sim, Leitor benigno:
Porém bosê que he muita a disferença
D'hum censor util, a hum censor maligno.

FABULA LI.

O ESCARAVELHO.

P'huma Fabula o assumpto tenho prompto, Que podéra mui bem ...; porém ha día Em que a musa nao corre muito a ponto, E da ninha hoje sossor a rebeldia.

Deito pois o assumpto a quem tiver
Mais desperta do que eu a fantasia,
Pois sas Fabulas sempre se requer
Que occultes o trabalho circumspecto,
O que nem sempre sahe como se quer.
He pois o Escaravelho vil insecto
O grande Heroe da Fabula preclara,
Porque muito convem seja abjecto.

Dete insecto se diz por cousa rara, Que sendo o seu sustento a porcaria 104

Da rozeira na flor já mais picara. Agora quem quizer, com energia Explicar-nos pod'rá (e Deos o ajude) Aquella extraordinaria antipatia. Talvez que pouco tempo nad estude Para no fim metter huma advertencia Com que entender se possa a que isto allude, E como lhe dictar sua prudencia, Unindo circumloquios, e primores, A final tirará por consequencia, Que assim como a Rainha das mais fores Ao çujo Escaravelho desagrada, Assim tambem a goticos Doutores Toda a invençao amena, e delicada

FABULA LII.

O CISNE, EO SIRZINO.

C Ala-te bacharel passaro indino,
Disse o Cisne ao Sirzino:
Acantar me provocas quando sabes,
Que da minha voz doce a melodia
Inda nao teve igual entre as mais aves:

O Sirzino seus trinos repetia;
E o Cisne continua: ¡ que infolencia,
Vejao como me insulta o peralvilho!
Se com soltar meu canto o nao humilho...
Mas valle-lhe o querer eu ter prudencia:
Oxalá que cantáras,
O Sirzino zombando respondia:
Quanto nos admiráras
As cadencias soltando concertadas,

106 Que ninguem té hoje em dia Se sabe ter-te ouvido, Bem que sejao, que as minhas mais gabadas!

Quiz o Cisne cantar, deo hum grasnido.

¡ Grande cousa ganhar fama sem sciencia, E perde-la chegando a experiencia!

FABULA LIII.

O LOBO, E O PASTOR.

C Erto Lobo fallou com hum Pastor:
Amigo meu, lhe diz: ¿ porque razaó
Me olhas sempre com odio, e com horror?
Aos Lobos chamas máos, pois o nao sao.
De inverno a nossa pelle abrigo dá;
Cura humanos achaques mais de mil;
E outro prestimo tem, segura está,
Que a pique alguma pulga, ou bicho vil:

Té minhas unhas sao muito excellentes Dos olhos contra o mal tem a virtude; Tambem sabes quam uteis sao meus dentes E a quantos com meu unto dou saude.

Carniceiro animal, disse o Pastor:
Maldito sejas sempre amen amen:
¿ Depois que nos tens seito tanto mal,
Que importa sazer possas algum bem?
Outro tanto desejo
A tantos livros lobos como eu vejo.

FABULA LIV.

O Macho da Nora, E Cao.

T Alvez que, Leitor discreto, Em estalaje, ou Convento, Tenhas visto hum bello invento Para mover hum espeto. He huma roda de madeira,

Dentro da qual encerrado

Anda hum cao, que já enfinado,

C'os pés a move ligeira.

Parece que certo Caó,
Que esta maquina movia,
A dizer entrou hum dia:
Bem trabalho ¿ e que me daó?

¡ Como suo, Ai infeliz,
E al sim por muito favor
Me arrojará meu senhor
Hum osso dessa Perdiz!
¡ Com muita incommodidade

A vida aqui vou passando!...
Safar-me-hei, nao só deixando
A casa, mas a Cidade.

Apenas seu amo o solta,
Dissimulado sugio,
Chega ao campo, e hum macho vio,
Que a huma nora dava volta;

Nao o tinha visto bem Quando diz: Que he isso, ó lá, Ah! parece que por cá Assamos cárne tambem.

Nao asso carne, agoa saco, O macho lhe respondeo: Isso tambem farei eu, Torna o Cao: bem que estou fraco:

Como essa roda he maior

Hum pouco mais suarei:

Peza tanto! Ah nao voltei

A roda de meu senhor?

Sobre tudo me darao

Mais de comer que atégora, Mais louvor: mas o da nora Desta sorte disse ao Cao.

Eu lhe aconselho amiguinho, Voltar o espeto he melhor, Que esta empreza he superior A força d'hum cachorrinho. ¡Olhem o macho velhaco, E que bem lhe respondeo! Pois o mesmo já li eu Em hum tal Horacio Flaco:

Que hum Auctor dá em erro Tratando em cousas com que Depois nao possa: isto he Que nao ande á nora o perro.

SONONONONONONONONO

FABULA LV.

O Jumento, e seu dono.

Uma vez que do máo, e que do bom, Faz sempre a plebe igual estimação; Eu lhe dou o peor que he o que ella gava:

Deste modo seus erros desculpava Hum escritor de sarsas indecentes, E hum maligno poeta, que o ouvia Estes versos lhe pôz logo presentes. Ao humilde jumento
Seu dono dava palha, e lhe dizia:
Toma, pois que com isto te contento:
Tantas vezes o disse, até que hum dia
O Burro se enfadou, e disse: eu tomo
O que me queres dar, porém saberás,
Que a palha tao sómente nao me apraz,
Dá-me grao, e veras se acaso o como.

Saiba quem para o publico trabalha, Que a plebe tambem culpa sem razao, Pois se dando-lhe palha, come palha, Se lho desse, tambem comêra grao.

FABULA LVI.

A LAGARTA, E OUTROS ANIMAES.

S E se lembra o Leitor de huma assemblea, Onde a vista de mil animaes varios, A Rapoza atinou porque motivo Se louvou o Aveltrus, e Dromedario; Saiba que na mesmissima assemblea Hum dia se tractava do Gozano Industrioso artifice da seda, E todos lhe louvárao seu trabalho; Para mostra presentad hum casulo, Examinado toi, derad-lhe applautos, Té a mesma Toupeira, com ser cega, Ponderou do cafulo o delicado: Em termos offensivos lá d'hum canto Murmurava a Largata vil, chamando

Ao primor do casulo frioleira,

E a seus elogiadores mentecaptos:

Preguntárao entao huns aos outros:

¿ Porque razao tao misero bichano

O unico ha de ser, que vitupera

O que todos concordes nos louvamos?

Disle a Rapoza entao: Pela minha alma

Que esta razao nao pode estar mais clara;

Nao sabeis companheiros, que a Lagarta

Inda que maos, tambem casulos lavra.

Laboriolos engenhos perseguidos, Quereis hum bom conselho; pois cuidado, Se acaso vos provocas invejosos, Nas façais mais, contai-lhes este caso.

FABULA LVII.

A Doninha, E o Cavallo.

C Erto dia huma Doninha
Hum alazao vio andar,
Que docil á espora e redea,
Se adestrava em galopar;
Vendo-o fazer movimentos
Tao velozes, e a compasso,
Deste modo lhe fallou
Com muito desembaraço:

Meu fenhor,
Do primor,
Ligeireza,
E destreza,
Nao me espanto,
Que outro tanto

Sei fazer, e talvez mais;

Eu fou viva,
Sou activa,
Eu rodeio,
Eu passeio,
Se careço
Subo e desco,

Nem estou quieta já mais:
O passo deteve o potro,
E com todo o serio seu,
Nestas palavrás seguintes
A' Doninha respondeo:

Tantas hidas,
E venidas,
Tantas voltas,
E revoltas,
Quero amiga
Que me diga
§ Sao de alguma utilidade?

Men a fao Nao he em vao, H 2 Sei fazer

Meu dever,

E em abono

De meu dono

Luz a minha habilidade.

Alguns Auctores ferao

Doninhas por modo igual,

Se em Obras frivolas gastao

Todo o calor natural.

han maked

FABULA LVIII.

O CAÇADOR, EO FURAO.

DE coelhos carregado, E morto de calor, Já de noite cançado A sua casa voltava hum caçador. Encontra no caminho Já perto do lugar Hum amigo e visinho, Sua fortuna lhe entrou logo a contar; Todo o dia nao parei, Lhe disse, hum so instante; Mas nad fiz, nem farei Outra caçada á de hoje similhante. Des-que rompeo a Aurora, He certo que soffri Huma calma abrazadora, Mas vê que laparoens eu trago aqui.

Outra vez te repito,
Sem nenhuma vaidade,
Nao há neste destrito
Hum caçador de mais habilidade.

Com o ouvido applicado,

Escutava o Furao

Aquelle arrazoado,

Do cassio onde tem a habitacao

Do cassifo onde tem a habitação.

Eis-que o meu Furaózico

Deita fora o focinho,

E ao dono diz: supplico

(Se o senhor dá licença) hű recadinho,

¿ Quem por entre os espinhos
Foi que mais trabalhou,
Esses animaisinhos.
Qual de nós ambos foi que os caçou?

¿Em tao pouco me tem Para tratar-me assim? Parece que tambem Se pudera fazer mençao de mim.

Parece que tambem

Se pudera fazer mençao de mim.

Qualquer penfaria,

Que este aviso moral

Ao Caçador faria

Húa grande impressao, pois nao há tal,

Ficou tao socegado,

Como ingrato Escritor,

Que do auxilio prestado

Se aproveita, e nao cita o bemfeitor.

The colling of the second of t

The select I may elect?

Toda on sto of the colo

there is not sported ! U.

FABULA LIX.

O JUMENTO DO AZEITEIRO.

C Heio de azeite levava Hum odre pobre sendeiro, Que a seu dono, hum azeiteiro, Em seu officio ajudava.

Com marcha hum pouco apressada
De noite na estancia entrava,
E de huma porta na aldrava
Deu a mais cruel marrada.

Ai! Gritou; nao he coula dura Que acarrete azeite, e que Tenha a estancia sempre escura? Talvez pela espora dê Todo aquelle, que procura Juntar livros, que nao lê.

Deu

¿ Deu á espora? bem está; ¿ Mas este tal por ventura Minhas Fabulas lerá?

FABULA LX.

Os Mosquiros,

Erad os main rotetat.

D Iabolica refrega
Em bem provída adega
Se trava entre infinitos
Bebedores Mosquitos;
¡ Mas he cousa pasmosa,
Que o gran Villa Viçosa
Na mosquaida naó trate
Deste grande combate!

Era o caso que certos

Era o caso, que certos

Machuchos, e expertos

Com vigor defendiao,

Que já se nao colhiao Aquelles vinhos puros, Generosos, maduros, Gostofos e fragantes, Que se colhiad dantes: No fentir d'outros varios A esta opiniao contrarios, Os vinhos excellentes Eraő os mais recentes: E do contrario bando Escarnecias, culpando Aquellas ponderaçõens, Como declamaçoens De Juizes amigos Só de ulos antigos: C'o agudo zunido D' hum, e outro partido Afundia-le a adega; Eis se nao quando chega Hum já velho Mosquito, Provador mui perito,

E jurando o velhaco: Por vida de deos Bacco... (Que entre elles já se sabe Que he juramento grave) Nenhum dos que aqui estas Como eu dará razao. Nem mais fundado voto: Cesse já o alboroto: A' fé de bom Nabarro; Em tonel odre, ou jarro, Em barril, lagar, ou cuba omissi O O bom fumo da uva Difficilmente evita Minha cortez visita: E nisto de prova-lo, Distingui-lo e julga-lo, * 9 Posso lêr de cadeira De Tudella a Fronteira, De Canarias a Malta, De Malaga a Peralta, Do Porto a Valdepenhas,

Sabei por estas senhas, Que he grande desatino Pensar que sempre he fino O vinho, que emcubado Mais annos tem estado; O tempo o poem melhor No gosto, e no vigor; Porém se bom nao fôra, Peor feria agora; Que em fim tambem havia, O mesmo que hoje em dia, Nos feculos passados Vinhos avinagrados: Ao contrario hoje provo A's vezes vinho novo, Que competir pudera C'o melhor d'outra era; E se muitos Agostos Passao por certos mostos, Que hoje sao arguidos, Talvez feras bebidos y Dos futuros Mosquitos
Por vinhos exquisitos.
Basta de desavença;
E por final sentença
O máo vinho reprovo:
Se he bom ainda que novo
O chupo mui contente,
Seja velho, ou recente.

Muitos Doutos teimosos Pelo antigo zelosos, Outros pelo moderno, Tenhad litigio eterno. Meu texto favorito Será sempre o Mosquito.

committed for a

E inda on to a line I -

A Abbestella teller of contrate

The sale of the late of

FABULA LXI.

A ABETARDA.

E leus filhos atorpe Abetarda O pezado voar conhecia, Desejando tirar outra cria Mais lesta, inda que fosse bastarda; P'ra isto juntou ovos roubados De Pintafilgo e Codorniz, De Alcravao, de Pomba e Perdiz, E em seu ninho os guardou misturados; Muito tempo a choca-los levou; E inda que se gorlárao bastantes, Daquelles que ficárao restantes Mil castas de passaros tirou; A Abetarda mil aves convida, A' quem tao rara cria mostrava,

Cada Ave seus filhos lhe levava, E eis-aqui a Abetarda luzida.

Vós, os que chocais furtos d'Auctores Vossa cria tirai a voar. Cada Auctor a sua hirá buscar, V'remos que vos sica meus senhores.

FABULA LXII.

O MEDICO, O ENFERMO. E A ENFERMIDADE.

B Atalha o enfermo,
Com a enfermidade,
Elle por nao morrer,
E ella por matar.
Seu vigor a purao
A quem pode mais,
Sem haver certeza
De quem vencerá.

Hum

Hum curto de vista Em extremo tal, Que a penas os vultos Péde devisar;

Com hum páo pertende
Os dous pôr em paz,
Arrochada vem,
Arrochada vai;

E se acaso acerta Na ensermidade, Fica acreditado De lince sagaz:

Mas se por desgraça No ensermo dá, Fica o cego sendo Toupeira brutal.

¿ Quem sabe qual fora Mais temeridade, Deixa-los matar-se, Ou hir fazer paz?

Cida Ave

mornie 3

Antes que te deixes
Sangrar ou purgar,
Lerás esta Fabula,
Que he medicinal.

FABULA LXIII.

O VOLATIM, E O APRENDIZ.

E M quanto de hum mui destro Volatim
Hum rapaz aprendiz hum dia toma
Liçoens para dançar em amaroma,
Attenda senhor mestre, diz assim:
Veja quanto me estorva este gram páo,
Que nós outros chamamos contra pezo,
A huma vara tao grande ver-me prezo,
He o que em nosso osficio eu acho máo;
¿ De que me serve a mim esta alabanca?
Com ella as forças perco, e me embaraço;
Por exemplo ¿ este salto, este meu passo

T

Nao o farei melhor sem esta tranca?
Ora repare bem...eu vou sem ella,
Assim dizia: e larga o páo rolliço,
E o equilibrio perde: ¡Adeos! Que he isso?
O que ha de ser! Quebrei huma costella.
¿Incauto moço, (diz o Mestre entao)
O que te ajuda julgas impecisho?
Foges d'arte, e do methodo? Pois silho
Preparate p'ar outro trambulhao.

mile and a second secon

Con true L

Telling and the second of the

F. All B CF Lagar a EXIV.

orak od Armo huma coffeila.

Orak od Armo Mellre entar

re juda julgas impecilhe 110 Ontempela rua 311 Passava hum burrinho, O mais adornado, Que já mais hei visto. Albarda, e cabrello Erao novozinhos, Com flocos de seda De lindo artificio. Borlas, e penacho Levava o poldrinho, Laços, cascaveis, E outros atavios.

E a tizoura feitos, Com estudo prolixo, No pescoço, e anca Debuxos mui lindos.

Parece que o dono, (Como me hao dito) Era hum Sigano, E dos mais ladinos.

Vendeo a tal peça

A hum simples campino,

Que os olhos da cara

Deu pelo trastinho.

E a casa volvendo,

Mostrou aos visinhos

A famosa compra:

E hum mais entendido,

Lhe disse: vejamos
Se este animalzinho,
Tao bom corpo tem,
Como bom vestido.

Começa a tirar-lhe
Todos os alinhos,
Sacando-lhe a albarda
Nelle faz registro.

Eis lhe encontra o lombo
Assaz mal ferido,
Com seis mataduras,
E mais tres lobinhos:
Com mais duas gretas,
E hum tumor antigo,

Que c'o a larga filha
Estava escondido.

Mais burro que o bi

Mais burro, que o burro,
Diz elle ao visinho,
Sou eu, pois me levo
D'adornos postiços.

Certo, deste lance Nao vivo esquecido, Que está bem talhado, Para hum meu amigo: O qual por bom preço de la la comprode hum livro, sa malla de regidade mado, se en la composition de la composition del composition de la composition de la composition de la composition de la composition de la

F A B U L And LXV

O ERUDITO, EO RATO.

E Mo quarto d'hum celebre Erudito,
Hum Rato se hospedava, o mais maldito,
Que nada mais comia
Do que os versos, e proza que roia;
Já mais d'hum gatarrao o assuto zello
Pôde chegar-lhe ao pello,
Nem estranhas invençoens
De varias, e engenhosas ratoeiras,
Nem inda o rozalgar em conseiçoens
Fez que o animalejo
Com

Contivese o desejo

De registar as doutas papeleiras, E de roer-lhe as paginas inteiras:

Procurou com desvelo

O perseguido Auctor dar logo ao prello As obras de eloquencia, e poesía,

Mas o bicho travesso,

Se antes o manuscrito she roia,

Muito melhor roia o já impresso.

Que desgraça! dizia
O literato entao, eu já estou farto
D'escrever para gente roedora,
Por ver-me livre disto, desde agora
Terei só papel branco no meu quarto;
Eu farei que que a desordem se corrija.

Porém a traidora sevandija Tao a feita a más manhas igualmente

Em o branco papel cravava o dente.

O Auctor aborrido

Deitou na tinta dose competente

De solimao moido:

E elcreve; mas nao sei se em prosa, ou verso;
O bicho continua a ser perverso,
E rebenta por sim: bella invençao!
O critico poeta disse entao;
Pois o que tudo roi debaixo a riba,
Olhe nao seja a tinta corrosiva.

Bem faz quem sua critica modera,
Mas usa-la convem, e bem severa
Contra a que injusta for murmuração,
Pois nao alçar entao a voz sincera
Argue muito medo, ou semrazão.

FABULA LXVI.

Os Dous Hospedes.

Passando por hum povo De huma montanha, Dous cavalheiros moços Buscao pousada.

De dous visinhos Recebem mil osfertas Os dous amigos

Por-

Porque a nenhum queriao
Delagradar,
A cafa d'hum, e outro
Vao hospedar-se;
D'ambas as casas
Cada hospede escolhe
A que lhe agrada.

Aquella q'hum perfere
Tinha hum bom pateo,
E bello frontespicio,
Como hum Palacio,
E bem abertas
Suas armas tambem tinha
Em boa pedra.

A do outro por fóra
Naő era taő grande,
Mas dentro naő faltava
Onde alojar-fe;
Pois nella havia
Salas muito excellentes,
Claras, e limpas;

Mas

Mas o outro Palacio

Do frontespicio,

Além de estreito era

Escuro, e frio.

Com bom portal,
Mas os quartos por dentro
De telha vaã.

O que alli esteve hum dia
Mal hospedado de la contou

Todo este caso.

Pois o mesmo succede Com muitos livrosida policiale

FABULA LXVII.

O RELAATO DE GOLILHA.

DE fraze estrangeira o mal pegadiço
Hoje a nossa lingua traz muito achacada,
Porém há quem pense nao fallar castiço,
Senao deixa pela antiga a fraze usada.
Intrete-lo vou com hum conto, ou conselho,
E para lhe dar maior contentamento
No seu mesmo estillo referir-lho intento,
Com o novo idioma misturando o velho.

Nao fem muitos zelos hum pintor d'oganno Via como agora gram lôa, e valia Alcançao alguns retratos d'oroanno, Nao arremeda-los por gram mingua havia. Entonces querendo retratar hum dia A hum certo rico homem fenhor de gram conta, Jul-

140

Entendeo que a antiga vestidura, monta, E estima de ranço ao quadro daria:

Segundo Velasques com isto creo ser;
E assim que da cara toda a semelhança
Trasladou, eis golilha lhe soi poer,
E outros atavios mais d'antiga usança,
E o quadro a seu dono leva sem tardança,
Que sicou espantado logo que vio,
Que do modo antigo o pintor o vestio,
Maguer que o vio proprio em a bastança:

Porém huma traça lhe vem logo a mente Com que ao retratante dar o galardao. Herdadas guardava de hum seu ascendente Antigas moedas n'hum velho caixao, Do quinto Fernando muitas dellas sao, Affora d'alguas de Carlos primeiro, D'ambos os Filippes, segundo, e terceiro, Deo-lhe cheio dellas hum grande bolsao: Com estas moedas, ou antes medalhas, O pintor she disse: se eu for ao mercado Quando me cumprir o comprar vitualhas

Tornarei a casa com hum bom recado:
Bosé, disse o outro: ¿ nao me haveis pintado
Em trage, que hum dia soi mui senhoril,
E que agora veste só hum alguazil?
Qual me retratastes, tal vos hei pagado.

Levai o retrato, e a gravata usada,
Em vez de golilha logo me pintai,
E em hum espadim trocareis essa espada;
Tambem em cazaca a roupa me mudai;
Porque dessa sorte nao haverá gente,
Que ao ver-me em tal guiza conheça o meu gesto,
Entonces a vossa paga tereis presto,
Na melhor moeda que he hoje corrente.

Ora pois se a riso provoca a idea,
Que teve este louco moderno pintor,
¿ Nao havemos nos de rir quando tontea
Com ancians frazes hum novo auctor?
O que he assectado julga que he primor;
Falla puro; nao lhe emporta a claridade,
Voz baixa nao acha para a nossa idade,
Se soi nobre em tempo de Cid campeador.
FA

Chrysda ingular, rise nilo Filmente.

FABULA LXVIII.

Que vocabelos acrijas 🔑 🕒

O RICO METIDO A ARQUITETO.

H Um rico seu palacio edificando, Querendo-o adornar de esquina a esquina, De huma grande, e antiquissima ruina Foi fragamentos mil desenterrando Huma cornija alli, mais outro frizo, Em fim quanto escolheo provoca riso: Que erao, ouvio dizer, restos preciosos Do bom gosto, e grandeza dos Romanos, E que alguns arquitetos muito ufanos Pelos ter imitado erao famosos; P'ra melhor adornar seu edificio Os foi pela fronteira repartindo,

Chapada fingular, remendo lindo!
Todos se hiao a rir do frontespicio.
Menos hum certo quidam da tal terra
Com visos de Doutor com tal mania,
Que vocabulos antigos desenterra
Pra os amassar tambem c'os d'hoje em dia.

FIM.

143

Chapade the control to the foliant of the second of the se

34.63

O D E S

DE

ANACREONTE DE TEOS

POR

FRANCISCO MANOEL GOMES DA SILVEIRA MALHAÖ.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. DCCC. IV.

Por Ordem Superior.

3100

ANTAREST ATERIANA

E WARREN TO A STATE OF THE STAT



MA-IMPRESSÃO MUNIO.

Per Quint Symbol

AOS LEITORES.

THE CONTRACTOR

Amor, que desde meus primeiros annos, adquiri ás Poesias de Anacreonte, fez-me então produzír algumas deste genero, e imitar as Odes, que mais me tocarão.

Entrei na empreza de o traduzir, não para os Doutos, que o conhecem, mas para o resto, a quem he desconhe-

cido.

Metti as máos á obra; mas logo me achei embaraçado, nas diversas intelligencias de seus mais famosos Traductores, dos quaes me servia, por não ter o preciso conhecimento da Linguagem Grega: por matar com tudo a fome que tinha, de que tambem houvesse entre nós este Poeta Feiticeiro, e de ir por este modo desafiar algum habil engenho, que consiga, o que eu pude sómente desejar, troquei o appetite da Traducção, que desejava dar-vos, no desta Paraphrase que vos apresento.

2 2

Ella concluio-se, e como tal a deveis olhar, debaixo deste meio termo; que eu conciliei as opiniões de muitos, guiado das vistas fundamentaes de Hen-rique Estevão, e de Mathias Andrê: não fui muito longe do que os mais dizem, e elle me confirmava, senão quando precisei afastar-me da Philoso-phia do Poeta Pagão, para não escandalizar ouvidos, instruidos nos sólidos principios, e fins, que elle desconheceu. Serei contente de contentar-vos, e

tambem de que este meu trabalho, seja o estimulo, que mova outro genio, e que se consiga, como póde ser, o que eu desejei, e não pude.

בשתוחוונון ביום קיבונה הבו בייונון נוור וייו

מוב כשר וביות מום פשב ובר אבון וביירובים ours his age Paem lie's to git un

ments the production paint a real

the magrigo their immed the rest Valere.

AVIDA

DE

ANACREONTE.

Ste Poeta célebre nos seus dias, e de geral estimação em todas as Idades, teve o seu berço em Teos, Cidade da Jonia, que despois se chamou Susor, plantada na Costa meridional do Isthmo, fronteira a Clazomena Cidade da Azia Menor, tambem na Jonia, que hoje se chama Kelisman, e não em Theios, Cidade da Paphlagonia, segundo Estrabão, livr. 4.

He incerto o verdadeiro nome de seu Pay; huns como Suidas, seguem que se chamava Scytino: Outros Fumelo; alguns Parthenio, e não poucos, que o seu nome era Aristrocrito.

Sabe-se por huma passagem de Platão, que o Poeta era parente de Solon por seu Pai, quem quer que elle fosse, e por sua Mái de Pisistrato; argumento de grande Pessoa, por ser por Solon do sangue de Codro, filho de Melan-tho, e ultimo Rey dos Athenienses, e da parentela de Pisistrato, não o que foi Rey dos Orchomenienses, mas sim, do que reinou em Athenas, com varia fortuna, e que deixou Real descendencia, em seus dois filhos Hippias, e Hip-

parco.

O tempo, em que floreceo, tem sido disputado: querem huns, segundo, Eusebio, que foi pelos annos de Cyro, Cambises, e Dario; e então vem a ser na LXII. Olimpiada, e corresponde a 532 antes da vinda de Christo; e outros, segundo Suidas, que foi na LII. Olimpiada, 572 antes da era Christã. He a terceira opinião, e a mais seguida, que foi Coevo de Solon, de Esopo, Cresso e Pisistrato, e por tanto floreceu no tempo de Polycrates 500 annos, anteriores ao nascimento do Salvador.

Este Polycrates, que reinou em Samos, fez huma grande estimação, e apreço da pessoa de Anacreonte, tendo-o do seu concelho, e admittindo-o nos prazeres, e privança, e enriquecendo-o com

rasgos de sua generosidade.

DE ANACREONTE. VII

Conta-se huma passagem, que mostra a amizade do Principe para com o Poeta, e o desinteresse do mesmo Poeta; de que são testemunho muitas de suas Odes, qual a Ode 15. 23, e outras.

Diz-se pois que este Soberano o brindára com ávultada somma de dinheiro, segundo aquelles tempos; e que mettendo-o Anacreonte em casa, lhe dera tanto cuidado a sua guarda, que duas noites passára muito incommodado; pelo que no dia seguinte lhos entregára, dizendo-lhe, que não queria comsigo cousa, que lhe roubasse o seu descanço. Madama Dacier, e Mr. de La Fosse, tem isto por improprio, e o caracterizão de historieta.

Não foi só Polycrates o Principe que fez estimação deste Poeta. Hipparcho, filho de Pisistrato lhe enviou hum Navio de cincoenra remos, para nelle passar o mar Egeo, e communicallo na sua Corte de Athenas, isto com cartas muito obrigatorias, e encomios de seus

talentos, e virtudes.

Da estimação, que delle fizerão estes dois Principes, e principalmente Hipparcho, tão grande Amigo dos doutos, que, além de Anacreonte, teve na sua

VIII. TAVIDA

Corte, tambem ao Poeta Simonides, se collige, em primeiro lugar, que este grande homem não possuia sómente o dom da Poesia, mas tambem o conhecimento das outras Sciencias, e adorno das qualidades, que o constituirão digno do lado, e communicação dos Soberanos de seu tempo.

Isto mesmo se comprova, com a authoridade de Platão, que não duvidou dar-lhe o nome de Sabio; e em hum seu Dialogo, sobre a Temperança, hon-

ra sua pessoa, nome, e virtudes.

Em segundo lugar, que he falso o caracter, com que se tem afeado sua memoria, dando-lhe o attributo de debochado, e lascivo, sem mais apego, que ás Bacchanaes, e á soltura de Venus: porque Platão no sobredito Dialogo, introduzindo Socrates a fazer o elogio do mancebo Charmides diz , Era justo ,, Charmides, que até nisso fosses tam-, bem superior à todos os mancebos , d'Athenas : pois aonde se acharão duas , casas de alliança, das quaes se derive , huma casta de homens, mais bella, e , tão virtuosa? Por parte de vosso Pai, , descendeis com Critias, da antiga fa-, milia de Dropidas, de Anacreonte, e

", e de Solon, que em todos os tempos ", se distinguirão, por sua galhardia, ", por suas virtudes, e por suas rique-", zas; e da parte de vossa Mái. &c.

Ser huma grande porção de suas Odes em louvor de Baccho, e dos effeitos diversos do licor de seu invento, quaes a I. 13. 15. 17. e outras muitas, he argumento, mas não he prova, que o vinho fosse a sua paixão dominante: Hum homem pagao, e de humor tão alegre, e desempedido, como no-lo transmite a historia, e elle se retrata tantas vezes, e tão dado aos assumptos alegres, nas delicias da Corte, nos grandes banquetes, bem que de grandes Personagens, era impossível que não adoptasse o genero da Poesia, propria destas situações; e conjunções! entre nós seguirão esta qualidade de Poemas, Garção, Diniz da Cruz e o Padre Soyé, e nem por isso, ja mais disse alguem, que adoecessem de semelhante vicio.

Está tambem a favor destas conjecturas, que, compondo este Poeta, Poesias d'outros generos, de que sómente restáo fragmentos, nellas não apparece a attribuida paixão pelos copos: donde se vê, que o defeito he mais da qualidade do genero, do que da paixão particular do seu Author: nem mesmo, que nos banquetes tivesse algum excesso, chegava à nota de nossos dias, porque a Religião de Anacreonte, como pagãa, e destituida das verdadeiras luzes, estribava a moral da sua felicidade nos prazeres da vida; e como não esperava recompença do bem, nem castigo do mal, tinha estes deleites por seu bem, e a morte por fim de tudo.

Diz-se que amára com extremo hum mancebo por nome Bathylo, e disto he testemunha o mesmo Anacreonte na Ode 9. em que lhe escreve; na 22. em que o convida a hum lugar delicioso; e na 29. aonde relata suas bellezas, e em allusão a esta amizade, he que Horaçio

cantou, Epod. Ode 14. v. 9.

Non aliter Samio dicunt arsisse Bathyllo Anacreonta Teium.

Isto porém não prova, que esta amizade fosse defeituosa; até hoje nenhum Escriptor fez mão caracter a Virgilio, e nem por isso deixou de mostrar-se muito affeiçoado á Alexis, e pela mesma expressão; na Eccl. 2. disse.

DE ANACREONTE. XI.

Formusum pastor Coridon ardebat Ale-

Sobreveio-lhe a morte aos 85 annos de sua vida, passada nas estimações de seus Coevos, e nas delicias, e regalos do seu humor jovial, e da sua Philosophia: diz-se, que afiogado com hum bago de uva, que não podera engolir; mas he natural, que fosse de alguma tosse que este lhe causasse, cahindo-lhe no goto.

O merecimento de suas Poesias he indisputavel: hum Sabio de nossos dias, fazendo juizo sobre ellas, explica-se des-

ta maneira.

"He mais facil alcançar os võos remontados de Pindaro, copiar os quadros magnificos de Homero, imitar sos sons tragicos de Sophocles, e d'Euripides, do que colher as graças singelas de Anacreonte, com a mesma frescura com que nascêráo: a vivacidade dos pensamentos, e das imagens; a naturalidade dos sentimentos; huma mollesa elegante, e voluptuosa; huma negligencia amavel e mais difficil de apanhar, do que todos os ornamentos de engenho; a , ligeireza do pincel; a delicadeza dos rasgos; a simplicidade do colrido; a brevidade da dicção; a facilidade do estilo, e a maneira graciosa de fallar, que parece que o que diz, não póde, nem deve dizer-se de outro modo, tudo isto são bellezas nativas, que mal se imitão fóra da lingua em " em que nascêrão.

Da doçura de seus versos, disse Escaligero, que os achava mais doces, do que as canas de assucar, que nascem na India; e da facilidade cantou Hor. no Epod. Ode 14. v. 11. e 12.

Qui persape cava testudine sevit amorem, Non elaboratum ad pedem.

AS ODES DE ANACREONTE. PARAPHRASEADAS.

ODE I.

'A sua Lyra.

PRopuz-me a cantar na Lyra
Dos Atridas o louvor;
Quiz tecer os elogios
De Thebas ao Fundador
As cordas feridas,
Por mão superior,
Men canto invertião,
Em cantos d'Amor.

Tirei-lhas todas, prendi-lhe Outras de tempra melhor, E dos Herculeos trabalhos Começei a ser cantor;

A Lyra rebelde A seu tangedor, Trocava meu canto, Em cantos á Amor.

*

Adeos Atridas valentes, Adeos filho d'Agenor Adeos Alcides, Heroes Dignos de canto maior;

Não tendes em mim O vosso cantor; A lyra qu'eu pulso, Nasceo par Amor

ODE II.

Ao poder da Formosura.

A O Toiro, ao Cavallo, ás aves,
Aos mudos peixes do mar,
Deo prudente a natureza
Com qu'a força repulsar.

Ao toiro, poz-lhe na fronte,
As pontas d'arremeter;
Ao cavallo deo nas patas
Com que fugir, e offender.

A's aves deo leves pennas, Que fendem os densos ares, Aos peixes as barbatanas, Que rasgão os fundos mares.

Ao Leão sanhudo, e fero, Além das garras valentes, Deo-lhe boca larga, e funda; Armada d'agúdos dentes.

Ao Home', este ser dotado De mais alta perfeição, Deo-lhe madura prudencia, Deo-lhe sagrada razão.

Por acaso das Mulheres A'Mái commum s'esqueceo? Esgotou os seus thesoiros! E ao fragil sexo que deo?

Deo-lhe mais; deo-lhe a belleza,
Impenetravel escudo!
Arma por si mais valente,
Que ferro, que fogo, e tudo!

Sing of the mails.

With the same vilences, Derelle becater a finite, America d'articles de les.

Porque o rosto feiticeiro,
D'huma galante mulher,
Abranda o peito mais duro,
Resiste ao maior poder.

ODE III.

O Amor perdido de noite.

A Qui ha pouco, alta noite, Quando toda a terra estava Em hum silencio profundo, E já Morpheo s'espalhava Pelo froixo corpo meu, Cupido, na minha porta, A rijos golpes bateu.

*

Quem he lá? lhe perguntei: Quem vem meu somno quebrar? Abre, me diz: abre a porta; Eu não sou de recear. Vem que sou tenro menino, Todo alagado, e co'as trevas Perdi neste valle o tino. Isto ouvindo enternecido.
Ergui-me, e luz accendi;
Abri a porta, e por ella
Entrar hum menino vi:
Era loiro, arco trazia,
Azas tinha, e eburnea aljava
Dos hombros nús lhe pendia.

*

Dei-lhe a mão, levei-o ao fogo; As minhas logo aquentei, E as alvas frigidas mãos Caridoso lhe esfreguei E como molhado o vi, A chuva de seus cabellos, Para aquecer, lhe espremi.

*

Mal qu'elle enxuto se vio, Me disse: vamos nós ver, Se pode a chuva d'este arco A rija corda offender? Seu arco traça na mão, Une as pontas, e me atira Huma setta ao Coração.

Entáo salta, e diz-me rindo:
Congratula-te commigo
Oh bemfeitor! o meu arco
Náo soffreo menor perigo:
O meu arco ileso está,
Mas teu pobre coração,
Que dores não sentirá!

ODE IV.

EM Leito de tenros mirtos, E do loto verdejante, Beberei gostoso as taças, Desse licor espumante.

*

Desate Cupido a venda; E a rubra capa traçando, A deite ao hombro, e ligeiro Vá-me os copos ministrando.

Se iguais á sombra que passa Nos fogem os nossos dias, E despois os duros ossos, S'háode tornar cinzas frias.

*

Para qu'havemos andar, N'huma continua amargura, Se os folgazoens, e os tristes Vão iguais á sepultura!

*

Náo he melhor, este espaço, Medir, em folguedo bom, Em companhia decente, Cantando da Lyra ao som?

*

Se hade aos vivos esconder-me, Para sempre a terra fria, Quero folgar; não he crime, Huma innocente alegria.

ODE V.

A' Rosa.

J Untemos ao Bromio A rosa engraçada, A flor, aos amores, E a Amor dedicada.

Co'a rosa fragrante As frentes ornemos Despois, entre os copos, Alegres folguemos.

*

A rosa engraçada He honra das flores, D'Abril e de Maio Empenho, e amores.

He mimo dos Deoses; E o moço Cupido, Seu loiro cabello Traz d'ellas cingido, Só dança co'as graças No monte de Gnido,

G' Baccho! de rosas Me crôa e m'inspira; Irá no teu templo, Soar minha lyra!

E tendo enastrada De rosas a frente, A par da Belleza, Meu bem e esperança, Marcarei contente Das Ninphas a dança.

ODE VI.

Ao mesmo motivo.

Amos de rosas A frente ornar; Vamos beber, Vamos dançar.

Guapa donzela, Co'pé mais lindo, Ao som da Lyra O chão ferindo,

Menêa hum thryso, Na mão formosa, Todo enramado D'hera viçosa.

*

Gentil mancebo Ledo, e contente, Com Cyprio aroma Ungida a frente,

*

Move ligeiro
Alterna a planta,
E ao sôm das cordas,
Suave canta.

*

Cupido loiro,
Baccho prestante,
Venus que os risos
Traz no semblante.

*

Guião das festas A divindade, Prazer da fria, E ardente idade?

ODE VII.

Vencimento de Amor.

Em arco, aljava, nem settas, Me assalta Amor de repente; Co huma vara d'Hyacinto, Na sua dextra sómente.

*

Soube o Deos, qu'eu blasonava, De negar-lhe adoração; Quiz, provando o seu poder, Punir a minha izenção.

*

Vara tão curta, e tão debil, Na mão Juvenil brandindo, Decretou-me imperioso, Lhe fosse os vôos seguindo.

*

Quiz, não pude resistir-lhe; E forcejando meus passos, Fui por valles, fui por montes, Em continuos embaraços.

Fui por bosques condensados, Thé qu'em montes penhascosos, M'achei d'hum hydra mordido, Pelos dentes venenosos.

*

Subitamente a minha alma Senti meus labios tocando, E quasi, quasi, que a vi Dentr'elles ir-se escapando.

*

E is Amor me dá co'as azas, Vendo-me aflicto, e choroso, E diz-me, n'um tôm pesado, E ao mesmo tempo ardiloso.

*

Rebelde, a tua esquivança Foi causa deste castigo Deves amar; e se amares, Entrarás no meu abrigo.

ODE VIII.

Hum Scho.

DEspois que de Baccho Tomei os licores, Brindando risonho Ao Deos dos amores;

No leito estofado Me fui estender, E veio Morpheo Meus olhos correr.

Mostrou-me este Deos,
Commigo enredada,
De Nimphas galantes;
A chusma engraçada.

E eu ledo, saltando No meio das bellas, Em giros ligeiros Folgava com ellas.

Fez ver-me huns mancebos; Que Baccho mais bellos, Lançando-me em rosto Injurias, por zelos

*

Por dar-lhes mais raiva, As tento abraçar; Eis tudo a meus olhos Se perde no ar!

Acórdo sosinho;
E em tanto abandono,
Tomei por vingança,
Tornar-me a meu sono.

ODE IX.

A Pomba.

Onde vens amavel pomba?
Onde táo rapida vás?
Quem te encheo dos bons perfumes
Que de ti soltando estás?

POMBA.

Bem mal podia deter-me; Mas, porque tudo te conte, Saberás, qu'os ares corto, Ao mando d'Anacreonte.

*

Sua sou: e fui-lhe dada, Pela bella mái d'Amor, Em premio d'hum hymno doce, Que elle fez em seu louvor.

*

Manda-me hoje por Bathyllo, Rasgar esse campo etherio, Por Bathyllo, que hoje logra Sobre as almas livre imperio.

*

Escritas em brando metro, Mas com suspiros ardentes.

*

Elle promette, na volta Por-me em minha liberdade; Eu não acceito; servillo He mais da minha vontade.

Pois que proveito me vem De andar por campos abertos, E girar pelas montanhas, Em vôos vagos, e incertos;

Tendo, nos troncos do máto, Hum perigoso aposento, E fazer de gráos agrestes, O meu preciso alimento;

Se meu senhor carinhoso Me dá de seu fofo páo, Que ao bico estreito m'aplica, Esfarelado na mão.

Se quando bebe da taça,
N'ella me deixa beber,
E me consente, em seus hombros,
Minhas azas estender!

Como, bebo, danço alegre, Sem incommodos sentir, E quando me aperta o somno, Vou-lhe na Lyra dormir!

Que mais quero? em paz te fica; Prosigo a minha carreira: Tu tens-me feito fallar Mais qu'huma gralha palreira.

ODE X.

O Cupido de Cera.

Um certo adelo outro dia Apregoava hum Cupido, Feito de cera macia;
Eu que passava.

Eu que passava, Fui perguntar-lhe, Por quanto o dava.

N'huma franca linguagem, Deixou na minha eleição A paga da linda imagem:

E então querendo D'ella informar-me, Me foi dizendo.

Náo fui dessa pessa Author; E vendo-a porque me custa, A ter em casa hum senhor,

Que quanto quer, Sem mais escolha, Hade-o fazer.

*

Pois bem, lhe disse eu; e então M'a deu por fraca moeda, Sem menor exhitação.

E feita a merca, Meto-o no Seío, Porque o não perca.

*.

E digo-lhe: ó meu Cupido,
Trabalha por me trazer
Sempre este peito incendido?
Cumpre meu rogo,
Pois se o náo cumpres,
Lanço-te ao fogo.

ODE XI.

A si mesmo.

A S moçás louçans me dizem: Anacreonte estás velho, Vê as cás, consulta as rugas, Perante hum fiel espelho.

*

Que vale, que esteja calvo, Ou tenha a fronte rugosa, S'inda sinto as mesmas forças D'huma idade vigorosa!

*

Por isso mesmo, que perto Vejo o prazo á minha vida, E sempre a levei contente, Tenha o seu fim divertida.

ODE XII.

A' Andorinha.

Com que genero de pena, Te não deveria agora Ir castigar Justiceiro, Andorinha palradora?

Cortando-te as leves azas?
Ou, sem menor piedade,
Exercendo em tua lingua
De Tereo a crueldade?

Porque viestes cantar-me; Ind'antes de nado o dia, E despertar-me do sono, Que Bathyllo me fingia?

O DE XIII.

A si mesmo.

D Is-se, que Atys, moço Frigio, Cheio d'estranho furor, Nas montanhas, por Cibelle, Soltava hum alto clamor.

Diz-se, que quantos bebiáo Nessa fonte celebrada, Que em Jonia fora aos Misterios Do Loiro Deos consagrada,

Com valente enthusiasmo, Transtornada a fantasia, Vagavão, enfurecidos Do Sacro dom da Poezia.

Eu então, de Bromio cheio, De perfumes, e de flores, C'os olhos na minha amada, Arde em mais doces furores.

ODE XIV.

A Cupido.

N Aó posso fugir d'amar: Cupido bem me avisava, Mas eu ,ou tonto, ou isento De seus avisos zombava.

Até qu'elle resoluto,
Ven do-me andar nest'empate,
Tomou carcaz, arco, e Settas,
E convocou-me a combate.

Armei-me eu, qual outro Achilles De Lança, de escudo, e malha, E offereci-me arrogante Ao Deos menino, em batalha.

Elle Settas, sobre Settas, Contra mim arremessou, Até que da eburnea aljava Todos os tiros gastou.

Que faz então; irritado, Por ver-me, huma vez sujeito, Em vez de setta, a si mesmo Se atira contra meu peito.

No fundo do coração, Me senti logo ferido: Outro remedio não tive, E confessei-me vencido.

Ninguem, com rija armadura, Contra este Deos se precate; Não valem armas por fóra, Quando he por dentro o combate!

ODE XV.

De si mesmo.

A Mim não m'importa Giges, Com toda a sua riqueza, Não quero ouro, nem m'encanta Dos Monarcas a Grandeza.

O meu gosto he perfumar-me, Co'os aromas do Oriente, E atar Capellas de Rosas Em redor da minha frente.

Số m'importa o dia d'hoje;
Pois quem sabe o que hade vir?
Se a sórte o deixa, passemos
O tempo a beber, e a rir.

Quem me diz, que de repente Hum morbo, que a vida arrasta, Não vem dizer-me aos ouvidos, Oh! tens bebido o que basta?

O DE XVI.

De si mesmo.

U cantas as Guerras
D'antigos Thebanos;
Aquelle os combates
Dos fórtes Troianos.

Eu só, quando a Lyra Encosto no peito, Celebro as conquistas, Que em mim se tem feito.

*

Não forão dragões, Nem velas ao vento, Que alçarão tropheos Ao meu vencimento.

*

Foi lindo esquadrão
De vistas brilhantes,
Que solta o meu bem
Dos olhos galantes.

ODE XVII.

O Copo de prata.

Oma esta prata; abre nella Ou paizes, ou figuras; Armas não; cá para mim, De que servem armaduras?

Eu abomino combates!
Faze-me, ó mestre profundo,
Hum copo recommendavel,
Quer por largo, quer por fundo!

*

Não esculpas nelle hum Signo, D'aquelles, que trazem chuvas; Lavra-lhe, em roda, huma vinha Farta de parras, e d'uvas.

*

Exprime, ao vivo o Deos Baccho, E o tenro inquieto Amor, Fazendo a vendima, alegres Com Bathylo encantador.

ODE XVIII.

Ao mesmo motivo.

M Estre d'arte, d'arte bella, No mundo o mais afamado! Prepara-me, desta Prata, Hum Copo bem trabalhado.

Abre nelle a Primavera, Com tua mão delicada, Das rosas, meu doce encanto, Airosamente toucada.

*

Grava os festejos brincões,
A' minha alma lisongeiros:
Mas nunca os nefandos cultos
Dos dous vates estrangeiros.

*

Nada de tragico; põe-lhe Baccho as taças ministrando, E co pequeno Hymineo A Deosa Venus dançando.

*

De fofa parceira a sombra, Com roxos cachos pendentes, Pinta os amores sem armas, E as almas Graças contentes.

*

Não te escapem bons mancebos Mettidos em felestria, E entre elles o Louro Apollo, Trasbordando de alegria.

ODE XIX.

Ao beber.

BEbe a terra quanto chove; As plantas bebem da terra, O Mar bebe o ar, e o Sol Das aguas, que o mar encerra.

Ao mesmo Sol bebe a Lua, Tudo bebe. E sendo assim; Porque razão, de beber Me quereis privar a mim?

ODE XX.

A' sua Amada.

D A Tantalo a filha, Na idade passada, Em penha na Frygia Se achou transformada.

E Progne igualmente, Princeza mesquinha! Perdeo sua fórma, Em vaga andorinha.

Oh! quem, n'um espelho, Se vira mudado, Por ser muitas vezes, Por ti encarnado!

Oh! quem, n'um vestido, Tornado se vira, Só porque teus hombros Galantes cobrira.

Oh! quem se vertêra Em banho gostoso, A fim de lavar-te O corpo mimoso.

Quem fora pumada Macia, e fragante, Que untasses com ella Teu peito galante. Quem fora teu Lenço,
Ou fio da moda,
Que a bella garganta,
Te ornasse de roda.

Ao menos chenela Polida, e airosa, Aonde me teces A planta mimosa.

ODE XXI.

De si mesmo.

R Aparigas, ministrai-me Essa taça trasbordando Do rubro Licor de Baccho, Pois stou de sede estalando

Trazei-me grinaldas novas, Com que metigue este fogo; Trazei-as viçosas, que hoje, Mal que as ponho murchão logo.

Mas todo este ardor externo, Não entr'em comparação, – Co'aquelle incendio amoroso, Qu'encerro no coração.

ODE XXII.

A Bathyllo.

M Eu lindo Bathyllo, Comigo te assenta, Debaixo do freixo, Que sombras ostenta.

Os Zefiros brandos As azas pulsando, As folhas lhe agitão, Em si murmurando!

Ao pé d'huma fonte Em branda corrente, Excita a brandura Em todo o vivente.

Ah! qual passageiro, Vendo este lugar, Se nega, a vir nelle O fresco tomar?

ODE XXIII.

Ao Ouro.

E as riquezas me podessem Os meus dias prolongar, Poria todas as forças Em hum thesouro ajuntar,

A fim de que vindo a morte, Que todo o vivo atropella, Dando-lhe huma grande soma, Se fosse embora com ella.

*

Mas se remedio não temos Para estender nossos dias, Para qu'havemos levallos Em lamentos, e agonias.

Se a morte a ninguem perdoa, Se isto he Lei do Fado austero, E o dinheiro a não revoga, Para q'outro cousa o quero?

Eis-aqui, porque não heide Por elle, verter suores, Antes beber c'os amigos, E dançar c'os meus amores.

O D E XXIV.

Ao mesmo motivo.

E M fim eu nasci mortal; E he da sórte dos mortaes, O fazer, sobre este mundo, Hum breve giro, e não mais.

Apenas sei das passadas, Deste tempo, que hei vivido; O que me resta a fazer, Tem-mo o fucturo escondido. Longe de mim reflexões, Longe cuidados: em fim, Se de nada me valeis, Ponde-vos longe de mim.

E em quanto não vem a Parca, Os meus dias suspender, Quero folgar, quero rir, Quero dormir, e beber.

ODE XXV.

A si mesmo.

A Penas que eu bebo De Baccho o licor, No peito adurmeço Angustias, e dor.

Porque heide meus dias Passar em canceira, Se eu heide acabar, Por mais que não queira!

Ah! fujáo-se enganos;
Façamos melhor
O tempo, bebendo
De Baccho o licor.
Pois logo que o bebo,
Com rapido effeito,
Angustias, pezares,
Me dormem no peito.

O D E XXVI.

Ao mesmo motivo.

Uando eu bebo, os meus cuidados Dormem n'hum sono profundo; E tenho, que ao grande Cresso Excedo, em rico, no mundo.

De repente o doce canto Me sahe da boca abrazada, E d'heras verdes toucado, Tenho tudo o mais em nada.

Vá quem quizer por seu gosto Seguir de Mavorte a lei; Corra á espada, ás lanças corra; Que eu ás taças correrei.

Prestes, rapaz, dá-me o copo, Minha alegria, e conforto; Antes me vejão deitado, Por borracho, que por morto.

ODE XXVII.

A Baccho.

T Anto que o sumo, Tenho esgotado, Que foi por Bromio Aos homens dado.

*

Elle dissipa
Minha amargura,
Lança, em minha alma,
Riso, e doçura,

Elle m'ensina Baile engraçado, Sem que o enoje Ver-me toldado.

Venus plausivel
Ven-me ençantar,
E tremulo, e ebrio
Entro a bailar.

O D.E XXVIII.

A' sua Amada.

E Ia perito pintor, Pintor decantado em Rhodes! Que desta Arte peregrina O Rei acclamar-te podes.

Pinta-me a minha adorada, E posto qu'esteja ausente, Eu vou descrever-ta ao vivo, Pois sempre a tenho presente.

Primeiramente, os cabellos Lhe traça longos, e finos; E se o pincel o permitte, Cheirem a aromas divinos.

*

Abaixo destas madeixas, Quaes minha alma t'as descreve; Lança huma fronte tão alva, Como a brancura da neve.

*

Deves suas sobrancelhas Com tal cautela pintar, Que chegadas, seja em modo, Que deixem de se tocar.

*

Deixa em meio hum breve espaço, Qual hum ponto, hum quasi nada; E faze as suas pestanas, D'huma côr azevichada.

*

Seus olhos de vivo fogo, E azues, quaes Minerva os tem, D'huma molleza expressiva, Igual de Cupido á Mái.

Compõe, pintor peregrino, As suas faces mimosas, D'huma mistura de leite, Mas amassado com rosas.

*

Quaes rubins, e persuasivos Deves seus labios fazer, Que deixem o mundo inteiro, Por seus beijos a morrer.

*

Pasmadas neste composto, Qu'eu t'informo, e vais pintando, Descreve-lhe as graças meigas, Já descendo, já trepando.

*

Veste-a de purpura, e deixa Alguma parte ficar, De seu bom corpo, despida, Para do mais se julgar.

*

Mais não careço dizer-te: Ao meu bem a copia iguala, Não só me parece vê-la, Parece-me até que falla!

ODE XXIX.

A Bathyllo.

O Delicado Pintor, Tu rival da natureza! Pinta, segundo t informo, Do meu Bathyllo a belleza.

*

Pinta-lhe os longos cabellos, Como de balsamo untados, Luzentes por entre negros, E de côr d'ouro mesclados.

*

Deixa-os cahidos em bugres, Por huma, e por outra parte, Sem estudo, sem alinho, Sem concerto algum, sem arte.

Faze as suas sobrancelhas, D'hum escuro relevante, E que á frente, côr dos lyrios, Seja o limite galante.

Os olhos, pinta-lhos negros, Entre fereza, e doçura, Que mostrem de Marte as iras, E de Venus a ternura.

*

Vê se consegues que tenhão, Com ambos tal semelhança, Que nelles descubra a hum tempo, Sustos, por entre esperança.

*

Pinta-lhe as faces vermelhas, Mas do vermelho das rosas; Cheias de hum pello mimoso. Qual o das fructas viçosas.

*

Apura, quanto ser possa, Entre esta galante côr, Hum certo fogo, que nasce De repentino pudor.

*

A boca, não sei dizer-te,
De que maneira se faça;
Mas em geral, nella abunde
Doce expressão, viva graça.

Ou porque tudo te diga, N'huma palavra sómente, Precisa que este retrato, Tenha o silencio eloquente.

*

Faze-lhe o rosto comprido; E imita, Pintor perfeito, Na sua garganta, Adonis, Mercurio nas máos, e peito.

*

Mas tu sempre tens hua arte, Que atraiçoa o nosso gosto! Porque lhe vestes seus hombros, O mimo deste composto?

*

Da belleza de seus pés, Para que te hei de informar, Se temos aqui modelo, Que te possa governar.

*

Por esta estatua d'Apollo, Pinta aqui Bathyllo bello; Se Apollo em Samos pintares, Tens em Bathyllo o modelo.

O D E XXX.

Do Amor.

C Om festões de frescas flores, As Musas Amor prendêrão, E acautelando-lhe a fuga, Em guarda á belleza o derão.

A livrallo, affadigada
A linda Venus correo;
E c huma soma avultada,
O seu resgate emprehendeo.

Mas inda qu'ella consiga A ventura de o remir, Talvez, que d'alli náo saia, Já costumado a servir.

O D E XXXI.

A si mesmo.

DEixai-me a meu gosto, Deixai-me beber, Eu quero em furores Minha alma accender.

D'Euriphile o filho, E Orestes raivoso Sentírão, por crimes, Furor espantoso.

Eu sem os remorsos De ser matricida, Vou ser furioso Com muita bebida.

O bravo Thebano, Co'a flecha de Ephyto, Ajunta em furores Delicto a delicto. Hum Ajax insano
Com seu grande escudo,
E a espada d'Heitor
Investe com tudo.

Co'a taça na mão Croado de flores, Sem lança, ou espada, Me entrego a furores.

O D E XXXII.

A's suas Amadas.

SE podes contar as folhas Do bosque, e areas do mar, Só assim fio que possas, Minhas Amadas contar.

Põe trinta e cinco d'Athenas,
De Corintho hum regimento,
Qu'esta Cidade d'Achaia
Tem moças, que são portento!

Da celebre Ilha de Lesbos, De Cária, de Jonia, e Rhodes, Sem fazer contas por alto, Duas mil contar bem podes.

*

Perguntas-me se amei tantas? Que não dirás, se contares As do Egypto, Syria, e Creta, Onde Amor tem seus altares!

*

Que mais queres, que te diga? Não contas, n'huma semana, Os meus amores da India, De Cadix, e Bactriana.

O D E XXXIII.

A' Andorinha.

U vens, andorinha amavel, O teu ninho fabricar, Apenas vês as campinas De brancas flores bordar.

Mas logo que a terra cobrem Os gelos, em larga copia, Vais habitar os rochedos De Memphys, ou de Ethiopia.

Amor tem sempre seu ninho Dentro do meu coração; E reciprocas succedem Huma á outra creação.

Quando huns amores se vêm De tenras pennas ornando, Já outros novos amores Se estão no peito chocando.

Alguns ha meios tirados; Outros co'a casca rachada, E co'as boquinhas abertas Fazem contínua piada.

Aos qu'inda são pequeninos, Dão de comer os maiores, E a seu tempo competente Produzem novos amores, Ai de mim! que hei de sazer?
Tão fecunda producção
Nem cabe na minha lingua,
Nem cabe em meu coração.

O D E XXXIV.

A huma Rapariga.

DE mim não fujas, Belleza ingrata, Por ver-me as tranças Da côr da prata.

*

Nem porque vences Em côr á rosa, Sejas comigo Tão desdenhosa

Olha que bella, Linda mistura Faz entre as rosas Do lirio a alvura!

O D E XXXV.

A' Europa, e Jupiter.

Touro, que nesse quadro As ondas vemos cortando, Elle sem dúvida he Jove, Pelo que estou combinando.

Elle sobre as costas leva Huma Sydonia galante, E co'as unhas corta as aguas Do fundo mar espumante.

Nenhum touro tresmalhado Da manada, em que pastava, Fazia tal! Elle he Jove: Outro as ondas não rasgava.

O D E XXXVI.

Sobre os prazeres da vida.

Porque me ensinas preceitos, D'hum Rhetorico facundo? De que aproveitáo lições Desnecessarias no mundo?

Antes m'ensina a beber A taça de vinho chêa; Ensina-me os jogos meigos, Da galante Cytherêa.

Já estas cans são os louros
Da frente rugosa, e velha;
Dá-me agua, ó mancebo, e mescla-a
Co'vinho dessa botelha.

Adormece-me os sentidos, Pois muito cedo, a meu ver, Irei á terra, onde os mortos Nada tem que appetecer.

O D E XXXVII.

A' Primavera.

T U não vês como em chegando A primavera, contentes De rubras rosas enfeitão As graças o peito, e as frentes?

Não vês como a furia ac lmão As ondas murmuradoras? Não vês como alegres voltão As aves merguihadoras?

Vê como o Sol resplandece, E as tempestades se vão; Vê como aos olhos são gratas As fadigas do villão?

Pare a terra as verdes hervas; A Oliveira cobra a côr; Corta-se a vide, e no golpe Baccho expurga o velho humor.

Por entre as folhas nascentes Do tronco grosseiro, e bruto Esperanças vem brotando De rico abundante fruto.

O D E XXXVIII.

De si mesmo.

Eu bem sei, que já sou velho, Mas, os copos empinando, Vejo desbanco os rapazes, Quer bebendo, quer dançando.

A hum odre, em vez de bordáo M'arrimo; e até esta idade, De m'encostar a huma cana Não tive necessidade.

Quem deseja batalhar, Batalhe quanto quizer: O' lá rapaz, traze vinho, Dêsse mais doce qu'houver.

A conta da minha idade He avultada, bem sei; Mas como velho, nas danças A Syleno imitarei.

O D E XXXIX.

A si mesmo.

M Al qu'eu bebo o doce vinho, De repente as minhas penas Fogem do peito, e contente Celebro as nove camenas.

*

Mal qu'eu bebo o doce vinho, De repente os meus pezares, E as reflexões enfadonhas, Rapidas vão pelos ares.

*

Mal qu'eu bebo o doce vinho, Baccho, em jogos engraçados, Me transporta alegre, e ebrio Aos Orizontes rosados.

Mal qu'eu bebo o doce vinho, E cinjo a crôa, que fiz, De flores mil variada, Celebro a vida feliz.

*

Mal qu'eu bebo o doce vinho, D'aroma fragrante ungido, A' minha amada abraçado, Decanto a Mái de Cupido.

*

Mal qu'eu bebo o doce vinho, E faço o esp'rito nadar Em grandes copos, entáo As Orgias vou celebrar.

*

Mal qu'eu bebo o doce vinho, Tenho este ganho subido, Que a Parca, que leva tudo, Não leva o que está bebido.

ODE XL.

A Cupido.

E Ntre rosas, que apanhava, O mal fazejo Cupido, Não vio huma loura abelha, E foi por ella mordido.

Mal que picado se vio, Na tenra mão, entre dor, Começou de levantar Hum magoado clamor.

Já correndo, e já voando A candida Mái buscou; Ai morri, morri, dizia, Ai Mái, teu filho espirou.

Olha bem; mordeo-me aqui Pequena, alada serpente, A que dá de abelha o nome, Do campo a enganada gente.

Ella vendo, disse: O' filho, Se isto tanta dor te faz, Que soffreráo os que provão Os golpes, que tu lhes dás?

ODE XLI.

Aos banquetes.

A Baccho demos louvores, Seu licor bebendo em tanto; Author dos coros, amigo Dos bailes, e doce canto.

> Elle co' Amor Terno se avém; Elle nos torna Mais viva a Mái.

Elle he o deos dos banquetes,
Donde á alegria se passa;
Elle deo ser, entre os copos,
A huma, e á outra Graça.

Por elle a dor Triste s'acalma; Por elle a angustia Nos morre n'alma.

*

Logo qu' a taça me trazem Os serventes engraçados, Sobre as rajadas dos ventos Rapidos vão meus cuidados.

> Eia bebamos, E de repente Nos fuja tudo, Quanto he pungente.

Que te aproveit essa vida, Que pouco a pouco consumes, Macerar com reflexões, E amargurados queixumes?

> Quem sabe as cousas Lá do futuro? A vida he cáos Em tudo escuro.

A mim sómente m'agrada, Depois da taça esgotar, E perfumar-me de aromas, Ir as chorêas traçar.

> E a par da linda, Formosa Isbella, Em leves gyros, Dançar com ella.

Todos esses, que desejão As penas que eu lanço fóra; Os sequazes da tristeza, Vivão tristes muito embora.

> Cantemos Baccho, Bebendo em tanto, Baccho, inventor Da dança, e canto...

ODE XLII,

De si mesmo.

DÃo á minha alma Gosto excessivo, De Baccho as danças, Meigo, e festivo.

Co'a mocidade, Qu'amor respira, Gosto, em bebendo, Cantar á lyra.

E mais me encanta,
Cingir capellas,
E entrar em jogos
Co'as Nymphas bellas.

Minh'alma ignora Inda o que seja, Maligno influxo De negra inveja. Eu fujo aos golpes,
Duros, traidores
Da aguda lingua
Dos mofadores.

Detesto as mofas,
E a solta grita,
Que nos banquetes
O Bromio excita,

Amo o descanço; Apraz-me á lyra Dançar co'a bella, Qu'amor m'inspira.

O D E XLIII.

A' Cigarra:

Uanto Cigarra és ditosa! Bebendo frescos orvalhos, Cantas, qual huma Rainha, Sobre os crutos dos carvalhos.

Tudo, quánto se descobre, Que produza o bosqu'ameno, He teu; he teu quanto cria O vasto pingue terreno.

*

Tem por ti os lavradores Amizade verdadeira, Pois tu, jámais, lhe fizeste Damno algum á sementeira.

*

O' Cigarra venturosa! Todo o mundo te venera, Como alegre profetiza Da volta da Primavera.

*

Amáo-te as filhas d'Apollo; O mesmo Apollo te adora; Elle, por ti decedido, Te deo essa voz sonora.

*

Filha festiva da terra! Nem co' tempo t'envelheces, Nem, doce amiga do canto, Dores, ou males padeces.

Em ti não circula sangue; Não és de carne formada; Da natureza dos Deoses Deferes ou pouco, ou nada.

ODE XLIV.

A hum sonbo.

S Onhei outro dia Qu'andava gyrando, As azas, nascidas Nos hombros, pulsando.

Qu' Amor me seguia, E tendo ligado Hum pezo a seus pés, Fui delle apanhado.

Que posso inferir, Que diga este sonho? Não he outra cousa, Segundo supponho, Senão, que d'Amor Fugindo aos grilhões, Jámais o farei Das novas prizões.

ODE XLV.

A's settas d'amor.

As vastas furnas de Lemmos Em rija safta, Vulcano Batia as settas, qu'atira De seu arco o moço insano.

Venus meiga as temperava N'hum vaso de louro mel; O duro filho as untava, Ao depois, de amargo fel.

Eis de hum combate vaidoso, Entrou na furna o Deos Marte Pezada lança na mão, A espada no talabarte.

Olha ao través sobre as settas, Mostrando hum ar de desprezo, Desdenha do seu tamanho, E mofa do pouco pezo.

Amor, tomando huma dellas, Com sua pequena máo, Lhe disse: Pega-lha Marte, Observa se peza, ou náo.

Ao ir tomalla, surrio-se A galante Mai d'Amor; Pegando-lhe deo suspiros Hum Marte, e mudou de côr.

Toma-a, disse: he bem verdade; Não só peza, he fogo ardente: Guarda-a lá, lhe torna Amor, Della te faço presente.

ODE XLVI.

Ao poder do Ouro.

O Não amar he disgraça; Amar, disgraç he também! Mas a maior he amar Nymphas, que amor nos não tem.

Sangue, Virtude, Saber, Talhe airoso, e gentileza, São pequenos atractivos Aos olhos d'huma Belleza.

Ouro sómente lhe arranca, Do peito amorosos ais; Ouro faz ditoso o amante, Não virtudes pessoaes.

Maldito aquelle primeiro, Que rasgando a terra dura, Fez sahir este inimigo, A ver do Sol a luz pura.

Por elle, que tanto cega, Com refulgente clarão, Atraiçoa ao Pai seu filho, Hum Irmão ao outro irmão!

*

Com elle ao mundo vierão Heroes, de havello sedentos, Por entre sangue esparzido, Por entre roubos violentos.

*

Por elle, maldito seja! Vê o mundo, a cada instante, Comprar hum rico rival, O premio d'hum terno amante.

O D E XLVII.

A' velhice alegre.

R Neanta-me ver hum velho, Que nunca foi rabugento, Que s'alegra, e se mistura Dos moços no ajuntamento. Com elles, d'involta Bebendo, e folgando, Em doces prazeres Seus dias findando.

Hum velho destes confunde A ardente, co'a fría idade! Em que differe este gelo Das brazas da mocidade?

> Se bebe, se ri, Se joga, se dança, Só acho que he velho, Na alvura da trança.

O D E XLVIII.

Em banquete com os amigos.

Razei-me a lyra
Do grande Homero,
Qu'em lauta mesa,
Tangella quero.

Tirai-lhe a corda
De som pezado,
Que as lutas canta
De Marte irado.

Com doce Bromio,
Que me transporte,
Trazei-me os copos
Da minha sorte.

Eu os misturo: Dai-me os bilhetes: Hei de ser hoje Rei dos banquetes.

Resta, em furores, Que Baccho inspira, Cantar seus Hymnos Ao som da lyra.

Cante-se a gloria
Desta Deidade;
Solte-se o estro
Com liberdade.

O D E XLIX.

A' cerca de Baccho:

Os meus lyricos acentos; Move no quadro o pincel, Conforme a meus pensamentos.

Pinta-me o Deos das vindimas Sobre o carro magestoso, Em que, nas margens do Ganges, Os tigres jugou vaidoso.

*

Os Satyros pinta em roda, E as Bacchantes, gente louca, Dançando, e hum ebrio tangendo, Com duas flautas na boca.

Pinta as Cidades festivas, Este Numen celebrando, Em pompa, fausto, e applauso Por suas ruas levando.

E se o pincel o permitte,
Se tanto podem as cores,
Exprime ao vivo essas leis,
Que guardão os bebedores.

ODE L.

Ao Deos Baccho.

E Ste Deos, que fortalece A mocidad' entre as taças, Qu'ensina os jogos, e as danças, Dá saude, e inspira as graças.

*

A nos torna, e vem com elle Aquelle rouxo licor, Qu'infunde n'alma alegria, E do peito espanca a dor.

He este o sumo da vide, Qu' inda não bem sasonado No cacho, á sombra das parras, Está do tempo guardado.

Mas logo qu'o ferro o corte, E o calque o pé rigoroso, Sahirá, e em larga cuba Se cozerá generoso.

*

Entáo no copo espumando, Ao cheiro, e gosto agradavel, A nossos cançados corpos Dará hum vigor saudavel.

O corpo, e 'sprito sadío Nos trará licor táo puro, Até que benigno venha Ver-nos no Outono futuro.

ODE LI.

A Venus nadando.

Ual foi o pincel divino, E qual a mão d'invejar, Que tão proprios pôde os mares Nesta bandeja pintar?

Que os pôde exprimir ao vivo,
De si mesmo entumescendo,
E em rolos de branca espuma
Sobre as arêas correndo?

*

Só com viva fantasia Por alto Numen inflammada, Pintava, como pintou, Venus aos mares lançada!

*

Despido aos olhos nos deixa Seu lindo corpo nevado; Mas quanto a modestia véda, As ondas nos tem vedado!

*

O cristal do mar ondoso
D'huma em outra parte errando,
Corta c'os braços nevados,
E o vai c'o peito arrostando.

*

As espaldas, que apparecem, E o collo, ao cimo do mar, Brilhão, como entre as violas, Vemos os lirios brilhar.

Com qu'arte pôz a mão destra Cupido, e seus servidores, Brincando em torno da Deosa, Sobre delfins nadadores!

*

Do fundo pego attrahidos Sobem das aguas ao lume, Por vê-la os Tritões, e os peixes, Em rebanhado cardume!

*

Por entre o cristal das ondas As lindas costas alvejão; Peixes, Tritões, e Golfinhos Em roda a sombra lhe beijão.

ODE LII.

A' Vindima.

Uanto he doce ver n' Outono Pelas vinhas misturados, Moças louçans, e mancebos, Na vindima affadigados,

Huns enchem fundos cabazes Dos cachos, qu'alegres cortão; Outros em chusma, e folguedo Aos lagares os transportão.

Ahi alternando as plantas, Fazem do bago esmagado Sahir, em fervida espuma, O doce mosto rosado.

Em altos risos, e em grita, Recitáo facessias Rimas Ao velho Syleno, e a Baccho, Presidentes das vindimas.

Que alegria os não transporta, Quando, chegando a sazão, O sentem dentro das cubas Estar fervendo em cachão!

Tu, ó tempo accelerado, Parece tardo lhe passas, Thé ao tempo de cozido Erguer espuma nas taças!

He entáo, qu'em risos doces Vêm, de gosto repassados, O cumprimento das preces No fructo de seus cuidados.

*

Entáo se bebe, e com elle Esforçado o velho dança, E ao tremulo pé imita Nas costas a nivea trança.

*

Vê-se logo, em fogo acceso, O mocetáo bebedor Passar do lume de Baccho, A's lavaredas d'Amor.

*

Eis atrevido se posta Junto da bella, que adora; Elle em franqueza lhe falla, Ella de pejo se córa.

*

Amor se ri das finezas, Ditas em tal liberdade; Baccho promove as desordens Do vinho, e da mocidade.

Estes dous fogos ao peito Dáo calor, e valentia; Então explica, e faz quanto, Nem fizera, nem diria.

Fis-aqui, como este sumo,
Do roxo cacho tirado,
A s vezes o amante sério
Torna amante confiado.

ODE LIII.

A's Rosas.

C Antemos a Primavera De lindas flores croada; Dêmos louvores á rosa, Ao som da lyta affinada.

*

Eu sou pouco: dá-me auxilio Das Musas amigo, e meu; Cante-se a flor, que prezárão Os Numes da terra, e Ceo.

A rosa, he prefum' aos Deoses, He dos homens o prazer; As graças, surrindo, a colhem, E vão das tranças prender.

*

Faz as delicias de Venus Pela Estação dos Amores; As lyras de toda a idade Repetírão seus louvores.

Amigo.

He o desvelo das Nymphas, E as Pierides sagradas, Sem medo aos bicos, a colhem Com suas máos delicadas.

Anacreonte.

A rosa faz, pelo estalo De suas folhas galantes, Que julguemos dos successos Ou bons, ou máos dos amantes.

Amigo.

A rosa ou seja na planta, Ou em fartos ramalhetes, Faz os prazeres do campo, Faz a graça dos banquetes. Anacr.

Que póde ser bom sem rosas, Se n'expressão dos cantores Forão sempre o mimo, e enfeite Das graças, e dos Amores?

*

A rouxa Aurora de rosas Os seus lindos dedos tem, As Nymphas os tenros braços, E o rosto d'Amor a Mái.

Amigo.

A Medicina sem rosas, Tyranna falta sentíra, Donde o balsamo encontrára, Que das suas folhas tira!

*

Ella dá fragancia aos corpos, Ao tempo resiste, e a rosa Tem já secca o bello cheiro, Que tinha quando viçosa.

Anacr.

De sua origem tratemos:
Mal que vio nascer o mar
Venus de suas espumas,
E suas ondas cruzar,

Quando da fronte de Jove Pallas guerreira sahio, Então a terra gostosa Esta planta produzio.

Amigo.
Todos os Deoses do Olympo
O seu nascimento honrárão,
E do Negtar precioso,
Suas folhas borrifárão.

Ao mesmo instante, das folhas Se vio rebentar vaidosa, De mil espinhos guardada, Dos Deoses a flor mimosa.

ODE LIV.

De si mesmo.

A Vista do bello rancho De mancebos, e donzellas, De velho me torno moço, E folgo em dançar com ellas.

Faze-te moço tambem; Imita-me caro amigo; Dá-me capellas de rosas, Move as plantas, vem commigo.

Pois que de mim s'alongou O pezo da longa idade, E em rapaz me transformei, Vou dançar co'a mocidade.

Trazei-me de pressa a taça; Esse licor generoso, Ao velho em moço tornado, Tornará mais vigoroso.

Veja-se hum velho que folgă; Que bebe sem ser pedido; Desinquieto brincando, Sem tazer-se aborrecido.

ODE LV.

Sobre os Amantes.

Os cavallos se distinguem, Nas suas raças diffrentes, Pelos signaes, que na espadoa Lhe imprimem ferros ardentes.

Distinguem-se na campanha De Marte as gentes guerreiras, Humas nas cores dos elmos, Outras nas suas bandeiras.

Tem os Amantes tambem Nos olhos certos signaes, Que se intentão disfarçar-se, Então se descobrem mais.

FIM.



